

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**UMA MULHER ALÉM DE SEU TEMPO :**

**MAURA DE SENNA PEREIRA**

**MESTRANDA: ROSA MARIA STEINER SCHROEDER**

**ORIENTADORA: PROFa. DRa. MARIA TERESA SANTOS CUNHA**

**FLORIANÓPOLIS  
1997**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

**UMA MULHER ALÉM DE SEU TEMPO**

**MAURA DE SENNA PEREIRA**

**MESTRANDA: ROSA MARIA STEINER SCHROEDER**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Grau de Mestre em História à Banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha.

**FLORIANÓPOLIS  
1997**

UMA MULHER ALÉM DO SEU TEMPO:  
MAURA DE SENNA PEREIRA.

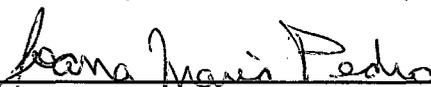
ROSA MARIA STEINER SCHROEDER

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



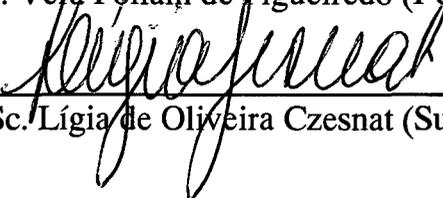
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Tereza Santos Cunha (Orientadora)



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Joana Maria Pedro



Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Vera Follain de Figueiredo (PUC/RJ)



Prof.<sup>a</sup> M. Sc. Lígia de Oliveira Czesnat (Suplente)

Florianópolis, 02 de junho de 1997

À

Lycaste Machado e Zilda Steiner

duas mulheres fortes

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a contribuição de inúmeras pessoas e instituições à quem agradeço e dentre as quais saliento algumas que foram inestimáveis:

Quero consignar em primeiro lugar a minha gratidão à Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha, cuja inteligência aliada a uma grande sensibilidade tornou a elaboração deste trabalho muito prazerosa e alegre.

Também aos professores da Pós-Graduação em História que me indicaram os primeiros caminhos nesta tarefa sempre tão espinhosa. Gostaria de agradecer principalmente ao Prof. Sérgio Schmitz e às Profas. Joana Maria Pedro e Lígia de Oliveira Czesnat.

Aos companheiros de estudos: Patrícia, João, Reinaldo, Léa e Mary, agradeço pelas tardes de quarta-feira, em que misturamos estudos com brincadeiras e alegrias. Obrigada pelos valiosos comentários e sugestões. Também gostaria de agradecer à Ivonete Pereira e Margarete Sell da Matta pela disponibilidade que sempre tiveram para comigo.

Meu especial agradecimento à Academia Catarinense de Letras e muito particularmente ao Sr. Paschoal Apóstolo Pitsica cuja simpatia e bondade me foram tão importantes.

Aos funcionários do Setor de Santa Catarina da Biblioteca Pública de Santa Catarina sempre prestativos às minhas solicitações, nos incontáveis dias de pesquisa em jornais e revistas.

Um especial agradecimento à Helena Correa Netto da Silva que muito me auxiliou pesquisando na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e me repassando informações valiosas. Também um especial carinho à Vera Lúcia Fontes da Silva pelo incentivo e pela torcida.

Também agradeço às pessoas que me concederam entrevistas pois muitas vezes compartilharam comigo um pedaço de suas vidas e enriqueceram muito este trabalho.

Agradeço especialmente ao Marco Antonio que sempre participou comigo deste processo e sobretudo pela revisão dos textos que iam sendo escritos. Também meu obrigada aos meus filhos, Fernanda, Rafael e Luísa que cederam espaço e tempo para que eu pudesse me dedicar, por um certo período, quase que integralmente à uma outra pessoa.

À minha mãe que se sentiu enciumada pelo espaço que Maura foi ocupando em minha vida, mas que sempre me incentivou à seguir em frente.

À Adelaide que na prática, foi quem arcou com a maior parte da sobrecarga de trabalho que ocorreu em função de minha dedicação aos estudos.

E finalmente, gostaria de agradecer à Universidade do Estado de Santa Catarina e mais especificamente ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação que me liberou para que este trabalho pudesse ser realizado.

*Como é por dentro outra pessoa  
Quem é que o saberá sonhar?  
A alma de outrem é outro universo  
Com que não há comunicação possível,  
Com que não há verdadeiro entendimento.*

*Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
são gestos, são palavras,  
Com a suposição de qualquer semelhança  
No fundo.*

*Fernando Pessoa, Poesias inéditas.*

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>I</b>
<b>CAPÍTULO 1 - Laços invisíveis</b> .....	<b>1</b>
1. Entre os pessegueiros floridos .....	<b>1</b>
2. Embaixadora da mulher catarinense .....	<b>27</b>
3. Atividades políticas .....	<b>32</b>
4. Desempenhando a missão .....	<b>39</b>
5. A escrita .....	<b>45</b>
6. Cultura .....	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 2 - Possibilidades de liberdade</b> .....	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO 3 - Quando o pensamento quer ser canto</b> .....	<b>109</b>
1. O desencantamento de Eva .....	<b>112</b>
2. A preocupação social .....	<b>137</b>
3. A magia da natureza .....	<b>148</b>
4. Uma visão estética do mundo .....	<b>154</b>
<b>POST SCRIPTUM</b> .....	<b>160</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>165</b>

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. **Uma mulher além do seu tempo:** Maura de Senna Pereira. Florianópolis, 1997. 182p. Dissertação ( Mestrado em História ) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa dos Santos Cunha.  
Defesa: 02/06/97

Reconstroi a história de vida e a trajetória intelectual de Maura de Senna Pereira, poetisa, jornalista e intelectual florianopolitana, procurando tanto contextualizá-la espacial e temporalmente, como mostrá-la como uma mulher com idéias avançadas para a sua época. Nascida na primeira década do século XX, dentro de uma sociedade dita "tradicional", com vários costumes provinciais, ela rompe com algumas barreiras de seu tempo, desafiando normas e traçando para si outras possibilidades de vida. Mostra também como ela se contrapôs ao estereótipo de que em Florianópolis no início do século, as mulheres burguesas estavam confinadas ao lar e não lutavam por mudanças no seu papel social.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. **Uma mulher além do seu tempo: Maura de Senna Pereira**. Dissertação ( Mestrado em História ) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. 182 p.

## RESUMO

Reconstrói a história de vida e a trajetória intelectual de Maura de Senna Pereira, poetisa, jornalista e intelectual florianopolitana, procurando tanto contextualizá-la espacial e temporalmente, como mostrá-la como uma mulher com idéias avançadas para a sua época. Nascida na primeira década do século XX, dentro de uma sociedade dita "tradicional", com vários costumes provinciais, ela rompe com algumas barreiras de seu tempo, desafiando normas e traçando para si outras possibilidades de vida. Mostra também como ela se contrapôs ao estereótipo de que em Florianópolis no início do século, as mulheres burguesas estavam confinadas ao lar e não lutavam por mudanças no seu papel social.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. **Une femme avancée pour son époque :**  
Maura de Senna Pereira. Dissertation (Maîtrise en Histoire) - Curso de  
Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997. 182 p.

## RÉSUMÉ

Cette étude qui rétablit l'histoire de vie et la trajectoire intellectuelle de Maura de Senna Pereira - poète, journaliste e femme de lettres florianopolitaine - a pour but non seulement d'insérer spatial et temporellement cette artiste dans un certain contexte mais aussi de lui faire se montrer comme une femme dont les idées étaient avancées pour son époque. Née pendant la première décennie du XXe siècle, dans une société dite "traditionnelle" où une diversité de moeurs étaient bien enracinées, cette femme rompt avec quelques barrières sociales de son temps, en défiant les règles et traçant pour elle-même d'autres possibilités de vie. Cette recherche nous montre aussi de quelle façon cette artiste-là s'est opposée au stéréotype qu'à Florianópolis, au début du siècle, les femmes bourgeoises restaient enfermées en leur maisons et qu'elles ne luttait pas pour changer leur rôle dans la société.

## INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XX, Florianópolis ainda se apresenta como uma cidade de pequenas propriedades e se comparada à outras capitais brasileiras, caracterizada por um certo atraso agrícola e com uma inclinação para a pesca. É um período de estagnação, posição contrária a outros municípios do Estado de Santa Catarina que continuam crescendo economicamente.

A partir da década de 20 inaugura-se um período muito rico para a cultura brasileira, com o Modernismo provocando alterações na paisagem cultural e na mentalidade brasileira tanto na literatura como também em outras áreas. É nesse período que é criada a Academia Catarinense de Letras, em 1924, ocorrendo pouco após o movimento literário da Geração da Academia, que ilhada em Florianópolis mantém-se alheia à fermentação modernista de São Paulo. Praticamente essa não vinculação com o movimento modernista que ocorre com os membros da Academia Catarinense de Letras, acontece também com a literatura catarinense em geral.

No aspecto econômico, a I Guerra Mundial e os anos 20 têm muita importância para a evolução do Estado, sobretudo pela implementação do modelo de substituição de importações que vai contribuir para Santa Catarina se inserir no mercado nacional.

Na década de 30 com o governo de Getúlio Vargas derrubam-se as barreiras alfandegárias interestaduais e a função do Estado exportar para São Paulo fica mais fácil.

Época nacional de intensa movimentação política com o surgimento do Partido Comunista, da Aliança Liberal e, em 1934, do Partido Integralista. A situação do país é de autoritarismo, sendo governado por decretos-lei e com o poder em diversos níveis colocado em mãos de pessoas nomeadas pelo governo central.

Em Santa Catarina, nesse período, propriamente não há partidos políticos, mas interesses de grupos dominantes. As eleições são fraudulentas, não havendo o voto secreto.

A imprensa da cidade mantém relações diretas com o poder, evidenciadas no fato de que o jornal "A República" é de propriedade do Partido Republicano.

Maura de Senna Pereira nasce nessa sociedade e nela o discurso vigente delega às mulheres um papel secundário aos homens, em que, em geral, somente são considerados os papéis que elas representam sob a tutela masculina.

Ao considerar que as relações sociais são constituídas não apenas de sujeitos em classes diferentes, sejam elas: econômicas, sociais ou culturais, mas também em campos sexualmente divididos, leva-nos a querer perceber a história das mulheres pois, *"a história que conhecemos foi fundamentalmente escrita a partir da perspectiva do sujeito masculino autorizado - a consciência 'única triunfante' "*.<sup>1</sup>

Sabendo-se que a historiografia foi escrita predominantemente por homens e além disso, foi freqüentemente calcada em personagens masculinos, cabendo às mulheres uma posição secundária, constata-se que elas foram o grande contingente silencioso da história escrita. Uma parte significativa das mulheres, especialmente das mulheres burguesas, estava mais habituada a transitar no espaço privado, o que pode ter propiciado um certo silêncio da história

---

<sup>1</sup> FOX-GENOVESE, Elizabeth. Placing women's history in history. *New Left Review*, n.133, mai-jun.1982.p.21

oficial sobre a presença delas na sociedade (é bom lembrar que muitas mulheres se manifestaram publicamente, mas isso ficou submerso frente ao discurso oficial).

Por não se exporem habitualmente no espaço público, não tiveram um discurso próprio, fazendo com que fossem os homens que muitas vezes dessem uma identidade à elas. E ao se definirem como "a" voz, os homens ignoraram a presença, às vezes até desqualificaram as mulheres e se colocaram como a verdadeira voz da história. Assim, cabe à(o) historiadora (or) rejeitar esse discurso tido como "verdadeiro", desconstruí-lo para que aflorem outras histórias e outros sujeitos.

O fazer histórico é caracterizado pela existência de uma premissa em que gênero quer dizer relação, ou seja, as posições dos sexos e a opressão das mulheres não são algo determinado, mas o fruto de uma relação culturalmente construída. Assim, *"homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles pode ser alcançada por um estudo separado"*.<sup>2</sup>

Tornar as mulheres tema de estudo é descobrir algo até então invisível e assim, as(os) historiadoras (es) que trabalharem com relações de gênero devem ter o cuidado de levantar um véu para ver o que tinha sido encoberto, para dar um significado aquele silêncio.

Uma questão sempre me interessou: se tantas mulheres tinham tido uma história interessante ( descobrimos isso muito mais por outros meios do que pelos livros de História), por que não apareciam? Foi preciso, então, fugir dos discursos oficiais e procurar *"os desvios, aquele que permite 'capturar peculiaridades próprias de sua atuação cotidiana e improvisadora' "*.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Scott, Joan apud PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.2, 1994. p. 41.

<sup>3</sup> Dias, Maria Odila Leite da Silva apud MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. p.16

Atualmente, temos assistido a uma avalanche de trabalhos biográficos que têm sido levados à cabo por jornalistas, romancistas, etc... e que têm obtido grande sucesso de público. Ao mesmo tempo, temos observado também, o ressurgimento da importância do indivíduo na história. Isso talvez esteja ocorrendo porque as ações da experiência estão sendo cada vez mais valorizadas e também porque a história deixou de valorizar somente as grandes personalidades para dar ouvidos às pessoas comuns e à toda atividade humana.

A biografia é a escrita de uma vida. Ela passa uma experiência proporcionada por um olhar lançado sobre o outro. E quem lança este olhar é o narrador dessa história de vida.<sup>4</sup>

Poder-se-ia dizer da biografia, aquilo que Marina Maluf, se referindo ao ato de lembrar diz: *"é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado..."*<sup>5</sup> Ou como dizia Piglia *"estou me sentindo como se estivesse (...) perdido numa selva onde tento abrir caminho para reconstruir o rastro dessa vida entre os restos e os testemunhos e as notas que proliferam, máquinas do esquecimento."*<sup>6</sup>

Além de ser uma construção, a biografia também é uma forma de fazer a relação da vida cotidiana com o seu contexto, pois a história de uma vida é parte integrante da história mais geral. Isso ocorre porque a memória de um indivíduo está preta de conceitos de seu grupo, cujos significados simbólicos são compartilhados entre eles; ele está imbricado numa rede de interações, recebendo e também influenciando os outros membros de grupo.<sup>7</sup>

A(o) historiadora(or) que quer escrever a história de uma vida, deve levar em consideração que os registros deixados pelo sujeito são como luzes e pistas, rastros deixados,

---

<sup>4</sup> SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: -----, **Nas malhas das letras**. São Paulo : Cia das Letras, 1989. p. 38-52.

<sup>5</sup> MALUF, op. cit. p. 29.

<sup>6</sup> PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. São Paulo : Iluminuras, 1987. p. 23.

<sup>7</sup> ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.

mas são também produto da dissimulação, de despistamento. Dessa forma, é preciso também compreender que os registros deixados pela pessoa a ser biografada, contém omissões e evidências que podem ter sido feitos para dar a visão que ela queria que se tivesse dela. Também é necessário atentar para o fato de que os registros de alguém evidenciam o modo como ele se representou. Na realidade, uma pessoa deixa um ponto de vista de si mesma, deixa transparecer a visão que quis que se tivesse dela, escondendo partes suas que não lhe interessava mostrar. De acordo com William Gass, *"toda palavra, todo gesto, todo ato podem revelar uma parcela da natureza íntima de seu agente, e se buscamos a dissimulação, obtê-la pode parecer mais fácil nos clichês, por trás de semelhanças, mediante a imobilidade ou qualquer das reações tão completamente exigidas pelas circunstâncias a ponto de vedar a individualidade..."*<sup>8</sup>

Dessa forma, cabe à (ao) historiadora (or) tentar perceber uma pessoa, não somente através das coisas ditas, mas também nas lacunas e nas frases feitas; é preciso trabalhar o dito e o não-dito. Porque também de ausências se faz uma história. Muitas vezes, a partir de uma ausência manifesta, a pesquisa pode revelar uma presença. Assim, pesquisar não somente os registros deixados, mas a vida e obter testemunhos sobre ela, podem ajudar consideravelmente a(o) pesquisadora(or) a ter uma visão mais equilibrada do seu objeto.

Para Momigliano, citado por Levi, *"la biographie reste quelque chose de relativement simple. Un individu possède des limites claires, un nombre restreint de relations significatives..."*<sup>9</sup> Gass, citando Lewis Thomas falando sobre a autobiografia, também a afirma simples, reforçando que o espaço compreendido dentro desses limites bem definidos dentro dos quais ela se faz, podem ser reduzidos por diversos motivos: *"descontando-se as*

<sup>8</sup> GASS, William. A arte do self. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 ago. 1994. Caderno Mais, p.5.

<sup>9</sup> Momigliano, Arnaldo apud LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. **Annales ESC**, Paris, n.6, nov.-dec. 1989. p. 1325.

*lembranças imprecisas, as reconstituições em interesse próprio e outros embustes, seu cômputo se reduz. Os momentos indelévels restantes têm grande probabilidade de ocupar 30 minutos. Esses fragmentos, diz ele, são o assunto que convém as memórias".*<sup>10</sup> Assim como a autobiografia, a biografia também não se ocupa de todos os momentos de uma vida. A(o) biógrafo(a) deve estar atenta(o) (e esta é uma atitude dramática) para a seleção de dados que é obrigada a fazer. Separar e discernir o que vai ser utilizado e o que vai ser deixado de lado é problemático e angustiante.

Entre outras funções que encontra para a biografia, Levi evidencia como elas são momentos ideais para se perceber as possibilidades de liberdade que um indivíduo tem, mesmo estando inserido em um sistema normativo e disciplinador. E completa: "*[la biographie] est perçue comme le lieu idéal où éprouver la validité des hypothèses scientifiques concernat les pratiques et le fonctionnement effectif des lois et des règles sociales*".<sup>11</sup>

Essa idéia foi fundamental para ajudar na percepção de como, mesmo estando inserida em uma sociedade normativa, Maura encontrou meios de resistir ao sistema imposto e descobrir novas possibilidades de vida.

Mas, escrever uma biografia pode ser também um ato de fé. Este ato requer uma postura afetiva e humilde com vistas a recuperar aquela história de vida. Entretanto, além desse envolvimento, deve permanecer a responsabilidade de quem se propõe a divulgar uma visão particular dessa vida e repassá-la para outras pessoas. Assim, é preciso resistir à tentação de complementar os dados obtidos nas pesquisas, resguardar os rastros obtidos e interpretá-los, sempre mostrando que diferentes representações poderiam ter sido feitas.

Sabemos que não é possível "resgatar a verdade" sobre Maura de Senna Pereira, simplesmente porque não existe uma verdade e sim interpretações. Entretanto é preciso

<sup>10</sup> Thomas, Lewis apud GASS, op. cit. p.5.

<sup>11</sup> LEVI, op. cit. p. 1325.

considerar que o texto que tem a pretensão de ser histórico deve estar ligado ao real. A dupla dependência que Chartier diz que a (o) historiadora (or) deve ter, se inscreve tanto na relação com o arquivo e portanto com o passado "do qual ele é vestígio", como aos critérios de cientificidade e às operações técnicas que lhe são próprias. Assim, é necessário atentar para o que ele chama de "intenção de verdade" que deve sempre perpassar o trabalho historiográfico. Abandoná-la *"seria deixar o campo livre a todas as falsificações, a todas as falsidades que, por traírem o conhecimento, ferem a memória"*.<sup>12</sup>

A perspectiva desse estudo, consiste na recuperação da história de vida e da trajetória intelectual de Maura de Senna Pereira, poetisa, jornalista e intelectual florianopolitana, pretendendo mostrar como ela se contrapôs ao estereótipo de que em Florianópolis as mulheres letradas estavam confinadas ao lar, principalmente nas décadas de 20 e 30 do nosso século.

Assim, procuraremos perceber como uma mulher nascida e criada no seio de uma família "tradicional", dentro de uma sociedade machista com vários costumes provinciais, pode romper com algumas barreiras da época, desafiando normas e traçando para si, outras possibilidades de vida.

As fontes utilizadas como subsídios para a pesquisa são constituídas por fontes escritas compostas pelos textos em poesia e prosa escritos por Maura, além de cartas, entrevistas, artigos, livro e textos em geral que escreveram sobre ela. Além das fontes escritas, foram utilizadas ainda fontes orais que se constituíram nos depoimentos obtidos entre pessoas do seu relacionamento. As informações foram obtidas através de entrevistas não - estruturadas<sup>13</sup> que

---

<sup>12</sup> CHARTIER, Roger. A história hoje. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, 1994. p. 110-1.

<sup>13</sup> A entrevista não-estruturada é aquela em que o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Nela as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. Ver: LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo : Atlas, 1991. p. 197.

tinham por objetivo cruzar com as informações obtidas através dos escritos de Maura, para tentar ver além do ponto de vista que ela quis deixar para os outros.

Tendo essa preocupação em mente e também por compreender que uma obra poética não é transparente, tentei enxergar Maura além da imagem que ela quis deixar para a posteridade e assim foi preciso e necessário cruzar as informações obtidas em seus registros com dados colhidos em outras fontes, tais como: depoimentos orais, textos de outras pessoas, etc.

Essas fontes permitiram a (re)construção de uma história cujos limites estão instaurados entre os anos de 1904 e 1992, período que abrange o tempo de vida de nossa poetisa.

A elaboração dessa pesquisa exigiu que fosse feita uma leitura de todas as fontes obtidas e seu posterior fichamento. Esses fichamentos me levaram à criação de "categorias" com a finalidade de agrupar as informações por temas mais específicos, tendo sido então separadas em duas grandes "categorias": "Vida" e "Temas".

Dentro da "categoria" "Vida" foram agrupados os dados sobre a sua vida, como por exemplo: infância, estudos, pioneirismos, resistências, profissões, Academia, etc...

Em "Temas", procurei extrair grandes preocupações temáticas dentre seus escritos, que resultaram em outras dez "categorias": Mulher, Fraternidade, Social, Natureza, Educação, Religião, Arte, Saúde, Brasil e Amor. Essas "categorias" foram fundamentais para a interpretação que construí sobre a vida dessa poetisa.

É importante observar que, nesse trabalho, foi dada maior relevância ao período em que Maura de Senna Pereira permaneceu em Florianópolis (1904-1940), o que corresponde ao primeiro capítulo dessa dissertação, visto que nossa prioridade era mostrar como Maura foi uma mulher à frente de seu tempo, nesse espaço. Assim, as contribuições jornalísticas de Maura à imprensa florianopolitana foram pesquisadas exaustivamente. Para que sua história de vida

não ficasse fragmentada e para que se pudesse captar melhor sua visão de mundo, optamos por estudar também o período em que ela permaneceu no Rio de Janeiro mas, a ênfase que se pretendeu dar, foi ao primeiro período. Assim, os trabalhos jornalísticos de Maura no Rio de Janeiro não foram pesquisados com rigorosidade e sim, elegeu-se a seleção que a própria Maura fez deles ao selecioná-los e anexá-los aos álbuns que acabaram formando o seu Arquivo e que se encontra armazenado na Academia Catarinense de Letras. Assim, mais uma vez é bom reprimir que essa seleção reflete a imagem que Maura quis deixar para a posteridade e daí nosso cuidado especial com a análise desses textos.

Por ter sido esse Arquivo montado pela própria poetisa, que não teve preocupação em preservar as informações bibliográficas dos textos armazenados, tivemos dificuldades em precisar, em diversas ocasiões, os dados bibliográficos completos dos mesmos, fazendo com que várias citações tenham ficado incompletas.

Tendo como premissa básica o fato de que a subordinação das mulheres se dá nas relações, tive que estar atenta às relações de gênero que se estavam processando naquele espaço e naquele tempo, para poder avaliar até que ponto a postura de Maura era inovadora ou não.

A escrita de sua história de vida foi feita tendo por preocupação fundamental perceber como o comportamento/discurso dela se contrapunham ao modelo "tradicional" que a sociedade através de muitos mecanismos e dentre eles, a imprensa escrita, procurava perpetuar. Assim, uma contraposição do comportamento/discurso "moderno" de Maura ao comportamento/discurso "tradicional" expostos nos jornais da época se fez necessária para que se pudesse perceber se Maura era avançada ou não para a época.

Além disso, foi necessário recorrer à literatura feminista em geral e particularmente aos escritos das (e sobre as) pioneiras feministas, no sentido de cotejar as opiniões de Maura

com as delas e assim perceber as afinidades e também os pontos em que Maura avançou a discussão da época e quando fez concessões à sociedade "tradicional".

Para a consecução deste trabalho empreguei conceitos ligados à Nova História que possibilitaram uma interlocução da História com outras áreas do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, etc... Assim sendo, a obra de Norbert Elias<sup>14</sup> foi fundamental para compreensão de que não se pode pensar indivíduo e sociedade como opostos, mas sim que todos os indivíduos pertencem a uma rede de interdependências que irá dar a essa sociedade, suas características específicas. Também foi importante para se perceber como se processa a particularização do indivíduo numa sociedade que, ao mesmo tempo que os instiga a se distinguir dos outros membros procura estabelecer as margens dentro das quais pode se locomover.

Outro fator relevante para a consecução deste trabalho foi a consciência de que a natureza humana não é homogênea e uniforme e sim heterogênea e muitas vezes contraditória, fazendo com que um indivíduo possa ter, conforme as circunstâncias e o contexto, atitudes ditas novas e modernas e em outros momentos, atitudes ditas tradicionais. Gilberto Velho reforça essa idéia e nos mostra como um indivíduo mantém esses códigos diferenciados em sua vida, obrigando a (o) pesquisadora (or) que trabalha com uma história de vida a viver essa contingência. *"Isso porque nessas biografias assinalam-se trajetórias e papéis complexos, em que oposições do tipo tradicional x moderno ou holista x individualista são percebidas como constituintes de identidades individuais com tudo que possa haver de dramático nisso".*<sup>15</sup>

Também o texto de William Gass sobre o "eu" significante contribuiu de maneira fundamental para compreender que os registros deixados por uma pessoa podem querer projetar uma imagem que necessariamente não corresponde à sua essência. E por isso, foi

---

<sup>14</sup> ELIAS, Norbert. op. cit.

<sup>15</sup> VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro : Zahar, 1986.

preciso estar atenta às dissimulações que podem obscurecer uma individualidade. E no presente caso, foi muito instigante tentar perceber Maura além de seus textos e nas entrelinhas.

Foram fundamentais também para a consecução desse trabalho, os conceitos de "jogo duplo" e de "dissimulação" com que Michel Maffesoli<sup>16</sup> trabalha, para entender os mecanismos que os indivíduos utilizam em sociedade, no sentido de garantir sua sobrevivência, assegurar a permanência de seu ser ou manter a "integridade de sua fé".

No primeiro capítulo desta pesquisa, como já mencionado, é feita uma análise do período de vida de Maura que vai desde sua infância até o verão de 1941, data em que, muito provavelmente, Maura muda-se para o Rio de Janeiro.

A segunda parte do trabalho, evidencia o período que Maura viveu no Rio de Janeiro e no terceiro capítulo, abordamos os temas mais relevantes de sua obra, destacando-se aqueles em que Maura foi somente uma voz que expôs uma necessidade que estava posta na sociedade e aqueles em que ela renunciou, ou seja, aqueles em que ela anteviu de alguma forma um comportamento ou uma atitude que somente anos mais tarde a sociedade sentiu a necessidade de discutir. Também nesse capítulo quisemos perceber sua visão de mundo.

---

<sup>16</sup> MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro : Rocco, 1984 e -----. **Liberdades intersticiais**. In: MORIN, Edgar et al. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1993. p. 51-70.

## CAPITULO 1 - LAÇOS INVISÍVEIS

*"Meu corpo é teu imenso corpo de ilha  
e meu sangue o rasgão líquido dos teus rios  
a linfa nervosa das tuas cachoeiras  
a água matuta das tuas lagoas"*

### 1. Entre os pessegueiros floridos...

As águas da baía sul pareciam um espelho naquele verão de 1941. O "Carl Hoepcke"<sup>1</sup> avançava firmemente sobre as águas da baía em direção ao norte. Lentamente, o navio passou por sob a ponte Hercílio Luz. Para muitos aquele era um dia qualquer, mas para Maura não o era. Ao contrário, era um dia muito especial. Aquela mulher de tez extremamente alva, cujos cabelos escuros e compridos eram uma de suas maiores vaidades, ainda segurava em suas mãos pequenas e claras a surrada mala. Os cabelos pretos estavam ocultos por um gracioso chapeuzinho amarelo e preto que lhe acentuava a expressão facial.<sup>2</sup> Estava tensa, é verdade, mas no fundo de seu peito, havia um quê de alegria. Aquela mulher sabia o que fazia. Aliás, já

---

<sup>1</sup> A saga de Maura: resposta a questionário do Prof. Ricciardi. **Jornal da Cultura**, Florianópolis, v.2, n.6, jul. 1994.

<sup>2</sup> Entrevista realizada com a Sra. Fernanda Silva. Florianópolis, 25 mar. 1996.

havia algum tempo que ela planejara esta viagem.<sup>3</sup> E viagem, na maioria das vezes, é motivo de alegria. Aquela também o era mas, talvez a apreensão fosse maior. Ela estava indo embora de sua cidade. Florianópolis ia ficando para trás. O "Carl Hoepcke" apitou e ela emergiu de seus pensamentos para perceber que a cidade já estava longe. Foi então que se voltou para olhar, pela escotilha, para a cidade que durante muito tempo não veria. Tinha deixado aqui os restos de uma vida e ia em busca de uma outra. As águas do Atlântico separariam essas duas vidas.

O olhar de Maura esquadrinha a cidade. Não só a sua geografia, mas as imbricações entre os diversos aspectos dela: sua gente, sua política, sua moral, suas tradições. E, era justamente isso que ela deixava para trás. Apesar de ter consciência que amava tudo isso, tinha a certeza de que essas mesmas coisas lhe sufocavam. Ela tinha traçado um caminho e era preciso seguir adiante.

**"Eu tenho de ter um caminho.**

**Melhor seria que, leve e livre, andasse em todos os caminhos  
e só nutrisse meu espírito, meu espírito faminto,  
com os frutos maduros do ecletismo.  
Um caminho onde, talvez, encontre  
pedras angulosas e curvas insolentes  
e por onde tenha de levar, incompreendida e desamparada,  
um facho aceso entre meus frágeis dedos apertados.**

**Mas tenho de ter um caminho.**

**A dura marcha por um só caminho,  
embora me leve ao reino do amor,  
magoará, por vezes, minha organização exuberante  
de neta de filhos inquietos do mar.  
E de meu lábio saltará o verbo doloroso e obstinado.  
E castigarão minha rebeldia.**

---

<sup>3</sup> SCHMIDT, Affonso. A nossa grande poetisa. Folha da Manhã (sem informações bibliográficas) (Arquivo Academia Catarinense de Letras - ACL)

**Mas tenho de ter um caminho".<sup>4</sup>**

O olhar de Maura percebe a cidade. Essa atitude de voltar-se para conhecer é a que me anima. Eu também quero perceber. Mas, quero perceber Maura; e segui-la. Não tenho a ilusão de apreendê-la absolutamente, porque estou certa de que não existe uma história verdadeira de Maura, assim como não existe uma interpretação única dos fatos. Também sei que a história de Maura de Senna Pereira não está lá, pronta, congelada, a espera do resgate que eu lhe promova para posterior exposição nestas páginas. É muito mais complicado. É preciso, como diz Chaloub, "*investigar seus rastros - os documentos - e construí-los a partir de interesses específicos de cada autor e da imaginação controlada característica da disciplina histórica*".<sup>5</sup> A reunião de uma gama enorme de documentos, leva-nos à ansiedade de querer descobrir "a" história daquela vida e que é necessário somente ordená-los para que aquela história salte, vibrante, ante nossos olhos. Mas, não! A história dessa vida pode ter várias perspectivas, porque Maura - são muitas! Eu escolhi uma dessas possibilidades. Assim, sei que vou ter uma visão particular daquilo que foi a trajetória da poetisa Maura de Senna Pereira e que se constituirá na "minha visão". Essa perspectiva que escolhi, determinada pelos interesses específicos que postulei é que me fizeram salientar ou não determinados fatos da série de dados recolhidos. Pois, segundo White, os acontecimentos são trabalhados pelo historiador dando-lhes ênfase ou supressão, repetição ou subordinação da mesma forma que o autor de uma peça de ficção o faz.<sup>6</sup>

Tendo como ponto básico o entendimento que o indivíduo só se individualiza na relação social, é imprescindível não perder de vista o enfoque na sociedade com a qual ele

<sup>4</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Determinismo. In: -----, *A dríade e os dardos*. Rio de Janeiro: Livraria S.José, 1978, p. 67.

<sup>5</sup> CHALOUB, Sidney. *Visões de liberdade*. São Paulo : Cia. das Letras, 1990. p.18.

<sup>6</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo : Ed. da USP, 1994. p.100.

interagiu. Além disso, é preciso mostrar essa história de vida, mesclada com o contexto onde ocorreu, para que se compreenda o comprometimento dessa pessoa com o seu tempo e no presente caso, mais do que esse compromisso, vê-se um engajamento na perspectiva de mudá-lo. Assim, na realidade o que se quer fazer é *"mostrar o movimento histórico embutido nessa vida..."*<sup>7</sup>

\* \* \* \* \*

As terras da região do Alto-Biguaçu, região próxima de Florianópolis eram muito férteis e próprias para quem queria viver em comunhão com a natureza. A revolução Federalista estava ocorrendo e para fugir das "garras do tirano", o velho Regis escondeu-se nos matagais próximos. Aquele sangue revolucionário fervia em suas veias quando ele decidiu resistir. Essa resistência se efetivou quando:

**"...meu bisavô maragato  
escondido no mato do Alto-Biguaçu  
cerca de um mês dentro de um buraco  
mas a quem o vitorioso tirano não pegou  
E o sangue não derramado em Anhatomirim  
ferveu naquela manhã dentro de mim..."**<sup>8</sup>

O tempo passa, o bisavô Regis também passou, mas essa história de coragem e resistência certamente continuaria. Ao lado desse perfil corajoso e decidido, Maura também apresentou um lado bondoso e doce que viria através de Benvinda de Azevedo Régis, sua avó. Sua *"vovó a que sempre assim foi chamada e que era mais doce que os sumos do seu pomar biguaçuense. Filha de donos de escravos, donos cruéis, tinha o apelido de Yayá e os negros a chamavam de anjo. Que anjo ela sempre foi. Nunca admitiu a violência e era toda*

<sup>7</sup> FIGLIA, Ricardo, op. cit. p. 26.

<sup>8</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Fragmentos de autobiografia. In: -----, **Poemas-estórias**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 6.

*mansuetude e perdão*".<sup>9</sup> O enfoque deste mistério que é o de sermos singulares mas, ao mesmo tempo plurais fica explicitado quando Maura, salientando os laços com a avó paterna Angélica que eram bem evidentes nos seus traços fisionômicos, diz: "*carrego, pois, Angélica, a avó que tinha nome de flor*".<sup>10</sup>

A faculdade de achar semelhanças nos atos cotidianos é discutida por Benjamin, quando afirma que além de ser o homem aquele que tem a maior capacidade de engendrará-las, também a natureza tem esta função mimética. Assim, apesar de serem inúmeras as ocasiões em que se pode relacionar fatos através de elementos assemelhados, o autor salienta que as semelhanças percebidas, por exemplo, nos rostos, são somente uma pequena ponta visível, em comparação com uma quantidade muito maior que fica submersa.<sup>11</sup>

Não se pode atribuir apenas aos fatores genéticos o que um indivíduo adulto vem a ser. Além das pessoas carregarem consigo uma carga genética, elas levam também uma série de "laços invisíveis"<sup>12</sup>, ou seja, a pessoa não é única e só, ela é uma fusão de tudo o que lhe aconteceu até aquele dia de sua vida, ela é fruto de toda uma rede de dependências com a qual interagiu e da qual não poderá sair sem que esta estrutura o permita. Cada indivíduo que pertence a esta rede, tem uma função que vai se constituir num elo que o ligará à uma cadeia maior que é a sociedade. O indivíduo não é, em sua fase adulta, o resultado daquilo que ele era ao nascer, de suas características inatas, mas de todo um processo em que se vai particularizando. Serão essas relações que darão à criança as aptidões para viver em sociedade. Pois é somente na relação com outros seres humanos que a pessoa ainda não estruturada se

<sup>9</sup> id. Minhas avós. In: -----. **Nós e o mundo**. Rio de Janeiro : Livraria S.José, 1976. p.124.

<sup>10</sup> id.ibid.p.124

<sup>11</sup> BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In:-----**Obras escolhidas**. São Paulo:Brasiliense,1985.p.109

<sup>12</sup> A expressão "laços invisíveis" é utilizada na concepção de Elias, para enfatizar toda a gama de laços profissionais, emocionais e instintivos que o indivíduo carrega consigo. In: ELIAS, Norbert.op.cit.1994.p.22.

transforma em um indivíduo psicologicamente desenvolvido e que pode ser chamado de adulto.<sup>13</sup>

Assim, pode-se afirmar que a cidade de Florianópolis, nas três primeiras décadas do nosso século, foi o palco em que ocorreram as relações, as transformações e os processos que proporcionaram à Maura de Senna Pereira a possibilidade de se individualizar. Portanto, perceber essa urdidura de relações é importante para que se possa perceber Maura.

Maura de Senna Pereira faz seus estudos básicos na Escola Americana que funciona junto à Igreja Protestante e que na segunda década do século está encerrando suas atividades na cidade. A diretora dessa escola, uma americana nata e as professora, umas "sádicas", na acepção de Maura, lhe dão os primeiros ensinamentos formais. Entre essas professoras, d. Josefina Caldeira de Andrade, que é por Maura sempre lembrada por suas atitudes rigorosas, será sua primeira professora de português. *"A gente se reunia e ela ia para a pedra e fazia com letras de forma as letras - primeiro as vogais, depois as consoantes, assim as mais fáceis, as labiais..."*<sup>14</sup> Com a encerramento das atividades desse estabelecimento, Maura fica por uns tempos sem frequentar uma escola, tendo sido posteriormente matriculada no Grupo Escolar Lauro Muller, diretamente no terceiro ano. É possivelmente deste período, a memória das merendas escolares gostosamente preparadas por sua mãe:

**"...Eu tinha uma pena quase egoísta porque era no recreio que a gente podia conversar e eu podia dar-lhe coisas de minha merenda de que ela gostava - como aqueles losangos de chocolate e amendoim que Mamãe fazia como ninguém..."**<sup>15</sup>

<sup>13</sup> id. ibid. p. 27.

<sup>14</sup> Uma poeta em corpo a corpo com a vida: entrevista concedida por Maura à Colaca Grangeiro e Silveira de Souza. *Jornal da Cultura*, Florianópolis, jul.1990. p.8.

<sup>15</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1984, p. 44.

É importante salientar que, em período anterior ao colégio, ela já aprendera a ler sozinha, sendo que nessa época sua leitura preferida era o "Tico-Tico" que seu pai trazia todas as semanas para casa. Essa revista infantil, a primeira a ser publicada no país, fundada por Luís Bartolomeu de Sousa em 1905, vai ter uma vida bastante longa para os padrões da época, vindo a desaparecer por volta de 1950, quando vai ocorrer uma tendência no mercado, para as grandes corporações.<sup>16</sup>

Maura cursa a Escola Normal Catarinense que em 1924 se instala à rua Saldanha Marinho, prédio onde atualmente funciona a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e era o que de mais atualizado existia na cidade para a educação formal feminina. A partir de março de 1924, essa escola que até aquela data só oferecia cursos para professoras, passa a ministrar cursos de Ciências e Letras, além de um curso profissional para mulheres.<sup>17</sup>

Maria Cândida Reis em sua análise sobre a educação nos anos 20 e 30 em São Paulo, vai mostrar, como às mulheres de elite e às trabalhadoras foram determinados tipos de educação diferentes, isto é, enquanto às mulheres burguesas eram destinados papéis de educadoras, através das Escolas Normais, as mulheres trabalhadoras eram direcionadas para cursos profissionais, para que se constituíssem de forma disciplinada e normatizada, em mão de obra assalariada para as indústrias. Apesar deste estudo tratar da realidade de São Paulo, suas conclusões podem muito bem ser estendidas para todo o país, em vista de São Paulo ser apenas uma amostra dos direcionamentos dados à educação, pelos diferentes governos. Além disso são importantes suas reflexões sobre a orientação dada às mulheres, através da educação, pelo Estado Novo, no sentido de que elas se constituíssem como responsáveis pelos destinos

---

<sup>16</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo : Martins Fontes, 1983.

<sup>17</sup> ESCOLA Normal. **República**, Florianópolis, v.19, n. 1589., 01 mar. 1924. p.1.

do país, desempenhando os papéis de mãe e mestra e com isso, reforçando seu confinamento ao espaço doméstico.<sup>18</sup>

Apesar dos apelos acima referidos, a possibilidade de exercer uma profissão e poder emancipar-se, leva uma grande porção da população feminina a procurar formação profissional. O incitamento à educação vai ser um passo muito importante na história das mulheres. Apesar da educação para as mulheres ter sido reivindicada primeiramente pelos iluministas, diversos estudiosos têm considerado ser essa uma das primeiras solicitações das feministas brasileiras como Nísia Floresta, Ercília Nogueira Cobra e outras.<sup>19</sup> Maura abraça essa idéia e através de jornais e revistas, já na década de 20, procura convencê-las da importância da educação:

**"Mas não esqueçamos que a auto-preparação da Mulher é imprescindível; e, preparadas, educadas, livres das peias que só cultivam a ignorância; divorciadas de quaesquer frivolidades que tanto depõe contra a Mulher, augmentando o sorriso dos ironistas, dos scépticos, dos indivíduos que não crêm em nós; formando e consolidando uma forte cadeia com os nossos esforços pela moralidade, pela luz intellectual, com os ideaes que nos fraternizam e nos exaltam - impor-nos-emos e venceremos e os nossos irmãos aceitarão não com a má vontade actual, mas satisfeitos, reconhecidos, o concurso que lhes offerecemos para a felicidade do genero humano e, falando mais particularmente para a prosperidade dos brasileiros".**<sup>20</sup>

Apesar de ser uma idéia bastante aceita nessa época, o discurso tradicional procurava ainda conformar as mulheres aos velhos padrões, o que pode ser comprovado pelo jornal "O Elegante": *"Taine dizia, ao meu ver muito acertadamente: Dar a uma mulher raciocínio e ideias é por um punhal na mão duma creança."*<sup>21</sup>

<sup>18</sup> REIS, Maria Cândida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação*. São Paulo, 1910/20/30. São Paulo: EDUC, 1993. p. 87.

<sup>19</sup> Ver: MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 58, ago. 1986. p. 91, LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo*. São Paulo : Ática, 1984. p. 15 e BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *O belo sexo : imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX*. Dissertação ( Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988. p. 11 e seguintes.

<sup>20</sup> PEREIRA, Maura de Senna. *Preparemo-nos*. *Revista do Centro Catharinense de Letras*, Florianópolis, [192-]. p. 3.

<sup>21</sup> NINGUEM, José. *Philosophia*. *O Elegante*, Florianópolis, v.1, n.18, 29 jul. 1923. p.3.

A concepção corrente de que as mulheres deveriam ser direcionadas para as Escolas Normais é explicitada por d. Brites, em depoimento para Ecléa Bosi<sup>22</sup> onde afirma : "*a gente nascia lá em casa com destino traçado: tinha que fazer o curso primário, entrar na Escola Normal e ser professora*".

Ao se formar na Escola Normal, provavelmente em 1921, Maura será escolhida a oradora de sua turma. O jornal "República" publicou por diversos anos, a relação das alunas da Escola Normal, chamadas para realizarem prova oral de final de ano. Assim é que, em 1918, é chamada para realizar prova oral, a aluna Maura de Senna Pereira da terceira turma do primeiro ano de Geografia e Francês.<sup>23</sup> Esta nota, permite inferir que estando no primeiro ano da Escola Normal em 1918, é no ano de 1921 que provavelmente Maura se forma nesta escola, em face da legislação aprovada em 1919 ter estabelecido que a duração do curso normal seria a partir daquela data, de quatro anos.<sup>24</sup>

Nessa festividade de formatura na Escola Normal, sua responsabilidade de oradora da turma, não se restringe ao discurso. Outra preocupação lhe ocorre. "*Nunca esquecerei minha aflição adolescente por não ter vestido novo para dizer meu discurso de oradora da turma na cerimônia de formatura da Escola Normal. Foi quando uma fada chamada Vovó me entregou aquele divino corte cor-de-rosa*".<sup>25</sup> Ressaltando que existe em nossa sociedade uma construção cultural vinculando a cor "cor-de-rosa" ao universo feminino, é importante verificar que Maura se inscreve no conceito de feminista de sua época, no qual, preocupadas em não serem confundidas com as ditas "violentas" sufragistas inglesas, feministas brasileiras vão propor mudanças, mas de forma a não negar o seu lado, dito "feminino", ou seja, vão

<sup>22</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo : T.A. Queiroz : Ed. da USP, 1987. p.249.

<sup>23</sup> ESCOLA Normal. **República**, Florianópolis, v. 14, n. 67, 19 dez. 1918. p. 3.

<sup>24</sup> Esta transformação ocorre através do decreto n.1205 de 19 fev. 1919. Ver: AS RAÍZES do Instituto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n.20,20mar.1996. DC - Documento : Florianópolis, origens e destino de uma cidade à beira-mar. , p.5.

<sup>25</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit. 1976, p 125.

apresentar a tendência à uma certa conciliação. Dessa forma, é possível inferir que ao querer sempre deixar bem enfatizada a distância existente entre ela e as feministas inglesas, Maura está reafirmando os discursos dos antifeministas, muito comuns na época, de que as feministas eram "machonas", "narigudas" e demais adjetivos pejorativos que lhes eram endereçados, no sentido de desqualificá-las e obviamente, inibi-las. Esse fato pode ter possibilitado ao feminismo brasileiro em geral e ao de Maura em particular, um não enfrentamento, uma não ruptura com o que estava posto.

A cidade conta ainda, nos anos vinte, com o Colégio Coração de Jesus, estabelecimento administrado pelas Irmãs da Divina Providência, originárias da Alemanha, que tinha sido inaugurado em 1898 e que é uma instituição também dedicada à educação da elite feminina florianopolitana.

Sempre preocupada com a educação em geral e com a feminina em particular, Maura escreve um artigo para a revista "Vida Doméstica", salientando a importância da criação da Faculdade de Direito, já em 1932.<sup>26</sup> Essa faculdade foi criada graças ao vácuo deixado com o fechamento do Instituto Politécnico<sup>27</sup> que se constituiu no primeiro estabelecimento de ensino superior em Santa Catarina e tinha por objeto a formação de técnicos especializados.

Numa sociedade em sua esmagadora maioria católica, Maura cresce em uma família de valores protestantes, frequentadores da Igreja Presbiteriana de Florianópolis, instalada desde 1901 na cidade.<sup>28</sup> No início do século, pertencer a uma outra religião que não a católica é motivo para ser apontada como desviante. É possível que a realidade apreendida em outra cidade, sirva também para Florianópolis e assim, como na pequena Indaial (SC), em

<sup>26</sup> id. A faculdade de Direito em Santa Catarina. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, jun. 1932.

<sup>27</sup> VIEIRA, Amazile de Holanda. *O Instituto Politécnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.

<sup>28</sup> HACK, Osvaldo Henrique. *A história da Igreja Presbiteriana em Florianópolis*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1979. p.178.

Florianópolis os protestantes eram vistos como um segmento perigoso e alvo de imprecações tanto do clero como dos fiéis. Do púlpito católico, o padre apontando em direção à Igreja Protestante e bravejando estabelecia quem era o "nós" e quem eram os "outros": "*lá estão nossos inimigos*"<sup>29</sup>, sendo estes, conceituados *a priori*, como o mal.<sup>30</sup>

Convém salientar que a sociedade florianopolitana é majoritariamente católica e a condição das mulheres em geral é muito mais suscetível às suas normas do que das outras religiões que coexistiam naquele espaço. Assim, historicamente a Igreja Católica procurou estabelecer um papel para a família, baseada na divisão tradicional de tarefas, onde às mulheres cabia o confinamento ao lar e aos homens cabia o espaço público (apesar de se saber que essa divisão, na prática, permitia constantes intercâmbios). Muitos avanços pleiteados pelas mulheres, encontraram no argumento religioso ou científico uma barreira, visto estarem respaldados na idéia de que Deus havia estabelecido uma divisão de tarefas que não poderia ser modificada pela vontade de algumas mulheres que queriam desempenhar funções que antes eram somente destinadas aos homens, como por exemplo, votar.<sup>31</sup> A obediência ao pai, em primeiro lugar e ao marido ou irmão em segundo, são normas tão perfeitamente introjetadas que foram indistintamente assimiladas tanto por católicos como por não-católicos.

Maura frequenta a Igreja Presbiteriana, já estabelecida à rua Visconde de Ouro Preto, com bastante assiduidade. Exerce a presidência da Sociedade Auxiliadora dos Moços em 1924 e depois será professora da classe Boas Novas, da Escola Dominical, todas vinculadas à Igreja Presbiteriana. Essa sua participação nas Escolas Dominicais a levará a escrever para o jornal "O Atalaia" órgão da Igreja Presbiteriana.

<sup>29</sup> Entrevista realizada com o Sr. Marco Antonio Schroeder em 29 abr. 1996.

<sup>30</sup> O jornal Folha Nova, inicia em 25 jul. 1928 uma série de artigos dando conta de uma briga entre católicos e presbiterianos, que vai na realidade se mesclar com uma disputa entre este e o jornal "O Estado".

<sup>31</sup> GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p.155.

Nesse período, os primeiros sinais de rebeldia vão aparecendo. Não de maneira explícita, mas a apreensão de pontos de discórdia vão se estabelecendo. Apesar de escrever muito frequentemente para os jornais dessa época, Maura não questionará sua Igreja publicamente, enquanto residir em Florianópolis. Esse fato pode demonstrar o caráter conciliatório de Maura que procurava evitar enfrentamentos diretos com seus opositores, quem sabe até, fosse uma estratégia para continuar sobrevivendo nessa sociedade, o que lhe seria inviabilizado se suas atitudes fossem de ruptura.

Sua percepção da Igreja como fator de opressão sobre as pessoas vai aparecer em diferentes poesias que escreverá mais tarde, mas que vale a pena registrar<sup>32</sup> :

**"Quando me libertei dos profetas bíblicos  
em boa hora ainda, cor de aurora,  
num manifesto muito claro e honesto  
indignados fariseus vaticinaram  
que eu terminaria na sarjeta**

**Entanto  
nesta hora já de esmaecidas papoulas  
estou onde sempre estive:  
no meio da praça  
Estou no meio da praça  
e canto  
envi  
ando  
amor**

**às sarjetas aos bordéis às prisões  
aos que trazem grilhetas e mordças  
aos oprimidos de todas as raças  
aos famintos de pão e de justiça  
aos que nascem em manjedoura  
aos que morrem na cruz**

**E aos que já desmascararam a tola hipocrisia  
e arrebutaram todos os grillhões  
eu mando ainda "uma rosa branca"  
Estou no meio da praça  
e canto"**

<sup>32</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A profecia In: ----- Cantiga de amiga. Rio de Janeiro: Achiamé, c1981. p. 8.

Ercília Nogueira Cobra, considerada uma das primeiras feministas brasileiras também tinha essa percepção da religião como fator de opressão sobre as mulheres, levando-a a responsabilizar também o clero pela situação de subordinação social da mulher.<sup>33</sup>

Enquanto os jornais da época reproduziam as idéias da Igreja que tentava estabelecer um modelo à ser seguido: "*A Igreja Católica não olha com muita sympathy a evolução das idéias feministas. Para os seus grandes livre-pensadores a mulher deve circunscrever sua actividade ao lar...*"<sup>34</sup>, Maura consegue perceber o sentido normatizador e opressor desse discurso, evidenciados pelos temas abordados nos diversos artigos que escreve para os jornais na década de 20. Nesses artigos, Maura demonstra novamente sua característica conciliatória e não cria uma discussão direta com o clero mas, vai defender idéias combatidas por eles, sendo então possível inferir que, nesse período, Maura já tinha a percepção da opressão exercida pela Igreja no sentido de moldar as mulheres.

Desde criança, sua perspectiva parecia estar sempre além do estabelecido. Não se contenta com o que está posto, pois sua perspicácia e inteligência a levam sempre além. É o que se pode inferir de certo episódio de sua infância, em que ao participar de um concurso sobre versículos bíblicos, diz:

**"Aprendi a ler quase brincando  
e logo entrei num concurso infantil  
de versículos de cor:  
disse-os tantos que me mandaram parar  
e deram-me, os pastores, o primeiro lugar**

**Prêmio maior e primeira decepção:  
outra Bíblia preta com a mesma história  
do povo hebreu e seu Deus dos Exércitos  
onde havia, é certo, a Poesia (que ninguém mata)  
e a grandiosa figura do Cristo  
mas a este eles o mataram. Por isto  
nunca mais eu lutei por prêmio algum"**<sup>35</sup>

<sup>33</sup> MOTT, Maria Lúcia de Barros, op. cit. , p. 93-4.

<sup>34</sup> S. A Igreja Catholica. *O Estado*, Florianópolis, v.17, n..5336, 09 jul. 1931. p.1.

<sup>35</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit., 1984, p.6.

Obter como prêmio uma coisa tão trivial, é querer mantê-la dentro do usual e Maura não se contenta com o óbvio, ela deseja o novo, quer sempre novos desafios, coisa que um objeto tão corriqueiro não lhe pode proporcionar. Esta Bíblia será posteriormente dada de presente à sua irmã Ruth, acrescida de dedicatória manuscrita por Maura.<sup>36</sup>

A percepção da Igreja em sua rigorosidade e inflexibilidade lhe parece tão pesada que diz:

**"pais extremosos mas infância triste  
com irmãozinhos mortos  
a velha Bíblia em riste"** <sup>37</sup>

A "velha Bíblia em riste" também estava estendida para aquela jovem quando Maura descreve as comemorações do Dia das Mães, na Igreja Presbiteriana: *"Tudo isso era perfeito para mim. Até aquele dia da minha adolescência, em que soube por que, tempos antes, uma pobre moça, de ventre crescido, fôra afastada da congregação (...) compreendi que a homenagem era tão somente para as mães legais"*.<sup>38</sup>

A percepção da Igreja, que no seu entender deveria ser o local maior de exercício da fraternidade<sup>39</sup>, como um espaço onde, ao contrário, existe insensibilidade e desrespeito com o ser humano, a decepção de tal forma que, juntando-se a outras seguidas decepções, culminam com a sua descrença em todo e qualquer tipo de religião, que se objetiva no seu engajamento na Liga Anticlerical de Porto Alegre em 1933.<sup>40</sup>

Mas, sua percepção desses aspectos opressivos da Igreja, parece não turvar sua capacidade de distinguir a Bíblia como sua mestre no período da adolescência: *"Devo agora apontar um mestre? Uma mestre? Ei-la: a Bíblia. De fato ela imperava. Em casa, na*

<sup>36</sup> Esta bíblia encontra-se armazenada no Arquivo ACL.

<sup>37</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1984, p.6.

<sup>38</sup> id. Dia das mães. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, [19--] (Arquivo ACL)

<sup>39</sup> id. *ibid.*

<sup>40</sup> Carta da Liga Anticlerical de Porto Alegre endereçada à Maura, datada de 06 dez.1933, agradecendo sua inscrição como cooperadora na ação combativa em prol de um país "novo e liberal"

*educação rigorosa. No dever de lê-la cada dia, estudá-la na escola dominical, para os mais crescidos, à tarde dos domingos, nas sessões da Sociedade Juvenil, a Bíblia! Uma inegável influência, sim...*<sup>41</sup>

Por ter sido educada dentro de padrões tão rígidos, é incrível perceber como já naquela época, Maura vai apresentar sinais de alguma rebeldia que vão cada vez mais se fortificando em seu caráter e ao transbordarem, lhe indicarão um novo caminho a seguir. Ao comentar sobre Maria Lacerda de Moura, traz à memória que, em sua adolescência, ao invés de levar a Bíblia para seu culto na Igreja, ela carrega consigo, em desafio, um exemplar de "Religião do amor e da beleza".<sup>42</sup> Tanto este livro, em que a autora denuncia o preconceito da sociedade contra as mulheres e principalmente contra as mulheres escritoras, como os outros livros dessa autora<sup>43</sup>, vão influenciar de maneira muito forte esse período da vida de Maura.<sup>44</sup>

Essa atitude de rebeldia vai demonstrar como ela se coloca em posição de desafio ao grupo a qual pertence. Parece possível que com isso estivesse querendo demonstrar sua vontade de se distinguir, de afirmar seu desejo de um novo papel para si, diferente de todo o seu grupo. Entretanto é importante ressaltar que esse discurso se distingue da maioria dos veiculados pelos jornais da época que procuravam incutir nas mulheres a aceitação de sua posição na sociedade: "*Toda lei de emancipação ou liberdade da mulher é perigosa á humanidade. Na mulher ha encarnada duas pessoas: a do monstro e a da mãe. Dar á mulher liberdade, emancipe-a, tereis o monstro. Fazei-a escrava das leis naturaes de seu sexo e tereis a mãe*".<sup>45</sup>

<sup>41</sup> A saga de Maura, op. cit., p. 8-9.

<sup>42</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **Religião do amor e da beleza**. São Paulo : Typ. Paulista, 1924.

<sup>43</sup> Para maiores informações sobre Maria Lacerda de Moura, ver LEITE, Miriam Moreira. op. cit., p.101 e 110.

<sup>44</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit.,1976, p. 57.

<sup>45</sup> NINGUEM, José. Filosofia. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.18, 29 jul. 1923. p. 3.

Segundo Elias, desde pequeno, o indivíduo sente uma necessidade de distinguir-se, pois, colocado desde cedo em constante competição com os outros indivíduos, ele vai querer, através de suas aptidões e capacidades, tornar-se um ser individualizado. Essa diferenciação que será buscada no sentido de sua realização pessoal, se processará através de algo que só ele teve condições de fazer. Mas, ao mesmo tempo em que é estimulado a se diferenciar, o indivíduo tem um limite bem demarcado, estabelecido por essa mesma sociedade que o incita à diferenciação, determinando a maneira de diferenciar-se e até onde ele pode fazê-lo. Ultrapassar esse limite é se colocar como receptor de reprimendas e controle. O desafio é encontrar um ponto de equilíbrio entre ser como os demais em algumas ocasiões e ser diferente deles em outras.<sup>46</sup>

Maura nasce em Florianópolis, à rua Deodoro, numa madrugada de 10 de março de 1904 e como ela gostava de salientar, fruto de um grande amor.

Seu pai, José de Senna Pereira foi professor do Curso Prático de Comércio e um dos redatores do jornal "O Mercantil". Autodidata, foi um intelectual que incentivou as atividades literárias da filha. *O "homem belo, íntegro e humano, que teve sempre a palavra acatada mesmo pelos mais velhos..."*<sup>47</sup> será, com sua honestidade e retidão espiritual, sempre um paradigma para Maura. Além de professor, exerceu por toda sua vida a função de contador, primeiramente na firma comercial Régis & Cia. e depois na firma André Wëndhausen.

A atividade comercial que juntamente com a administração pública eram os alicerces da economia florianopolitana, vai provocar uma situação de debilidade econômica para a cidade, num período em que a economia do Estado, fundamentada na nascente industrialização se solidifica. As atividades comerciais já tinham se consolidado em Destêrro, desde o século anterior e para isso muito contribuiu o Porto de Nossa Senhora do Desterro, através do qual se

---

<sup>46</sup> ELIAS, Norbert, op. cit., 1994, p. 120.

<sup>47</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1976, p. 115.

comercializavam produtos de Santa Catarina com o resto do país e com Uruguai, Argentina e inclusive com a Inglaterra. Assim, a atividade comercial se estabelece nesse período e nas décadas de 20 e 30 continua a desempenhar papel primordial para a economia da cidade. As ruas Conselheiro Mafra e, após 1926, a Felipe Schmidt, serão os pontos de concentração das casas comerciais da cidade. Nelas se instalarão as casas de secos e molhados, muitas dirigidas por imigrantes sírios e gregos que começam a imigrar no final do século anterior.<sup>48</sup>

Para Maura, seu pai sempre é referenciado como uma figura de respeito, integridade, sempre muito respeitado pela sociedade além de racional, inteligente e realizador. Geralmente liga-o à esfera pública, mostrando suas realizações enquanto professor, contador ou como cidadão. Raras vezes o situa no espaço doméstico - uma vez o coloca entretendo as crianças, na sala de sua casa, às vésperas de Natal e outra vez o relembra como responsável pela horta de sua casa.

Sua mãe, Amélia Régis de Senna Pereira foi aluna da Escola Normal Catarinense. Na memória de Maura, a figura da mãe está ligada à da casa. Lembra-a tecendo a renda "frivolité", o tricô e das *"rosas no canteiro do jardim e no pano do bastidor"*. Lembra-a, ainda, nos *"manjares e 'sonhos' e tortas e licores e recheados pães e aves e peixes que podiam ser postos na mesa dos reis"*.<sup>49</sup> E a representação que faz de sua mãe é a de uma heroína. Tendo tido doze filhos, sofrendo a perda de alguns deles e morrendo seu marido quando ainda estava grávida do caçula, pode-se calcular a luta constante que foi sua vida e daí, talvez, o por quê desta visão de heroína. Além desta luta de uma vida inteira, sua mãe ainda enfrentaria, na maturidade, outra fatalidade - a cegueira. E Maura, penalizada diria: *"ó heroína, ó estrela, como podias não enxergar se iluminavas?"*<sup>50</sup>

<sup>48</sup> Pitsica, Paschoal Apostolo. A contribuição grega. In: MELO, Osvaldo Ferreira de (Org). **História sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis : Clube Doze de Agosto : IHGSC, 1991. p. 97.

<sup>49</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A grande heroína. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, [19--] (Arquivo ACL)

<sup>50</sup> id. op. cit., 1976, p. 115.

Sua mãe era fluente em francês, tendo ensinado esse idioma para seus filhos. Aliás, à esta influência francesa tinha se submetido toda a nação, no final do século anterior. A Belle Époque vai trazer uma condenação aos hábitos tradicionais, às culturas populares e vai fazer com que a sociedade brasileira ficasse bastante suscetível à influência estrangeira, fazendo com que se identificasse intensamente com a vida parisiense.<sup>51</sup>

Esta influência francesa que se verificou no Brasil e vai ajudar a modelar Maura, é notada principalmente na ligação que se verificará com a cultura daquele país, numa clara preferência pelo minueto, pela boemia, pela literatura, pela poesia, pela emoção, pela sensibilidade, mas sobretudo pela grande ênfase dada às Humanidades, típica da cultura francesa. Preferências estas, que Maura também tem e que vai ficar explícita no uso constante de termos franceses em seus textos.

Em vista da vinculação da família de Maura com o comércio e sabendo-se que esta atividade não proporciona uma situação econômica muito rentável pode-se inferir que ela pertencia à uma elite cultural e não econômica da Ilha. Inclusive sua situação econômica após a morte do pai se deteriora consideravelmente.

Criada enquanto vigorava a forma de uma educação tradicional em que a autoridade paterna nunca era questionada, em que a maneira de ser dos filhos era modelada pelos pais, e aos filhos cabendo a função de obedecer, Maura deve ter começado aí, a introjetar uma certa aversão contra tantas imposições. Suas constantes rebeldias futuras deverão ter advindo dessa primeira forma de autoridade a que teve de se sujeitar. *"Eu era muito nova e já tinha pensamentos que ninguém sabia que pensamentos eram. Eu não tinha coragem de dizer na frente do meu pai, da minha mãe... O conservadorismo era total".*<sup>52</sup>

<sup>51</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo : Brasiliense, 1985. p. 30.

<sup>52</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit. , p. 9.

Além dos pais, sua família é composta por doze filhos: Maura, Zaura, Roberto, Carlos, Ruth, Ilka, Carmen, Saul, Saul, Zaura, José, e o caçula Samuel.<sup>53</sup> A primeira menina chamada Zaura e o primeiro Saul morrem ainda na infância.

Anos mais tarde, ao lembrar-se da casa paterna Maura vai rememorar com muita doçura daquele espaço de sua infância:

**"Passei pela casa sem olhar  
pelo varandão com folhagens e gloxínias rajadas  
que minha mãe criava (ela era fada)  
pelo caramanchões e trepadeiras  
pelos manacás girassóis pelas roseiras"**

Ao espaço da mãe, Maura agrega o espaço do pai que ela reconhece no pomar da casa:

**"Cheguei depois à área de meu pai  
que além de duto em números  
amava e conhecia a terra  
Área assimétrica  
e de repente dentro dela  
a figura geométrica/quadrilátera da horta  
em que era difícil apontar  
o canteiro de maior realce:  
o dos tomateiros carregados?  
o das grandes rosas verdes das alfaces?  
A parreira longa era uma sólida armação  
de que pendiam pelos dezembros  
negros cachos de uvas presas/ sobremesas"**

Maura destaca a figura geométrica da horta, destacando assim a racionalidade paterna. Quem sabe, aquele homem acostumado à ordem dos números reproduzisse na horta uma costumeira racionalização, típica de seu trabalho! O jardim da mãe não parecia ter esta planificação! Maura vai induzir este pensamento ao não colocar nem vírgulas entre as flores que vai nomeando.

Enquanto a mãe transitava no espaço dos jardins, o pai o fazia no espaço da horta. É interessante verificar como a divisão dos gêneros se estabelece também aí. De acordo com o

<sup>53</sup> A ordem correta dos nascimentos foi obtida por depoimento à Sra. Fernanda Silva, de Zaura Dupont, única irmã de Maura ainda viva.

modelo tradicional, às mulheres estavam destinadas as tarefas mais leves, ligadas à beleza e portanto "supérfluas", enquanto aos homens estavam designadas as funções ligadas à produção e portanto "essenciais". A divisão de gênero no espaço físico do quintal reproduziu a divisão existente na cultura da época e até hoje, em certo sentido!

Aquele quintal ainda teria um espaço dela. Lá no fundo, tal qual uma criatura humana, estava um pé de grumixama. Ali sob sua proteção e amparo, Maura encontra o seu lugar, onde, além do alimento, ela encontra companhia. Uma companhia silenciosa que permite que embora só, estivesse acompanhada. Confidente e protetora, seus galhos ouviram-na reclamar do dever imposto, mas também presenciar o rito de passagem de uma criança, em mulher:

**"A sua sombra fiz deveres para a escola  
es-cre-vi, dis-cur-sei  
e li a bíblia, dever de cada dia, até que me indispus com Iavé  
(Mais tarde tal seria um escândalo até)  
Mas, naqueles idos, só ela soube  
da minha rebeldia. Também só ela e eu  
vimos, surpresas, o meu primeiro sangue  
mudando meu tempo e minha vida  
Assim, não só me deu repasto: deu guarida".<sup>54</sup>**

Quando Maura escreve este poema, ela está trabalhando com a memória. É preciso ter em mente que, ao trabalhar com a memória, cruzam-se registros e invenções. Cruza-se o objetivo, com uma leitura feita pelo relator de algo vivido e esta leitura é, não só subjetiva, como também modificada pela trajetória intelectual da pessoa ao longo dos anos. Assim sendo, a memória está no cruzamento entre o objetivo e o subjetivo. Portanto não se deve perceber a memória como resgate, mas principalmente como construção. Ela está no entrelaçamento entre lembrança e esquecimento. Provavelmente Maura lembra, mas também cria em cima de suas recordações. Segundo depoimento<sup>55</sup>, partes do quintal que Maura descreve neste poema, não pertenciam ao quintal de sua infância, mas ao quintal da casa de sua irmã Ruth. Vejamos

<sup>54</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., c1981, p.14.

<sup>55</sup> Entrevista realizada com a Sra. Fernanda Silva em 25 mar. 1996.

porque: primeiramente Maura na infância sempre morou em casas alugadas e assim, eram frequentes suas mudanças de casa e depois porque o pomar com videiras, gangorras e balanço que ela descreve, fazem parte do quintal de d. Fernanda, filha de Ruth.

Esta capacidade da memória de reelaborar os fatos vividos é ressaltada por Feldman-Bianco e Huse<sup>56</sup> quando, escrevendo sobre as mulheres açorianas imigrantes, vão mostrar como esta reelaboração da memória é fruto da idealização da terra natal, onde a tendência é relembrar principalmente os pontos positivos de suas vidas anteriores à emigração.

A casa de Ruth, esta sim, permaneceu como habitat da família por longos anos, fazendo com que talvez Maura tenha se identificado tanto com aquele espaço que o tenha sentido como seu. O importante não é a veracidade ou não de sua memória, mas aquilo que, para Maura era a "sua" casa da infância. Apesar desta ressalva, outras recordações contidas no poemas, corresponderam à sua realidade. Inclusive, ao final, ela identifica dentre tantas casas em que morou, aquela que a marcou, aquela que possuía o pé de grumixama e onde ela viu o progresso alterando seu lugar de memória:

**"Mas a máquina chamada progresso  
abriu uma rua nova em meu quintal  
Volto pois machucada de lembranças  
e sem as grumixamas no avental"**

Esta casa, que se situava na Chácara da Espanha, estava edificada justamente no local em que foi aberta a rua Durval Melquíades de Souza, que liga a Chácara da Espanha à rua Nereu Ramos. Talvez fosse também desta casa, a memória das geladas noites ilhoas em que a cozinheira e amiga, a italiana Felícia lhes servia pinhões cozidos e a magia, sob a forma de histórias do Oriente.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> FELDMAN-BIANCO, Bela, HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1995. p. 109.

<sup>57</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit., 1976, p. 135.

Seus irmãos Carmen e Carlos morrem ainda jovens. Essas mortes, juntamente com a perda do pai ainda em 1923, quando Maura contava 19 anos de idade, vão afetar sua vida. Toda a dor que carrega consigo e à qual sempre se reportará, virá principalmente dessas perdas:

**"Não pertubes agora o meu pensamento. Não me fales agora. Deixa-me na companhia dolorosa da minha alma. Este instante não te pertence: é para os meus mortos..."**

**Sabes? Para aqueles que tiveram nas veias o meu sangue e o meu sonho e que viveram no meu lar, pertinho de mim, as horas de ouro que esta hora de dôr está ressuscitando...**

**Sabes? Para aqueles que fecharam para sempre os olhos á inquietação deliciosa da vida e que moram agora num pequenino canteiro onde as violetas sonham na sua humildade azul...**

**Não pertubes agora o meu pensamento. Não fales, não rias, não soluces. Eu quero estar na companhia dolorosa da minha alma. Este instante não te pertence: é para os meus mortos..."<sup>58</sup>**

Apesar de marcada por essas mortes, Maura em certa ocasião, relembrando seu pai, vai falar daquela "ausência-presença". Ausência devida à morte física, mas presença devido às constantes memorizações de sua mãe, que não permitiram o esquecimento. *"Muito cedo o perdemos; mas havia a presença daquela que fora a sua bem-amada - como que em parte suprindo a ausência dele. Lembrando-o desde os tempos em que nasceu o lindo amor que duraria sempre e apontando todos os dias seu exemplo como um legado, a mãe heróica realizava o milagre de não parecer ele jamais um pai morto".<sup>59</sup>* Essa "ausência-presença" do morto será enfocada por Da Mata quando discorrendo sobre como é vivenciada a morte na sociedade brasileira, diz que aqui fala-se muito mais dos mortos do que da morte. E essa é uma forma sutil de negar a morte pois, ao continuar o morto na memória das pessoas se está

<sup>58</sup> id. Da religiosa concentração. In:-----, *Cântaro de ternura*. Florianópolis : Livraria Moderna, 1931. p. 42.

<sup>59</sup> id. op. cit., 1976, p. 115.

dando a ele, uma forma de realidade novamente. Por isso, poderíamos dizer que no Brasil apesar da morte matar, os mortos não morrem.<sup>60</sup>

A morte de seu irmão Carlos, vítima de acidente no mar, também a marca definitivamente. Sua dor será gritada contra o próprio mar, através de seus textos nos jornais: *"Aquelle que tu arrebataste, impiedosamente, com o gesto barbaro dos grandes traidores, tinha na alma a madrugada tropical dos sonhos de vinte annos e adorava a volupia ingrata dos teus espreguiçamentos e a tua belleza de sereia nervosa e liquefeita".*<sup>61</sup>

E em outra ocasião:

**"Não me peças nunca mais para admirar o mar (...) Ele é mau, o mar! É um belo satã liquido. E tem traições requintadas de perversão milenar, feitas com o seu encanto maldito. Chama com o grito amoroso das suas ondas verdes. Seduz com a renda sempiterna da sua espuma de prata. Entontece com o apelo feiticeiro dos seus corais risonhos..."**<sup>62</sup>

O suicídio de Carmen, com apenas dezenove anos, é outra fonte de dor e a leva a expressar pela primeira vez, sua dúvida sobre nosso destino após a morte. Dúvida esta que no final de sua vida vai se transformar em certeza - o que nos espera é o nada. *"Meu amigo, eu resolvi morrer! Ao defrontar - o que mesmo eu irei defrontar daqui a alguns instantes? Ao defrontar o nada ou a eternidade, devo levar no rosto a marca pronunciada de todas as decepções. Mas no meu olhar sem vida é impossível que não fique vivendo a pena enorme de desconhecer os encantos da vida".*<sup>63</sup>

Maura tem dificuldades para aceitar as vicissitudes que se impuseram à ela. Da infância que representou alegre restaram somente recordações já que a morte lhe arrebatara tantos amores. Restaram recordações, restaram saudades... Então, num entardecer qualquer, folheando seu belo album da meninice, ela encontra:

<sup>60</sup> DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. São Paulo : Brasiliense, 1985. p.119.

<sup>61</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Mar. **República**, Florianópolis, v.2, n.101, 18 set. 1930. p. 4.

<sup>62</sup> id. O sentido das águas. **República**, Florianópolis, v.2, n.463, 01 maio 1932. p.3.

<sup>63</sup> id. Quasi do outro lado. **República**, Florianópolis, v.1, n.187, 07 jun. 1931. p.3.

" numa página, o retrato faceiro de uma amiguinha morta, noutra o bonito desenho que um dos nossos irmãos traçara cercado pelo applauso trocista de nós duas - lembraste - num serão de primavera. Ainda em outra, a poesia que eu própria copiara, numa tarde sonora de Natal, quando a nossa casa, cheia de ruídos, festejava o dia sonoro do "bebê divino de Nazareth" Oh! que recordação viva minha Ruth! Cheguei a ouvir o barulho festivo que enchia o nosso lar: o riso feliz das crianças, com os presentes que o bom Papai Noel lhes pusera pela manhã, nos sapatinho; a voz saudosa de nosso pae, conversando com os pequenos; a voz meiga de mamãe, chamando-nos a todos para nos dar fructas do Natal e ovos de chocolate. E fui com tristeza folheando, e fui com saudade revivendo! (...) E eu, minha Ruth, não pude mais! (...) Queimei apressadamente, allucinadamente, o album estremeado e garoto do meu passado - para fugir a saudade, com medo da saudade, dessa espiritual visitante, toda embrulhada numa doçura que flagela".<sup>64</sup>

A vida de Maura se desenrola num espaço e num tempo determinado. É através de seus movimentos, é perseguindo-a, que encontraremos este lugar. A Florianópolis das décadas de 20 e 30, é uma cidade que tinha passado por uma série de ajustamentos e reformas, no sentido de mostrar sua preocupação com valores como modernização e civilidade. Isso já tinha sido preocupação da cidade, no final do século XIX.<sup>65</sup> O pensamento liberal que se encontra no âmago dessa modernização, começa a exigir a higienização e o saneamento da cidade, assim como a medicalização dos corpos, não como uma meio de obter uma maior força de trabalho, mas talvez pelo que Foucault chama de "medo urbano". É este medo dos amontoamentos da população, dos cemitérios, dos esgotos, das epidemias, assim como dos miasmas por esses locais emanados, que levarão a cidade à exigir transformações.<sup>66</sup> Este desejo de modernização não ocorre somente por uma preocupação com a saúde, mas coexiste aí, um desejo de civilização, de modernização e de embelezamento da cidade. Enfim, a cidade vai se organizando sob a ótica do progresso burguês, refletindo uma preocupação com a aparência e com o embelezamento.

<sup>64</sup> id. O medo da saudade. **República**, Florianópolis, v.2, n.64, 02 jan. 1930. p. 1.

<sup>65</sup> CHEREM, Rosângela. **Caminhos para muitos possíveis**. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.

<sup>66</sup> FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In:----. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1993.

Os jornais da cidade são utilizados para a divulgação de atitudes que denotam distinção; não só sob a forma de propaganda mas também sob a forma de notas sociais são estipulados comportamentos a serem seguidos. À título de ilustração: "*a Rainha da Moda vendeu hontem a uma familia desta capital um de seus afamados casacos de pelle de Kid do Canadá por 1:650\$000*".<sup>67</sup>

Além de servir de instrumentos para divulgar as formas de distinção, os jornais vão contribuir para modelar os comportamentos, estipulando as formas desejáveis de ser. Vão permanentemente denunciar o que consideram abusos, como quando concitam a polícia a intervir no jogo de futebol que ocorre nas ruas da cidade.<sup>68</sup>

O espaço privilegiado da convivência burguesa, nesse período, é todo o complexo designado por "centro da cidade", compreendido aí: a praça, o mercado, o Teatro, os clubes, os cinemas, e as casas de diversão e suas adjacências.

São estes espaços que serão trilhados por Maura. Muito provavelmente Maura participou do "footing", na Praça XV de Novembro, passeio tradicional da elite juvenil ilhoa, promotor de namoros e flertes, desde o final do século XIX. Nos anos vinte a tradição continua. No artigo intitulado "No jardim Oliveira Belo", o autor descreve este passeio: "*Uma tarde linda. Está fresco. Estamos na Praça 15. São cinco horas. Os grupos succedem-se pelas áleas do bellissimo square. Vimos passar: Albertina Blum, vestido de taffetas preto, Esther Silveira de Souza, encantadora de voile branco(...) e as gentis irmans Anna, Maria e Celina Souza, sempre alegres, vestidos de voile branco*"<sup>69</sup>. Enquanto as moças passavam, os rapazes postados ao redor da praça faziam todo um jogo de olhares e sorrisos que invariavelmente terminavam em casamento.

<sup>67</sup> O TEMPO, Florianópolis, 07 maio 1926. p.5.

<sup>68</sup> FUTEBOL nas ruas. A Pátria, Florianópolis, v.1, n. 289, 09 dez. 1931. p. 8.

<sup>69</sup> DUQUE. No jardim Oliveira Belo. A Tarde, Florianópolis, v.1, n. 13, 05 fev. 1917. p.1.

Maura também rememorando esses espaços de sociabilidade vai lembrar de um hábito que muitas mulheres da elite florianopolitana tinham naquele período, de realizarem o "kraenzschen". Este costume de origem germânica, eram reuniões femininas que as senhoras da cidade faziam durante as tardes. Enquanto bordavam ou tricotavam, as conversas eram postas em dia, as louças e utensílios eram mostrados, a casa era exibida. No meio da tarde era servido um lanche com os melhores doces e salgados que cada mulher sabia fazer. É preciso salientar que este é um hábito burguês, onde somente as mulheres casadas, que não trabalhavam fora de casa e que tinham condições financeiras satisfatórias, podiam ter. Maura, provavelmente, não os frequentava regularmente. Sendo uma mulher que luta para que as mulheres mudem seu papel tradicional ligado à esfera privada, não poderia respaldar este hábito. Assim, embora não quisesse estimular o confinamento das mulheres no "eterno feminino", Maura participa eventualmente de um "kraenzschen" (aqui pode-se ver outra vez o caráter ambíguo de Maura pois ao mesmo tempo em que discorda, participa). Assim, Maura vai lembrar-se de um particularmente, onde ela *"fingindo que bordava margaridas, antes de serem servidos os divinos morangos com nata e "strudel" de maçã com chá e simpatia"*.<sup>70</sup> Ao exercer seus dotes artísticos nos trabalhos manuais as mulheres estavam mostrando uma aprendizagem adquirida não somente em casa com suas mães, mas também na escola, já que, na época, os cursos ditos "femininos", incluíam a disciplina "Educação Artística" no seu currículo escolar. Também é compreensível este "fingir que bordava". Ela é uma mulher que procura fugir do padrão tradicional. Seu espaço não é o da casa. Maura é do espaço da rua, do público. Assim sendo, está muito mais familiarizada com a máquina de escrever ou com o giz, do que com as agulhas e as tesouras.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit., 1976. p. 55.

<sup>71</sup> Segundo informações obtidas na entrevista com d. Mariazinha de Senna Pereira, em 16 ago.1995, Maura não estava habituada com os trabalhos domésticos tradicionais pois sua familiarização era com as redações dos jornais e com as salas de aula.

Maura atua muito mais no espaço público, convivendo diariamente com homens nas redações dos jornais e nas escolas, num período em que esta convivência entre homens e mulheres se restringe ao espaço das residências ou à situações eventuais. Maura se contrapõe a um discurso normatizador que tentava fixar a esfera privada como único lugar de atuação das mulheres: "...Somos de numero dos que pensam que o posto de honra das damas é o lar. Ha as nossas patricias que hoje pouco ligam as obrigações domesticas. Essas serão as que se perderam ou se poderão perder para o efeito nobre de sua missão. Mas, mercê de Deus, ainda possuímos as que sabem qual é o seu papel na sociedade".<sup>72</sup> E por desafiar frontalmente esse conceito Maura vai sofrer uma série de difamações e maledicências. Numa entrevista, já em 1990, Maura vai reconhecer que este preconceito era "*das mulheres, mais. Desde os tempos da Escola Normal. A respeito de quem se sobressaía*".<sup>73</sup> Em outra ocasião, dirá: "*Eu era menina e as pedras começavam a cair sobre as coisas sinceras que eu escrevia*".<sup>74</sup>

## 2. EMBAIXADORA DA MULHER CATARINENSE

Maura vai participar de diversos eventos culturais, políticos e sociais da cidade, sempre sendo chamada a "representar a mulher catarinense" e que vão denotar a forma como a sociedade lhe conferia distinção e prestígio.

<sup>72</sup> O VOTO da mulher. *A Época*, Florianópolis, v.11, n.43, 06 ago. 1921. p. 1.

<sup>73</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida. op. cit., p. 11.

<sup>74</sup> Também d. Mariazinha de Senna Pereira e d. Sílvia Amélia Carneiro da Cunha em seus depoimentos nos relatam como Maura foi vítima de difamações e de maldizeres que diziam respeito à sua reputação e à sua conduta moral, que muito lhe magoaram. Essas maledicências se materializavam em boatos que circulavam, sempre através da oralidade, o que dificulta hoje em dia sua comprovação. Ver: PEREIRA, Maura de Senna. Recorte de artigo intitulado "Adolescência" (sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

Assim, Maura é convidada a recitar um poema seu "Sonho da minha mão"<sup>75</sup>, por ocasião da visita que a declamadora Zita Coelho Netto, filha do famoso Coelho Netto faz a Florianópolis em 1927, juntamente com Diva Dantas para realizarem recitais e conferências. Esta atividade, promovida pelo Centro da Mocidade, será realizada no Teatro Alvaro de Carvalho. As artistas são recepcionadas por representantes do Governo do Estado, da Academia Catarinense de Letras, do Centro da Mocidade e por pessoas da imprensa. O tom dos jornais é de grande alvoroço por essa visita e são realizadas diversas homenagens às artistas e dentre essas festividades em torno das declamadoras, é realizada uma no Centro da Mocidade, onde Maura faz sua apresentação.

Esse teatro onde Maura se apresenta, Teatro Álvaro de Carvalho<sup>76</sup> - o TAC é o espaço de entretenimento da elite florianopolitana. Enquanto o operariado promove atividades teatrais no Teatro da União Beneficente Recreativa Operária<sup>77</sup>, no TAC vão ocorrer inúmeras e constantes apresentações de artistas locais e estrangeiros. A empresa de Victor Busch empresaria a vinda de diversas companhias estrangeiras que ali se apresentam, como a "Deutsche Schau - und Lustspielgesellschaft" em 1925, assim como, no mesmo ano, apresenta-se a companhia alemã de bailados russos - "Cia. Sascha Morgowa". Tanto quanto companhias estrangeiras, é muito habitual, que companhias nacionais, ou mesmo, "diseuses" nacionais façam suas apresentações naquele teatro.

Num dos intervalos do recital das "diseuses", termo comumente empregado para designar as declamadoras e que demonstra a influência da língua francesa na vida cultural florianopolitana, em cena aberta, Maura é convidada à homenagear as artistas, tendo oferecido à elas, ramalhetes e corbelhas de flores. Sobre essa participação de Maura, o jornal

<sup>75</sup> PRIMEIRO recital de Zita Coelho Netto. **República**, Florianópolis, v.1, n.244, 23 jul.1927. p.2.

<sup>76</sup> Para maiores informações ver: SCHMITZ, Paulo Clovis (org). **Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho**. Florianópolis: FCC: Paralelo 27, [19--].

<sup>77</sup> Ver: SCHMEIL, Lilian. **Memórias da UBRO**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

"República" diz: "*nessa ocasião, a prof senhorinha Maura de Senna Pereira, uma das mais brilhantes mentalidades da nossa moderna geração, falou em nome da mulher catarinense, proferindo um dos seus mais bellos e delicados discursos que temos ouvido*".<sup>78</sup> Em outra festividade semelhante, quando da apresentação da cantora patricia Julieta Telles de Menezes, caberá à Maura a tarefa de apresentar a artista para o público do TAC. "*A senhorinha professora Maura de Senna Pereira apresenta ao publico a distincta cantora. E fel-o n'uma vibrante saudação, em que a talentosa oradora escalçou com o brilho fascinante da sua palavra os meritos da consagrada artista, sendo muito ovacionada*".<sup>79</sup>

Outra apresentação que o TAC sedia e que vai mobilizar toda a sociedade florianopolitana é o recital organizado em prol da família de Crispim Mira, jornalista fundador do jornal "Folha Nova", assassinado em 1927, por motivos políticos.

Maura tinha sido responsável pela coluna do jornal "Folha Nova", intitulada "À la garçonne". Logo após, Crispim Mira escreve o artigo "História de uma repartição pública onde alguns enriquecem e outros locupletam até a indigestão"<sup>80</sup> que vai proporcionar uma longa e séria discussão pelos jornais, que culmina no seu assassinato. Em face do desamparo a que as famílias de classe média estavam sujeitas com a morte dos seus chefes (é bom lembrar que as mulheres dessa elite, aquele tempo, estavam direcionadas ao lar) foi preciso angariar algum fundo para garantir a sobrevivência da família. Assim, a sociedade se organiza e é levado a efeito um Festival Litero-Musical, realizado em 9 de abril de 1927, no TAC, onde se apresentam diversos artistas ilhéus. O programa consta de três partes, sendo que alguns

<sup>78</sup> República, Florianópolis, 23 jul. 1927. p.2.

<sup>79</sup> HORAS de arte. República, Florianópolis, v.2, n.431, 08 mar. 1928. p.1.

<sup>80</sup> FOLHA Nova, Florianópolis, v.1, n.106,24 mar. 1927. p.2.

artistas declamam ou tocam algum instrumento, enquanto outros cantam. Maura colabora nesse evento, declamando um texto do escritor Tito Carvalho.<sup>81</sup>

Outro evento que ocorre na cidade e que pode demonstrar o prestígio que Maura usufrui perante a sociedade, é a festividade de coroação da Rainha da Mocidade. Nesta festividade que também se realiza no TAC, caberá à Maura a função de coroar a senhorita Celia Wendhausen, eleita em 1927 a Rainha da Mocidade.<sup>82</sup>

Semelhante ao que acontecia no Rio de Janeiro no início do século, os literatos tinham um prestígio que aumentava à medida que crescia a imbricação entre sua vida social na cidade e à sua participação na imprensa.<sup>83</sup> Assim, pode-se verificar que aliada a uma participação ativa na sociedade, sendo participe dos principais eventos sociais, culturais e políticos da época, Maura exerceu uma colaboração ativa na imprensa da época. Sendo uma intelectual respeitada e além disso, sabendo-a interessada na mudança das condições históricas das mulheres, ou até mesmo por estar sempre disponível para ocupar os espaços para os quais era solicitada, Maura vai, durante essa época, continuar sendo convidada constantemente para, em nome da "mulher catarinense", homenagear pessoas de destaque.

Assim, podemos verificar que ela ocupa todos os espaços que lhe foram disponibilizados talvez, até por acreditar que, para a época, as mulheres precisassem ocupar todas as posições possíveis com a finalidade de mostrar competência, ou mesmo para ocupar espaços antes privativos dos homens ou, quem sabe, até mesmo por vaidade pessoal.

Maura será lembrada pela sociedade florianopolitana por ocasião do concurso em que o jornal "República", participando em conjunto com o jornal carioca "A Noite", se propõe à escolher a mais bela moça florianopolitana que posteriormente participaria no Rio de Janeiro do

<sup>81</sup> THEATRO "Alvaro de Carvalho". **República**, Florianópolis, v.1, n.160, 09 abr. 1927. p.2 e CARVALHO, Tito. Entrevado. **República**, Florianópolis, v.1, n.166, 17 abr. 1927. p.6.

<sup>82</sup> A COROAÇÃO da Rainha da Mocidade. **República**, Florianópolis, v.2, n.324, 29 out. 1927. p.1.

<sup>83</sup> LUSTOSA, Maria Isabel. **Brasil pelo método confuso**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1993. p.35.

concurso de Miss Brasil como representante de Santa Catarina. Neste concurso, Maura será lembrada logo nos primeiros dias e no final receberá uma votação bem expressiva.<sup>84</sup> Quando a Miss Santa Catarina eleita retorna a Florianópolis, após participar do certame no Rio de Janeiro, Maura é convidada à recepção. Nessa ocasião, o jornal além de noticiar o fato, transcreve também, na íntegra, a locução feita por Maura.

Esses concursos, muito comuns nas décadas de 20 e 30, que os jornais da Ilha promovem constantemente entre seus leitores, visam eleger: o melhor par de dançarinos, a moça mais bonita, os maiores poetas, o clube de regatas mais popular, etc.. Esta verdadeira febre de concursos vai contar com a colaboração dos leitores, na forma de votos que deveriam ser preenchidos, recortados e remetidos novamente ao jornal. Assim é que, num mesmo mês, o jornal "Folha Nova" promove três concursos, um para a escolha da rainha dos empregados do comércio, outro para descobrir o nome do filme que iria passar na classe extra do Cinema Ideal e ainda um outro para escolha do poeta catarinense mais apreciado. Interessante frisar que nesse período Maura ainda não está escrevendo poesias. Suas colaborações nos jornais que tinham se iniciado em 1923, estão sob a forma de prosa, assim como seu livro que seria publicado no ano seguinte (1931). Curiosamente, o primeiro lugar neste concurso cabe a João Rosa Junior com 7.596 votos, enquanto Delminda Silveira aparece em quarto lugar com 617 votos.<sup>85</sup> Para que se entenda como esses concursos eram de grande interesse para os leitores, deve-se salientar que a cobertura desse assunto permanecia em foco nos jornais durante muito tempo, sendo diariamente veiculados os resultados parciais da votação.

<sup>84</sup> MISS Brasil. **República**, Florianópolis, v.3, n.694, 22 jan. 1929. p.2.

<sup>85</sup> Ver os artigos: ELEIÇÃO da rainha dos empregados no Comercio. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n.1197, 09 out. 1930. p.6 ; GRANDE concurso cinematografico do Cinama Ideal. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n.1196, 08 out. 1930. p. 4 e QUAL o poeta catarinense mais apreciado. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n.1198, 11 nov. 1930. p. 2.

### 3. ATIVIDADES POLÍTICAS

Não é somente por ocasião dos eventos sociais que Maura recebe a incumbência de representar a cidade na saudação de personalidades. Também em festividades cívicas Maura o faz. É por ocasião da chegada à Ilha do destroyer "Santa Catarina" e a consequente oferta de uma bandeira aquele navio, que Maura receberá a tarefa de proferir um discurso para comemorar este evento. *"Seguidamente, a nossa illustre patricia senhorinha Maura de Senna Pereira, num improviso empolgante, em que poz toda a sua alma de mulher e de artista, fez a oferta do Pavilhão Nacional, em nome da Mulher Catharinense, depositando-o nas mãos honradas do bravo marinheiro Capitão de Corveta Adalberto Landrim..."*<sup>86</sup>

Apesar de haver uma tendência, para que os literatos florianopolitanos escrevam nos jornais e após este estágio desenvolvam uma carreira política, isso não se verificará com Maura. Florianópolis não possui uma burguesia com acumulação suficiente para ter autonomia frente ao poder público. Assim, tanto as empresas comerciais, como a imprensa precisavam dos recursos ou das benesses do poder para sobreviver. A constatação de que a imprensa da Ilha, desde o século XIX manteve uma forte ligação com o setor político, sendo, às vezes, diretamente ligada à partidos políticos e em outras, dependendo economicamente da verba governamental para publicação de atos oficiais, faz com que não apareça em Florianópolis, uma opinião pública autônoma que fôsse reflexo de uma esfera pública política.<sup>87</sup> O jornal "Folha Nova", para o qual Maura escreveu, mantinha ligações tão estreitas com os quadros partidários da República Velha que acabou sendo destruído pela população, por ocasião da

<sup>86</sup> A OFERTA da bandeira ao destroyer Santa Catarina. *Folha Nova*, Florianópolis, v.3, n.727, 25 mar.1929.p.1

<sup>87</sup> PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1995.

vitória da Revolução de 30.<sup>88</sup> Também corroborando esta ligação dos jornais com grupos políticos verificar-se-à com o jornal "República", algo semelhante. Este jornal, vinculado ao partido de Adolfo Konder, Partido Republicano Catarinense, que governava o Estado e que tinha se oposto firmemente às forças revolucionárias de 30, vai sofrer intervenção e terá sua publicação suspensa por um espaço de tempo. Ao ressurgir, sob nova direção, agora partidária ao governo revolucionário, terá como diretor Haroldo Callado e entre seus dirigentes, Barreiros Filho, Mâncio da Costa, Osvaldo Mello, Jairo Callado.<sup>89</sup> Escrevendo para o "República" nesses dois momentos: antes e após a Revolução, verificar-se-à que Maura passará a apoiar a Revolução.

Como afirmado anteriormente, por não possuir uma imprensa desvinculada de grupos políticos, Florianópolis não pôde contar com uma imprensa independente. Talvez por isso mesmo, Maura achasse conveniente permanecer desligada de partidos políticos e isso pode ser visto como uma atitude estratégica sua, que lhe permitiu circular por diferentes espaços, o que lhe seria impossibilitado caso optasse por um desses grupos. Essa atitude lhe deu liberdade para continuar atuando em diversas frentes e muito provavelmente facilitou sua permanência na "mídia" impressa da época.

Entretanto, como já afirmado, Maura toma partido em 1930, por ocasião da Revolução e da chegada ao poder de Getúlio Vargas na presidência do país. É preciso salientar que Maura apoia esse movimento logo no seu início e por ocasião da recepção que grande parte da população oferece ao Interventor Ptolomeu de Assis Brasil, em discurso, enfatizando seu papel de representante da "mulher catarinense", Maura se identifica com o sonho de um "*Brasil livre, fraterno e venturoso*" e irmanada no "*sonho democrático que vemos agora realizado e*

<sup>88</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. **Um estado entre duas Repúblicas**. Florianópolis : Ed da UFSC : Assembléia Legislativa do Estado, 1984. p.72.

<sup>89</sup> id. *ibid.* p. 80.

*compreendido em toda a nossa estremecida terra, e apoteozado pelo louvor dos lábios brasileiros e, abençoado pela luz desvairada do nosso céu e pelas hosannas de ouro das próprias estrellas".*<sup>90</sup>

Aqui, gostaria de refletir sobre esse apoio que Maura dá à Revolução de 30.

Será que Maura realmente acredita que esta Revolução seria uma ruptura com o que estava posto e a partir daí teríamos um país mais democrático ou, como já afirmado anteriormente, Maura usa de estratégias para continuar transitando por diferentes espaços de poder e este poderia representar mais um desses espaços?

Uma possibilidade é a de que por vaidade pessoal ou mesmo por questão de sobrevivência financeira, ela quisesse ou necessitasse continuar atuando na "mídia" impressa da cidade e para isso aderiu ao novo poder que se instalava. Nesse caso, pode ter existido aí, um "jogo duplo". Um jogo que Maffesoli descreve como uma duplicidade que tanto o corpo social como os indivíduos possuem no sentido de facilitar sua sobrevivência. Esta capacidade de resistência, ou como prefere Maffesoli, "astúcias de submissão", permitem ao indivíduo a possibilidade de resistir à uma situação indesejada de forma dissimulada, no intuito de evitar enfrentamentos. Esta duplicidade diz respeito à uma atitude não-lógica, que se contrapõe às atitudes lógicas tão facilmente identificadas na vida cotidiana. Dessa forma, frente a situações impositivas, podemos "dobrar sem quebrar", ou seja, podemos "fazer de conta" que aceitamos uma situação mas, mantendo um espaço para nossas convicções ou preferências.<sup>91</sup>

Logo após a eclosão da Revolução, ocorre uma manifestação pública em que a presença de Maura vai demonstrar com mais eficácia, sua imbricação na vida da cidade e seu prestígio perante o mundo político da Ilha que assumia o poder. Tendo a Revolução de 30 colocado

<sup>90</sup> A HOMENAGEM, da mulher catarinense. **República**, Florianópolis, v.1, n.7, 02 nov. 1930. p.2.

<sup>91</sup> MAFFESOLI, Michel. op. cit. p. 117 e seguintes e também MORIN, Edgar et al. op. cit., p. 51-70.

como Interventor do Estado o militar gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil, partidários dessa mesma revolução promovem um evento, com uma finalidade dupla. Por um lado, prestigiar Nereu Ramos, político que tinha postulado ocupar a Interventoria e que tinha sido desprestigiado por Getúlio Vargas e por outro, além de homenagear o Interventor, transmitir a ele, através de Nereu Ramos, as reivindicações da cidade.

Representantes de diversos órgãos de classe portam seus estandartes, bandas musicais tocam e uma grande multidão se reúne na frente da Prefeitura Municipal. Até os "chaufeurs" da capital aderem ao cortejo iluminando seus carros com "flambeaux". A multidão parte em direção ao Clube Doze de Agosto, situado na rua João Pinto. Das sacadas deste clube, Maura de Senna Pereira faz um discurso onde enaltece o gesto *"de homenagear-se a quem por seu acendrado civismo, se tornará digno da confiança e da estima do povo de sua terra"*. Ao término do discurso, Maura acompanhada de outras mulheres descem do Clube e se incorporam à multidão que segue em direção à sede da Liga Operária, onde discursa João Bittencourt Machado. A caravana percorre a rua Tiradentes, entra na rua Hercílio Luz onde de uma janela do Instituto Politécnico discursa Ary Machado e pela Escola Prática do Comércio fala Orlando Brasil. A multidão percorre as ruas da cidade, sendo animada pelas bandas Amor à Arte, União dos Artistas, do 14 B.C. e da Força Pública. Ao chegarem à casa de Nereu Ramos, Osvaldo Mello toma a palavra para *"investir o Sr. Dr. Nereu Ramos dos poderes de representante do povo, para em nome de mesmo dirigir-se ao Sr. General Ptolomeu de Assis Brasil, interventor federal no Estado e manifestar-lhe a sinceridade do povo barriga-verde por tudo quanto tem feito em benefício do mesmo"*. Isto posto, Nereu se incorpora à multidão que segue em direção ao Palácio do Governo, onde o Interventor após o discurso de Nereu Ramos *"terminou por conscitar ao povo para que o ajudasse na reconstrução moral e material por que passa a nossa pátria neste momento"*. Ao término da manifestação, um grupo

de populares dirige-se à rua Marechal Foch e substitui o nome desta rua pelo do Dr. Nereu Ramos.<sup>92</sup>

Esse evento mostra como a vontade desses revolucionários de 30 era substituir as velhas estruturas e tendo a Revolução de 30 se processado mesmo como uma ruptura do processo político da Primeira República, os grupos políticos que faziam parte do governo estadual ficam desempregados, fazendo com que a luta pela obtenção de cargos públicos deixasse de ser uma luta por *status* e adquirisse o caráter de luta pela própria sobrevivência.<sup>93</sup> Esta ânsia por cargos públicos é uma característica sempre presente na sociedade florianopolitana, fazendo com que até nossos dias, a administração pública seja a atividade mais importante e de onde provém a maior parte dos recursos da população.

Além de ser uma mulher de prestígio na cidade, sabemos que Maura é também muito preocupada com as injustiças sociais, fato aliás, muito comum para a época. Esta preocupação vai aparecer em diversos pontos de sua obra, mas também em episódios de sua vida. Isto ela vai usar para pressionar o então Interventor Federal no Estado, Major Rui Zoraban, à libertar da prisão a única mulher que se encontrava presa na cidade de Florianópolis, àquela época. Essa pressão vai se concretizar numa carta-aberta que publica nos jornais da cidade, onde roga à "*V.Ex. que lho conceda esse desejado perdão à minha misera irmã no sexo, para que o Ano Bom que aí vem restitua a Sofia Laicht a benção suprema da liberdade*".<sup>94</sup>

Por ser uma pessoa que está constantemente se reportando às situações em que as mulheres são oprimidas e se constituir numa porta-voz, nesse momento e nesse espaço, das lutas para a emancipação das mulheres, Maura vai, identificando-se como "irmã de sexo" da

<sup>92</sup> IMPONENTE manifestação de apreço ao Sr. Nereu Ramos. A *Semana*, Florianópolis, v.3, n.110, 04 dez. 1930. p. 1.

<sup>93</sup> Pedro apud FERREIRA, Sérgio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

<sup>94</sup> Carta aberta ao Exmo. Sr. Major Rui Zoraban. (sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

acusada, batalhar também pelo que considera uma injustiça. Explicitando que no Brasil, a justiça não é cega e absolve aos que tem apaniguados, vai reclamar o perdão para aquela que não tendo apadrinhamento, foi condenada à prisão por ter roubado uns tostões. Irônico é que dessa forma, Maura utiliza o mesmo sistema de apaniguamento e faz às vezes de "pistolão" para conseguir o perdão de sua apadrinhada. Ela vai usar o que Da Matta considera o procedimento usual na sociedade brasileira, que é o sistema relacional, em que o que se privilegia é o relacionamento pessoal, as pessoas, as famílias e os grupos de parentes e amigos, em detrimento dos indivíduos e dos cidadãos. Enquanto em alguns lugares a idéia de sociedade está baseada na igualdade de todos os cidadãos, no Brasil ela é heterogênea, hierarquizada e relacional. Pois, apesar do Brasil alardear estar assentado num credo liberal, opera privilegiando as relações pessoais de modo flagrante. A sociedade brasileira interpreta o anonimato como uma ausência de relação humana. Este anonimato teria a significação de universalidade onde a individualidade desaparece e surge o cidadão. Nestas circunstâncias, na sociedade brasileira, o que se quer é restabelecer a individualidade e isso pode ocorrer através do estabelecimento de fortes relações pessoais. Assim, é compreensível que esta relação pessoal que Maura estabelece com a prisioneira, esteja calcada no desejo de, ao nomeá-la, ao reconhecê-la, ela lhe esteja dando uma individualidade, revestindo-a de uma humanidade para, resgatando-a da sua condição de universalidade, quem sabe conseguir sua libertação.<sup>95</sup>

Apesar do descomprometimento partidário formal anteriormente referido, Maura será convidada em 1937, portanto no período do Estado Novo, por Aristiliano Ramos e Henrique Rupp Junior, membros do Partido Republicano Liberal<sup>96</sup>, para que faça parte da comitiva que recepcionaria a deputada paulista Maria Thereza de Camargo Barros que viria representar seu

<sup>95</sup> DA MATTA, Roberto, op. cit., p.65 e seguintes.

<sup>96</sup> Esse partido foi formado por uma dissidência do Partido Liberal cuja figura máxima era Nereu Ramos, governador do Estado. Ainda nesse mesmo ano todos os partidos políticos foram fechados. Ver: CORRÊA, Carlos Humberto, op. cit. 1984. p. 218 - 21.

Estado na Convenção Democrática do partido e que se realizaria em Florianópolis. Diz a carta-convite: "... desconhecendo as tendências políticas de V. Excia. tomamos a liberdade de convidá-la para a recepção daquela senhora e para os demais atos que se sucederem, inclusive a Convenção, pois queremos ver nossa terra dignamente representada por expressões culturais femininas. O comparecimento de V. Excia. não significará qualquer obrigação política".<sup>97</sup>

Uma possibilidade que se pode pensar para esta profusão de convites para Maura "representar a mulher catarinense" em inúmero eventos, que vão desde eventos sociais até políticos, pode residir no fato de que sua competência para desempenhar esta função diplomática tinha sido demonstrada em outras tantas participações. Aliar isto ao fato dela ser uma pessoa eloqüente, com facilidade para o convívio com as pessoas e de se mostrar uma pessoa sempre disponível quando dela se necessita, pode ter contribuído para isso. Também convém lembrar que Maura durante esse período era uma mulher solteira, o que lhe permitia uma liberdade maior de ação. Além disso, por não pertencer a um partido político, ela podia transitar por diversos grupos sem constituir inimizades. Mas, além de todas estas possibilidades é preciso perceber que deviam ser poucas as mulheres em Florianópolis, portadoras desse conjunto de qualidades que a habilitava para este papel.

O fato do convite salientar que sua participação naquele evento não significa compromisso com aquele partido é revelador da preocupação de Maura em se manter independente de qualquer vínculo político-partidário (apesar dela ter sempre se relacionado pessoalmente com os políticos). É bom repetir que essa desvinculação dos partidos políticos

---

<sup>97</sup> Carta endereçada à Maura, datada de 13 jun. 1937 (Arquivo ACL)

é uma postura que lhe propicia um acúmulo de relações sociais que lhe poderia ser extremamente benéfico.<sup>98</sup>

#### 4. DESEMPENHANDO A MISSÃO

A morte de seu pai, quando Maura contava 19 anos, coloca-a, juntamente com outro seu irmão, na circunstância de ter que trabalhar para sustentar uma família de dez pessoas.

Essa sua inserção no mercado de trabalho, apesar de se fazer de maneira compulsória, vem ao encontro de suas expectativas de que as mulheres devam ter uma profissão. Portanto, é possível supor que não lhe fosse assustador. O que lhe deve ter sido bastante problemático foi a impossibilidade de prover o sustento da família, da forma confortável como seu pai o fazia:

**"Pão farto só tivemos até que cedo Pai morreu  
Outros golpes vieram - e ao luto  
a luta brava sucedeu".<sup>99</sup>**

Maura vai trabalhar naquilo para o que sua formação profissional a tinha preparado - vai ser professora, dando aulas diuturnamente em diversos lugares, inclusive no Instituto Comercial que tinha sido fundado por seu pai.

Em 1928 faz concurso para a Escola Complementar, que funciona junto à Escola Lauro Muller. O jornal "Folha Nova" dá repercussão a este concurso, divulgando a banca composta por Francisco Barreiros Filho, Carlos Sada, Achilles Gallotti e o representante do governo de Adolfo Konder, inspetor Luiz Bezerra Trindade.<sup>100</sup> Maura rememorando o fato, lembra que:

<sup>98</sup> A utilização dessas relações pode ser verificada no pedido que Maura endereça a Arnaldo San Thiago datada de agosto de 1933 solicitando emprego para seu irmão Roberto, em Laguna. Carta pertencente ao Arquivo ACL.

<sup>99</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1984, p. 6.

<sup>100</sup> PELA instrução. *Folha Nova*, Florianópolis, v.2, n.406, 02 mar. 1928. p. 1.

"havia muita gente para assistir porque começaram a dizer que ninguém se inscrevesse porque a cadeira ia ser minha, que o Adolfo Konder ia me nomear e não foi nada disso. Foi de acordo com as provas. Diziam assim aquelas mulheres que pensavam que eram alguma coisa e hoje eu nem sei se lembram delas. Acredito que muita gente foi para torcer contra. O Aquiles Gallotti, que era o presidente da banca e o Barreiros Filho me disse umas três ou quatro vezes "bravo" nas respostas da prova oral e ao final falou: "considero esta prova ótima e lhe dou distinção na prova escrita", que ele chamou de tratado de pontuação".<sup>101</sup>

Anos mais tarde, ao rememorar suas atividades como professora, ela ainda relembrará as noites em que enfrentando o frio, enfrentava também a vida:

"Ver-me a mim própria, menina e moça, mais criança do que mulher, ensinando a homens num curso noturno (...) De dia era o mesmo e duro labor das aulas, pois grandes eram as responsabilidades da professorinha orfã. A carta de Isolda, descrevendo problemas e situações que eu enfrentara na minha existência em flor, foi um impacto sobre a manhã tranquila. Parece que estou a vê-la, Isolda, segurar a velha impermeável, colocar a boina correndo, pegar a bolsa e, tossindo, enfrentar a chuva fina, a noite feia. Tossindo, mas assim mesmo não faltando à aula..."<sup>102</sup>

Maura é uma pessoa que apesar de conviver com o poder constituído, quer mudanças na sociedade, principalmente quer mudar as condições históricas das mulheres.

Entretanto, é preciso atentar para o fato de que as mudanças não ocorrem em função de um só indivíduo, mas da sociedade que é formada pelos indivíduos, pois nenhuma pessoa isolada consegue transgredir as leis da sociedade na qual está inserida e transformá-la sem que essas mudanças sejam desejadas pelos outros membros do grupo.<sup>103</sup>

É devido a existência de tensões entre os diferentes grupos sociais que ocorre a geração de um impulso em direção às mudanças. Os indivíduos possuem uma margem de decisão, espaço para a iniciativa do sujeito, cujo tamanho vai ser determinado pela rede social na qual interagem. E é este espaço que o indivíduo tem para agir no sentido de realizar

<sup>101</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 11.

<sup>102</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Mestra em flor. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, (19--). (Arquivo ACL)

<sup>103</sup> ELIAS, Norbert. op. cit., 1994, p. 48.

transformações no seu espaço social.<sup>104</sup> E estas transformações devem sempre ser encaradas como problemáticas porque mesmo as transformações mais desejadas estão carregadas de obstáculos e riscos.<sup>105</sup>

Em Maura<sup>9</sup> ocorre essa constante procura por mudanças, mas é interessante notar que estas mudanças serão buscadas por ela, de forma a não agredir o seu grupo. Serão pedidas em seu discurso, mas de uma forma que não provoque embates mais fortes, o que nos leva a pensar que o seu feminismo foi aquele possível para a sua época. O que não à livra de resistências...

Uma das maiores lutas de Maura<sup>9</sup> ocorre enquanto exerce o magistério e é precisamente em decorrência desta função. Sua rebeldia se manifesta quando, inconformada com a lei que inviabiliza o casamento de professoras, Maura aproveita a ocasião da realização da Conferência Estadual de Ensino Primário, em agosto de 1927 para provocar a discussão sobre este tema.

Esta Conferência ocorre sob a presidência de Cid Campos, Secretário de Interior e Justiça que, juntamente com o Diretor da Instrução Pública Mâncio Costa e o Diretor da Escola Normal, Prof. Barreiros Filho, vão formar a cúpula do evento. Cinquenta teses serão apresentadas para estudo e parecer das comissões. Para comemorar a ocasião, é realizado um almoço festivo na casa do governador, na "Estação Agronômica", onde à mesa, sentam-se além de outras pessoas, Maura e Beatriz Silveira de Souza, outra professora de renome. Nessa ocasião, é ventilado o assunto que faz menção à lei estadual que faculta ao governo a remoção para as escolas isoladas das professoras de grupos escolares que contraírem matrimônio.

Maura então, em 06 de agosto de 1927, fundamenta um requerimento assinado por todas as professoras conferencistas presentes, pedindo à Mesa que pressione o Congresso Estadual para que fosse revogada a lei que trata do casamento das professoras dos grupos

---

<sup>104</sup> id. *ibid.*, p. 44 e seguintes.

<sup>105</sup> MALUF, Marina, *op. cit.*, p. 66.

escolares.<sup>106</sup> A defesa da lei será feita pelo coronel Marcos Konder, autor da mesma, enquanto diversas outras vozes se afinam ao discurso de Maura. Esses discursos vão ocorrer também nos jornais da época, com pessoas partidárias de um e de outro lado, se expondo publicamente a favor ou contra tal requerimento.

Para o discurso favorável à lei, os argumentos são de que para exercer a sua função de mestras seria necessário deixar de dedicar-se ao papel de mães de famílias.<sup>107</sup> Posteriormente, as feministas vão reverter este argumento, mostrando que o magistério seria uma extensão do papel materno e assim conseguir neutralizar um pouco as reações contrárias ao trabalho feminino.

Para os partidários da mudança da lei, o discurso é sobre a injustiça e a inadequação da imiscuidade do governo na privacidade das pessoas.<sup>108</sup> E é por acreditar-se na capacidade das mulheres de conciliar essas duas funções que os maiores defensores da causa, dirão:

**"a capacidade de trabalho da mulher é superior á nossa. As professoras sabem conciliar as suas obrigações domésticas com as da escola... Mais methodicas do que os homens, dividem perfeitamente o seu tempo, organiza a sua vida com methodo (...) Que a lei é injusta e, o que é peor - injustificada, dil-o-á qualquer chefe de família que tenha tido a instrução de seus filhos confiada a uma professora casada, cumpridora de seus deveres. A esses compete protestar. É injustiça, é dever".<sup>109</sup>**

Essas discussões ocorrerão também no Congresso Estadual (atual Assembléia Legislativa) onde também os deputados tomarão partidos diferentes. Maura debate principalmente com o deputado Arthur Costa que acumulando ainda as funções de Chefe de Polícia e posteriormente Secretário da Fazenda e Secretário Interino da Justiça do governo de Adolfo Konder vai contribuir para inviabilizar a derrubada da lei.

<sup>106</sup> CONFERÊNCIA Estadual de Ensino Primário. *O Estado*, Florianópolis, v.13, n.3956,06 ago, 1927. p.2.

<sup>107</sup> Konder, Marcos apud TABORDA, A. Professoras casadas. *O Estado*, Florianópolis, v.13, n. 3958, 09 ago. 1927. p.2.

<sup>108</sup> TABORDA, A.. Ditar o dever às brasileiras. *O Estado*, Florianópolis, v.13, n. 3980, 03 set. 1927. p.2.

<sup>109</sup> id. Professoras casadas. *O Estado*, Florianópolis, v.13, n.3958, 09 ago.1927. p. 2.

Também por ocasião do mesmo Congresso, Maura vai liderar outra reivindicação importante para a sua profissão. *"Pleiteando um direito irrecusável, algumas professoras normalistas, tendo á frente a senhorita Maura de Senna Pereira e a exma. sra. Catharina Demoro, apresentaram em plena reunião da recente Conferência Estadual do Ensino, uma indicação para que fôsse levada ao Congresso Estadual, solicitando a equiparação dos vencimentos das professoras aos dos professores".*<sup>110</sup>

Em face da solidariedade de diversos colaboradores dos jornais à essa solicitação, o governo reconhece a justeza do pedido, mas afirma sua impossibilidade de arcar com essa despesa.

O que ocorre, nessa circunstância, é que o grupo liderado por Maura não consegue mudar o que está posto mas, mostra que tem coragem suficiente para desafiar. Enquanto o discurso tradicional é de aceitação e conformidade, as propostas desse grupo desafiam a sociedade a mudar.

Enquanto os jornais da época procuram exaltar as mulheres passivas que aceitam sua condição tradicional: *"Quem ha que já não tenha compreendido a diferença que marca nos sexos o destino suave da mulher? Esse destino suave, doce, quasi passivo, as vezes pela força divina a que obedece na ordem de criação dos seres, é a grande lei que não poderia ser transgredida sem que a voz da terra clamasse ao céu ..."*<sup>111</sup>, Maura em contraposição a esse discurso, desafia e propõe mudanças. E por se reconhecer como uma pessoa de capacidade igual aos homens, ela consegue dialogar com eles, visto que uma discussão só se pode estabelecer entre iguais.

Lembrando que a inserção de Maura no mercado de trabalho ocorre em decorrência da morte de seu pai, é importante verificar que o fato de ter morrido o provedor da família,

<sup>110</sup> OS VENCIMENTOS das professoras. *O Estado*, Florianópolis, v.13, n.3979, 02 set. 1927. p.1.

<sup>111</sup> COELHO, Acy. A educação de Eva. *O Tempo*, Florianópolis, v.1, n. 168, 26 jul. 1925. p.2.

provoca uma situação em que a família extensa vai se tornar responsável por aquela família nuclear. Assim, tios, primos e avós vão criar laços de solidariedade a fim de preservar aquele núcleo familiar.

Mas, ao mesmo tempo que essa influência da família extensa auxilia a sobrevivência do grupo, ela exerce pressão para que aquele núcleo permaneça coeso. Conforme depoimento, fica-se sabendo que, nesse período em que o trabalho de Maura foi fundamental para a sobrevivência da família, pelo menos um namoro seu foi desfeito, através da pressão que um tio exerceu sobre seu namorado.<sup>112</sup> Ao enfatizar a importância fundamental do trabalho dela para a sobrevivência da família, seu tio explicitava ao pretendente o sobrepeso que ele adquiriria com um eventual casamento, fazendo com que aquela relação ruísse. Isso vem ao encontro do que afirma Stack, quando se refere à ligação de um membro de uma estrutura de dependência, com outro não economicamente abastado. Nesse caso, os membros originais do grupo vêem essa relação com o novo indivíduo como um risco de enfraquecimento dos recursos dos membros da estrutura doméstica, indo atuar no sentido de romper tais ligações visando manter o lar baseado no grupo original e tentando aumentar ao máximo seus recursos e potencialidades.<sup>113</sup>

Maura já tinha se formado pela Escola Normal, mas ainda não tinha prestado o concurso público para professora da Escola Complementar de Florianópolis, o que só se verificará em 1928, quando é convidada como paraninfa de uma turma de normalistas da Escola Normal de 1927. Na realidade ela será a primeira professora a receber este honroso convite. Esse pioneirismo de Maura será salientado pelo jornal "Folha Nova": *"Pela primeira vez, fica uma professora, naquele estabelecimento, com aquela honrosa incumbência. Honrosa, e - sejam francos - muito merecida. A senhorinha Senna Pereira é um espírito de*

<sup>112</sup> Entrevista realizada com a Sra. Mariazinha Senna Pereira em 16 ago. 1995.

<sup>113</sup> Stack, Carol. O comportamento sexual e estratégias de sobrevivência numa comunidade negra urbana. In: ROSALDO, Michele, LAMPHERE, Louise (Coord.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 154.

*Honrosa, e - sejamos francos - muito merecida. A senhorinha Senna Pereira é um espírito de fino brilho na ourivesaria das nossas letras, além disso, fez todo o curso normal, sendo ainda a primeira normalista que se consagra com tal distinção".<sup>114</sup>*

Mas, como Maura sente a sua profissão? O que significa para ela o magistério? Vemos que aqui Maura foge do estereótipo de que educar é uma maternagem simbólica, tão comum nos discursos feministas da época:

**"A missão do professor é uma carreira de renúncias e de benefícios, porque ser mestre é dar o maximum de um devotamento consciente e vocacional, constante e magnífico ao seu trabalho de disciplinador e plasticizador de almas; é dar um sonho ao espírito do educando, que é uma boca sequiosa, um conjunto de conhecimentos ao seu cérebro e um facho ao seu ideal de indivíduo que surge para as complexidades quotidianas..."<sup>115</sup>**

## 5. A ESCRITA

As mulheres que iniciaram a luta pela emancipação feminina, encontraram na imprensa, assim como em outras instituições, um espaço de atuação política para lutar por seus interesses e que antes lhe era dificultado - o espaço público. Desse forma, os jornais permitiram uma reflexão sobre as representações até então formuladas sobre as mulheres e foi um meio de sua afirmação enquanto sujeitos. A valorização do jornal como meio de comunicação eficiente para se sensibilizar o público é reinterada por Nelson Werneck Sodré ao afirmar que o caminho para se chegar ao público não é o livro, mas o jornal.<sup>116</sup>

Escrever foi uma constante na vida de Maura, que inicia esta atividade enquanto ainda era criança. Enquanto o discurso dos jornais continuava pressionando as mulheres a não

<sup>114</sup> ESCOLA Normal : Colação de grau. *Folha Nova*, Florianópolis, v. 1, n. 308, 10 nov. 1927. p. 4.

<sup>115</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A missão do professor . *República*, Florianópolis, v.2, n.541,18 jul.1928. p. 1.

<sup>116</sup> Sodré, Nelson Werneck apud BICALHO, Maria Fernanda. op. cit., p. 71.

assumirem novos papéis na sociedade: *"Como se vê, é bem possível que a igreja catholica e os livres-pensadores atras aludidos tenham razão, pois, a nosso vêr, é tão deshonesto para u'a mulher pôr areia na linhaça como pôr na literatura as exaltações do seu sexo"*<sup>117</sup>, Maura mantinha sua atividade literária.

Durante as primeiras décadas do século, ao escrever textos para o colégio, tinha-os muito elogiados e até declamados em voz alta por um tio que, admirado pelos textos, publicou-os nos jornais da época:<sup>118</sup>

**"Oh por que foi meu tio Júlio Régis  
publicar meus textos matinais  
depois de lê-los no inflamado tom  
que os embelezava?"**<sup>119</sup>

Apesar desta primeira fase de publicações, vai ser somente a partir de julho de 1923, quando contava 19 anos, que ela voltará a publicar algum texto. Essa data coincide com a necessidade de trabalhar que advém com a morte de seu pai. Aliás, este se constitui no primeiro momento de ruptura de sua vida. Este fato faz com que um modo de vida se rompa definitivamente, fazendo com que ela ingresse numa nova realidade; realidade de ação, de ter que se posicionar diante da vida, de luta por sua sobrevivência e de toda a sua família, pois sendo a filha mais velha, tomou para si essa responsabilidade.

Com relação à atividade de jornalista, é interessante observar duas coisas. Em primeiro lugar, é muito pouco provável que Maura fosse remunerada por colaborar nestes primeiros jornais e, portanto, é legítimo pensar que não foi visando a remuneração que Maura passa a escrever na imprensa. Em segundo, que a publicação de seu primeiro texto desta segunda fase, se dá em resposta às provocações que alguns jornalistas fazem, no sentido de que mais mulheres escrevam para os jornais.

<sup>117</sup> S. A Igreja Catholica. *O Estado*, Florianópolis, v.17, n. 5336, 09 jul. 1931. p. 1.

<sup>118</sup> A saga de Maura, op. cit., 1994.

<sup>119</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit., 1984, p. 7.

Até esse período, é muito esporádica a manifestação das mulheres no espaço público. As mulheres letradas confinadas no lar, não apareceram na história oficial, ficando portanto, alijadas deste processo. Por não se exporem em um público, como por exemplo nos jornais, pode-se pensar que houve um silêncio das mulheres. Esse silêncio, se observarmos os jornais anteriores à década de 20, é significativo, porque apesar do silêncio não poder ser observável de maneira direta, ele não é o vazio, ele pode ser percebido, sentido. Segundo Orlandi, este silêncio que a linguagem pode carregar, é o não-dito que pode ser percebido no interior da linguagem.<sup>120</sup>

Também é preciso considerar que o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras como no implícito, nem é um seu complemento, mas conforma Busset é o espaço que há entre as palavras, entre as linhas e também entre os seres, sendo um "*intervalo pleno de possíveis que separa duas palavras proferidas...*".<sup>121</sup>

Segundo Foucault é no discurso que se articulam poder e saber, mas não se deve imaginá-lo como dividido entre o discurso admitido e o excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado, mas é preciso admitir um:

**"jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras".**<sup>122</sup>

Assim, pode-se afirmar que conforme a circunstância e a estratégia, um discurso pode estar de um lado ou de outro, com o poder ou contra ele.

<sup>120</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1993. p. 23 e seguintes.

<sup>121</sup> Busset apud ORLANDI, Eni Puccinelli, op. cit., p. 70.

<sup>122</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro:Graal, 1993. p.96.

O silenciamento pode ser produzido através de um discurso quando se diz algo para que ele não signifique além do que se quer, ou seja, apresenta-se um discurso pronto que inibe a possibilidade de apresentação de um outro.<sup>123</sup> É desta forma que se anulam os significados que se quer evitar, pois ao serem interditos espera-se que sejam anulados no real.<sup>124</sup>

Assim, pode-se entender que o não-dito manobra o dizer; ele desenha o perímetro do discurso, estabelecendo até onde o implícito pode ir. Por conseguinte não se está referindo aqui ao silêncio como o não-dito que se entende como implícito: aquilo que não se diz, mas que faz parte do discurso.

A existência de um discurso pronto, o estabelecimento de papéis já definidos para as mulheres na sociedade, dificultava o aparecimento de um outro sentido para elas. A normatização de seus comportamentos intimidou o aparecimento de comportamentos diferentes daquele estabelecido, dificultou as transgressões. Entre as camadas médias, o ideal estabelecido de esposa e mãe perfeitas, silenciou outras possibilidades para as mulheres, funcionando como um sistema repressivo que levou muitos anos para ser vencido.

Mas, lembrando Foucault, o mesmo silêncio que pode ser fruto do poder, pode servir para produzir a resistência. E foi desse silêncio que brotaram muitos discursos femininos.

Um estranhamento desse silêncio das mulheres levou o jornalista José Acrísio, do jornal "O Elegante",<sup>125</sup> a desafiar as mulheres à escreverem na imprensa da cidade.

Em resposta a este desafio, Maura manda um texto para o mesmo jornal, com o título "Flor", mas assina-o com o pseudônimo de Alba Lygia.<sup>126</sup>

<sup>123</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli, op. cit., p. 76.

<sup>124</sup> FOUCAULT, Michel, op. cit., 1993a, p. 82.

<sup>125</sup> PAÇO, Acrísio do. A propósito das colaborações femininas. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.13, 24 jun. 1923. p.3

<sup>126</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Um rouxinol que vôou para o céu. **Ilha Verde**, Fpolis, ago. 1930. p. 27.

Neste primeiro texto, pressionada talvez pela novidade, Maura reproduz o discurso da época, pregando as virtudes espirituais da mulher: *"Pode uma menina ter muitas prendas (...) Pode ter a sympathia (...) a graça no sorriso, a meiguice nos olhos, a harmonia na voz. Pode mesmo ter a beleza!... Porém, o que nos faz querer bem a uma menina, o attrativo que mais nos prende, o dote que mais nos seduz é sem dúvida, a sua Bondade!"*<sup>127</sup>

Para se entender o porquê do uso de pseudônimo, é preciso lembrar que a sociedade de Florianópolis era uma sociedade machista, calcada no confinamento das mulheres de classe média no lar e na obediência delas aos maridos. Jornais da época veiculam as formas de ser que eram impostas às mulheres, conformando-as:

**"... O esposo é a força, a ordem, a autoridade e, até mesmo a vida; a esposa é a formosura, o carinho, a suavidade, a dedicação e o amor (...) A mulher não deve menosprezar a castidade, o labor e a religião, e muito menos deixar de amar a seu estremecido esposo com todas as veias do seu coração. Tudo o que possui a esposa deve sacrificar em prol do conjuge e nada lhe regatear, quer sejam perolas, riquezas ou dinheiro ..."**<sup>128</sup>

Enquanto as mulheres são vistas como esposas e mães elas são mulheres que se realizam em função de algo externo à elas, de uma personalidade que os filhos e o marido lhes conferem e não através de suas capacidades ou de suas próprias personalidades. É uma vida inteira mergulhada nos outros o que não possibilita o vislumbre do que a própria pessoa é. Aliado a isso, o fato de haver um endeusamento desse papel de mãe, torna muito mais difícil querer uma transformação. A normatização de seu comportamento faz com que as mulheres interiorizem a sua própria opressão, permaneçam indiferentes e não intuem que possam existir outros papéis para elas. Enquanto se cria um mundo para as mulheres, elas permanecem nele e dele tem a tendência de não sair, de permanecerem encerradas neste dito "mundo de mulher".

<sup>127</sup> LYGIA, Alba (Maura de Senna Pereira) Flor. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.14, 01 jul. 1923. p.3.

<sup>128</sup> NOLASCO, Sergio. **A família. A Época**, Florianópolis, v.11, n.9, 27 nov. 1920. p.1.

A revista "Fon-Fon", de circulação nacional, reproduzia esse discurso ao publicar: "*O instinto da mulher é o lar, a família. O amor é a sua missão, a sua função a maternidade. Enquanto realiza aquela missão e exerce essa função, ella é feliz*".<sup>129</sup> A circunscrição das mulheres na esfera da necessidade, enquanto aos homens estava reservada a esfera pública, é uma situação característica. Aos homens era dada a possibilidade de modificar o mundo pois atuavam "fora" e as mulheres não tinham essa possibilidade de mudança pois viviam "dentro"<sup>130</sup>. Convém enfatizar aqui que, embora essas duas esferas pareçam dois espaços totalmente separados, na prática não é assim que se apresenta. Essas duas esferas apresentam interfaces em que uma penetra no espaço da outra, mesclando-se. Assim é que, nas inúmeras ocasiões em que os homens, por problemas dos mais diversos não puderam mais sustentar sua família, foram as mulheres que ocuparam seus espaços mas, esta atuação em papéis ditos "masculinos" dificilmente é evidenciada. Ficou invisível na história escrita.

Assim, é compreensível a reserva de Maura de se expor em um público. Isso provavelmente se deve ao papel pioneiro dessa atividade, já que, naquele período, raríssimas mulheres o faziam mas, pode significar também uma insegurança sua com relação à aceitação de suas teses, visto que após a publicação desses primeiros textos, ela vai defender pontos de vista que se embatem com a opinião pública mais corrente da época, mais precisamente em favor de mudança nos papéis tradicionais das mulheres na sociedade. As mulheres que se expunham num público foram logo sendo reconhecidas como feministas e Maura devia estar ciente do conceito pouco elogioso com que os antifeministas as rotulavam. A opinião dos antifeministas brasileiros não devia ser muito diferente da opinião dos europeus que nos é lembrada por Gay. "*Apostamos uma imensa maçã como as referidas senhoras não são nem 'belas' nem finalmente educadas. Nove entre cada dez estão sem dúvida passadas. Têm narizes*

<sup>129</sup> RIZIERI, Regina. O feminismo e a mulher. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 26 set. 1931. p. 14-5.

<sup>130</sup> HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 16

*aquilinos, pés-de-galinha em volta dos olhos fundos e cabelos desbotados. São profundas conhecedoras dos assuntos relacionados ao rapé*".<sup>131</sup> Além disso, é preciso lembrar que ao expor-se, Maura estaria expondo também sua família e talvez isso não fosse desejado por ela.

A partir deste primeiro texto, Maura colaborará constantemente, durante toda a sua vida, para diversos jornais, tanto em Florianópolis, como em Porto Alegre e também no Rio de Janeiro.

Conforme Habermas, a imprensa é o instrumento-mor da manifestação de uma esfera pública. Através dos artigos de jornais, o público discute os temas de seu interesse e se sente parte integrante desse contexto. Assim sendo, Maura não somente se expõe, mas também será porta-voz desse público que se vê retratado nos textos que lêem.<sup>132</sup> Habermas vai mostrar, como no século XVIII, as pessoas privadas, acreditando na possibilidade de poderem manter relações "puramente humanas" vão se expressar literariamente sob a forma de cartas. Estas, vão mostrar toda a carga íntima do sujeito, enfim, toda sua subjetividade. Estes "escritos da alma" vão mostrar uma "subjetividade capaz de literatura".<sup>133</sup> Maura vai manter em seus escritos este caráter confessional, evidenciando constantemente seus sentimentos, suas emoções, suas dores, suas alegrias, suas vacilações, enfim, seu íntimo. Palavras que por espelharem a sua intimidade, espelham também a subjetividade do outro.

Ainda Roger Chartier<sup>134</sup> escrevendo sobre a escrita feminina nos séculos imediatamente anteriores ao nosso, vai afirmar a tendência dessa escrita em apresentar características intimistas como: o pseudônimo, a destinação do texto a um público restrito, próximo e cúmplice e que por isso mesmo foi uma escrita que se identificou com a posição marginal e

<sup>131</sup> GAY, Peter, op. cit., p. 144.

<sup>132</sup> HABERMAS, Jürgen, op. cit., p. 59 e 67.

<sup>133</sup> id. *ibid.* p. 65 e seguintes.

<sup>134</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, [s.l.], v.4, 1995. p.38.

dominada dessas mulheres. Este estilo intimista que está presente nas páginas dos jornais será também posteriormente utilizado em suas poesias:

**" A palavra que decerto jamais escreverei  
pois a que tenho escrito - tenho rasgado  
por imprecisa, inócua, ataviada,  
Breve ou não, quero-a brava e exata  
espelhando o homem do meu tempo  
a hora que o relógio marca  
fim de centúria e de milênio  
era superapocalíptica  
Nem o transato nem o amanhã  
só esta hora mesma e conflagrada de agora  
na palavra em que meu semelhante veja a sua face  
e nosso tempo em meu texto  
e diga: está certo, irmã" .<sup>135</sup>**

Esta capacidade de transpor sua intimidade para a poesia é exposta por Carlos Drummond de Andrade, quando escreve a Edgar Cavalheiro, desculpando-se por não prestar o depoimento solicitado: *"E observo ainda que tudo que eu pudesse dizer, em entrevista ou depoimento, está dito ou expresso em minhas poesias. Elas traduzem minha experiência pessoal, refletem a minha visão e o meu conceito do mundo, e a minha atitude (se não for pretenciosa a expressão) diante das lutas revolucionárias do nosso tempo"*.<sup>136</sup>

Ainda em "O Elegante" Maura retoma sua vocação para o pioneirismo e fica sendo responsável pela seção quinzenal intitulada "Feminismo" e é neste periódico que é publicado em 31 de maio de 1925, o que talvez seja o primeiro artigo feminista de Florianópolis: "Volvamos nossas vistas para o porvir". Aliás, nos jornais e revistas para os quais colabora, Maura sempre procura expressar suas opiniões acerca da mudança do papel tradicional das mulheres na sociedade.<sup>137</sup>

Sua participação no "O Atalaia", órgão vinculado à Igreja Presbiteriana, se processa com artigos sobre temas religiosos como "Natal", "Evangelho" e "Meu Aplauso". Maura

<sup>135</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Busco a palavra. In:-----, **Cantiga de amiga**, op. cit., p.23.

<sup>136</sup> Drummond apud MICELLI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**. São Paulo : Difel, 1979. p. 144.

<sup>137</sup> A análise de seus principais temas serão feitas no terceiro capítulo.

também escreve um artigo intitulado "Fraternidade", onde relata o piquenique que membros da Igreja realizaram.<sup>138</sup> Este é um hábito bastante frequente da época, não somente em Florianópolis, onde habitualmente as famílias se reuniam para juntos desfrutarem da natureza, mas em todo o mundo ocidental. É oportuno lembrar dos inúmeros pintores que immortalizaram nas telas diversas cenas que ilustram este lazer burguês.<sup>139</sup> São diversas as notas nos jornais ilhéus, convocando as pessoas para participarem destes eventos. Assim, o jornal "Folha Nova" publica anúncio, convidando para o piquenique que o Clube Doze de Agosto e Lira Tennis Clube estão promovendo na praia de Sambaqui, em homenagem à Oficialidade da Guarnição Federal que naquela praia está acampada. Informa ainda que as inscrições gratuitas devem ser feitas nas sedes dos dois clubes.<sup>140</sup>

Também no "O Atalaia", Maura publica artigos em homenagem a ente queridos como sua mãe e irmã, além de um texto intitulado "Atividades Femininas", com comentários sobre artigo do jornal "A Voz do Sul", onde o autor expressa sua simpatia ao movimento onde as mulheres buscavam cooperar com os homens em lides intelectuais:

**"É um hymno de louvor e de estímulo ás actividades nobres das mulheres christãs. Quizera que o lessem, que o conhecessem todas as irmãs queridas, que lhe saboreassem a evidente sinceridade, pois o seu autor denota votar immensa dose de sympathia, com o seu coração recto, justo, ao movimento que em todo o mundo toma corpo, que em todas as classes se agiganta, buscando para a mulher o direito sagrado decooperar dignamente como homem nas múltiplas lides intellectuais".<sup>141</sup>**

Maura escreve uma seção para o Jornal "Folha Nova" de novembro à dezembro de 1926, intitulada "À la garçonne", onde traça perfis de senhoras e senhoritas da elite florianopolitana. A publicação desta seção inicia com texto sobre Maura, muito provavelmente não de sua autoria, encimada por sua foto, com cabelos cortados "à la garçonne", onde é feita

<sup>138</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Fraternidade. O *Atalaia*, Florianópolis, v.1, n.8, out. 1924. p.2.

<sup>139</sup> Por exemplo o quadro "Piquenique nas margens do rio Manzanares" do pintor espanhol Goya.

<sup>140</sup> CLUB 12 de Agosto e Lyra Tennis Club Florianópolis. *Folha Nova*, Florianópolis, v.4, n.1029, 24 mar. 1930. p.4.

<sup>141</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Atividades femininas. O *Atalaia*, Florianópolis, v.2, n.18-19, ago/set.1925.p.1.

de forma lírica, uma apresentação daquela a quem caberia a palavra dali por diante. *"É um punhado de luzes a scintilar num corpo esbelto e forte. Talvez seja, ao sul do paiz, uma das maiores mentalidades femininas. Apaixona-se possivelmente com algum exagero, por seu ideal libertário.."*<sup>142</sup>

Os cabelos cortados "à la garçonne" são fruto da moda dos anos 20 que também tornam os vestidos mais curtos, colocam os braços à mostra, trazem tecidos mais leves revelando as formas do corpo feminino, disseminam o cigarro e o cinema.

Numa sociedade acostumada a relacionar às mulheres, valores etéreos e abstratos como o amor, a beleza moral, a virtude e portanto governadas pelo espiritual, Maura delineia nas páginas do "Folha Nova" seus perfis de mulheres, não mais dentro dos padrões da época, mas mostrando que elas são seres ativos. É interessante demonstrar como se processa essa mudança de enfoque das mulheres, através da contraposição de dois textos mostrando seus perfis:

**" A linda senhorinha Marina Siveira de Souza, dilecta filha do querido e ilustrado director Edmundo Silveira de Souza, vê passar hoje a sua data natalícia. Muito meiga, dotada de um coração caridoso, ella é o exemplo vivo do amor e da bondade. Morena, de um moreno tepido como o das granadinas, a sua face, macia e perfeita, relembra a das sevilhanas gentis, das andaluzas graciosas. A encantadora Marina é a alegria e o encanto de um lar abençoado..."**<sup>143</sup>

No texto acima, ao não vincular essa mulher ao mundo material, está se idealizando um tipo de mulher que não corresponde ao real e sim ao modelo proposto, idealizado, de mulher etérea e cultivadora de valores espirituais, além de permanente fonte geradora de afeto e emoção. Ao contrário, o texto de Maura mostra uma mulher real, uma mulher ativa, que realiza ações:

**"Surpresa para ninguém nesta terra pode causar phrases de louvor á arte da sra. Ondina Simone Gheur, de tal fôrma e com tão notavel prestigio está ella consagrada no nosso meio como "virtuose"excellente do canto. Surpresa, no entanto, e deliciosa, porque pressupõe a conquista de mais glorias na sua laureada carreira - poderá causar a noticia de que vae agora a distincta soprano,**

<sup>142</sup> À LA GARÇONNE. Folha Nova, Florianópolis, v.1, n.1, 18 nov. 1926. p.2

<sup>143</sup> MARINA Silveira. A Tarde, Florianópolis, v.1, n.19, 12 fev. 1917. p. 2.

pelas cidades nortistas de Santa Catharina, realizar audições e que vae realizá-las também na Coritiba illustre e amavel".<sup>144</sup>

Essa mulher moderna pode ser percebida através dos anúncios veiculados pelos jornais, sendo possível detectar a moda do vestuário da burguesia feminina da época. A loja "Rainha da Moda" de Jacques Schweidszon, situada à Praça XV de Novembro, 27, esquina com Conselheiro Mafra, oferece pelúcias e veludos de seda, todos lavrados e estampados; "ottomanas e astrakans" de seda e de lã, grande variedade de panos de "drapp" e acetinados de lã, além de manteaux de peles, cachemiras, capas gabardines e sobretudos.<sup>145</sup>

Além dos jornais "Folha Nova", "O Atalaia" e "O Elegante", Maura colabora esporadicamente com o jornal "A Semana", entre os anos de 1928 e 1930.

Dentre vários artigos escritos para este periódico, destaca-se o artigo intitulado "Bendito trabalho de mães e professoras"<sup>146</sup>, onde Maura reproduz um discurso seu, proferido nas comemorações do Dia da Escola, no Grupo Escolar Lauro Muller. Saudada pelo jornal como "brilhante intelectual conterranea", Maura vai exaltar o trabalho silencioso dos professores que *"trabalham a alma de borboleta da infância, com a religiosidade dos artistas, dirigindo-a para as rotas felizes do alfabeto e para os grandes sentimentos da humanidade e do patriotismo"*.

Maura colaborará também com o jornal "O Tempo" em 1926, com alguns artigos, onde destaca-se o texto intitulado "Virgilina". Neste artigo, Maura dá visibilidade à uma mulher, Virgilina de Souza Salles, jornalista brasileira, fundadora da "Revista Feminina"<sup>147</sup>.

<sup>144</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Surpresa para ninguém. **República**, Florianópolis, v.3, n.637, 11 nov. 1928.p.1.

<sup>145</sup> **O Tempo**, Florianópolis, 07 maio 1926. p.5.

<sup>146</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Bendito trabalho de mães e professoras. **A Semana**, Florianópolis, v.2, n. 55, 31 out. 1929. p.1.

<sup>147</sup> Para maiores informações, ver BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. **Mulher de papel**. São Paulo : Loyola, 1981. p. 39 e seguintes.

Relembrando a ação de Virgilina em trazer para o Brasil as idéias feministas européias do pós-guerra, salientará que:

**"depois de apreciar a acção de belleza desenvolvida pela mulher forte que se levantou dos escombros da guerra prompta, porque aprendera duramente, entre lagrimas e heroismos, a trabalhar para si e pela collectividade, a colaborar no trabalho com o companheiro e a substitui-lo, - ella a insaciavel de sonhos e de luctas, guerreando destemidamente a rotina, lembrou-se de suas irmãs de nacionalidade e quiz que se dessem as mãos generosas e puras e que derramassem bençãos e caricias sobre a harmonia e sobre o progresso".<sup>148</sup>**

Entretanto, o jornal "A República" é o órgão para o qual Maura colabora por mais tempo. Inicia sua colaboração em 1926 e ali permanece escrevendo até 1933. Em maio de 1931, seu nome aparece entre os redatores principais desse jornal, ao lado de nomes como: Barreiros Filho, Antenor de Moraes, Osvaldo Melo e Batista Pereira.<sup>149</sup> A partir de maio de 1931 ela se torna responsável pela página: "Domingo Literário". Esta página que, como o próprio nome indica é publicada todo domingo, veicula não somente seus escritos, mas também textos de outros autores.

Esta página literária que tem uma grande preocupação estética, inclui esporadicamente fotos e seus textos são sempre demarcados por margens ou desenhos artísticos. É uma página artisticamente tratada, sendo bem visível uma preocupação estética aliada, é lógico, à uma preocupação literária.

Roger Chartier ao teorizar sobre a história da imprensa, enfatiza que a compreensão de um texto passa não somente pelo conteúdo, mas também pela forma com que este texto se apresenta. Comentando sobre essa influência da forma sobre o conteúdo, observa que o ornamento, a imagem *"sugere uma leitura, constroi um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador"*.<sup>150</sup> Disso, pode-se depreender que a materialidade dos

<sup>148</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Virgilina. **O Tempo**, Florianópolis, v.2, 30 maio 1926. p.2.

<sup>149</sup> **República**, Florianópolis, v.1, n.158, 05 maio 1931. p. 2.

<sup>150</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; Lisboa : Difel, c1988. p. 133.

discursos tem uma influência direta na compreensão dos mesmos, fazendo com que a forma de arabescos e desenhos artísticos que emolduram os textos do "Domingo Literário", reforcem o clima lírico e poético do conteúdo dos artigos, construindo um sentido.

O "Domingo Literário" é publicado geralmente na página 3 do jornal dominical, o que vem corroborar a opinião de Joana Maria Pedro, quando ressalta que nos jornais ilhéus, as primeiras páginas publicizavam a esfera pública enquanto as seguintes eram destinadas à mostrar a subjetividade originada na esfera íntima da família.<sup>151</sup>



Maura tem a preocupação de que este espaço de cultura no jornal "República" não seja um espaço de exclusão e sim um espaço democrático. Assim pensando, escreve que o "Domingo Literário" mostrará as velhas escolas e também as ousadas da arte moderna, assim como apresentará as artes catarinenses e as criações dos grandes escritores brasileiros e até mesmo estrangeiros.<sup>152</sup>

Num período em que a comunicação cultural entre Florianópolis e os centros culturais mais importantes do Brasil era escassa, Maura faz esta ponte, trazendo para suas páginas do

Domingo Literário de agosto de 1932

<sup>151</sup> Habermas apud PEDRO, op. cit. 1995. p. 53.

<sup>152</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Domingo Literário. República, Florianópolis, v.1, n.157, 03 maio 1931. p.3.

"Domingo Literário", o intercâmbio de pensamento não só com outros estados brasileiros, mas também com intelectuais sul-americanas como Juana de Ibarbouru e européias como Grazia Deledda.



Capa da Revista Vida Doméstica - 1931

Além dos jornais acima referidos, Maura colabora, nesta primeira fase de sua vida, em diversas revistas.

Em Florianópolis escreve para a "Revista do Centro Catarinense de Letras" (1925) e "Ilha Verde" (1930). No Rio de Janeiro colabora com as revistas: "Fon-Fon" (1931), "O Malho" e "Vida Doméstica" (1932)<sup>153</sup>. Além destas, será

convidada à ser correspondente especial em Florianópolis, da revista "Brasil Feminino"<sup>154</sup> que surge em 1932, dirigida por Iveta Ribeiro. Em Porto Alegre, Maura escreve artigos para a revista "Renovação" (1931).

<sup>153</sup> Sobre as revistas Fon-Fon, O Malho e Vida Doméstica, ver: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. op. cit., p. 34 e 49 e SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., p. 301 e 302.

<sup>154</sup> A carta-convite é datada de 05 fev.1932 (Arquivo ACL)

Aliás, a revista "Vida Doméstica" de março de 1931, número 156, é totalmente dedicada a Santa Catarina, sendo que a capa deste número da revista é ilustrada por uma foto colorida de Maura. Em todos estes periódicos com os quais colabora, Maura expõe o seu discurso.

Considerando que o discurso não é somente um instrumento de comunicação, que ele não é algo neutro, vamos conceituá-lo como um instrumento do poder, um acontecimento onde se embatem estratégias. É no discurso que, segundo Foucault, se articulam saber e poder, onde este último tem uma conotação de "correlação de forças" que está em todos os lugares e que se exerce. Em que poder quer dizer lutas constantes e enfrentamentos que modificam, transformam e que em contrapartida, fazem surgir resistências.<sup>155</sup>

Sabendo-se que não é qualquer pessoa que tem o direito de falar, a qualquer hora e em qualquer lugar, constata-se que foi dado à Maura este direito e um lugar para falar. E, por tudo que já foi exposto, ela falava para um segmento que estava conectado ao seu discurso que, em última análise provinha dos segmentos médios da população.

O discurso de Maura implica assim, em algo mais. É um discurso "competente", aquele que pode ser dito, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado. É o discurso em que os papéis de leitor e de autor já foram estabelecidos anteriormente, tendo sido dado a um o direito de falar e ao outro o de ouvir.<sup>156</sup> É bom lembrar que competência também é a capacidade de se fazer escutar, de se fazer ouvir e de se fazer respeitado.

Mas, lembrando Foucault, o mesmo discurso que serve a um poder pode ser transformado e utilizado pelo outro lado. À isto, Foucault chama de resistências, já que não existe um lugar único de resistência, mas uma multiplicidade de pontos de onde elas

<sup>155</sup> FOUCAULT, Michel. op. cit., 1993a, p. 88 e seguintes.

<sup>156</sup> CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. São Paulo : Cortez, 1993. p. 7.

emergem.<sup>157</sup> Sobre o discurso que excluiu as mulheres, Maura construiu o seu discurso que por sua vez também provocou resistências.<sup>158</sup> Sobre elas, dirá: *"era menina e as pedras começaram a cair sobre as coisas sinceras que eu escrevia (...) Por isso chocou-me até o mais profundo do meu íntimo o castigo que deram à minha sinceridade e, infelizmente, a inexperiência fez com que aquelas pedras angulosas e ásperas me pisassem a alma"*.<sup>159</sup>

Como já exposto anteriormente, é muito difícil precisar a forma como essas resistências se materializaram, justamente pelo caráter fluído dos boatos e por terem permanecido na esfera da oralidade e não terem sido registrados.

## 6. CULTURA

O ambiente cultural da cidade de Florianópolis, na década de 20 é o que Bertolino<sup>160</sup> chama de "ilha parnasiana". Enquanto nos grandes centros do país o modernismo já animava a vida cultural, em Florianópolis os intelectuais ainda estavam voltados ao parnasianismo, com um apego excessivo à forma do soneto e na descrição excessiva de um detalhe narrativo.<sup>161</sup>

É somente na segunda metade da década de 20 que o simbolismo começa a ser apreciado e Cruz e Souza passa a ter alguma aceitação. A Semana de 22 não repercute na vida cultural da cidade, assim como não tinha repercutido em diversos outros estados brasileiros.

<sup>157</sup> FOUCAULT, Michel. op. cit., 1993a, p. 91.

<sup>158</sup> Segundo depoimento da Sra. Mariazinha de Senna Pereira, Maura foi preterida em diversas ocasiões em que não obteve empregos ou cargos que pleiteou e isso foi visto por ela (Maura) como um revide à sua pessoa.

<sup>159</sup> PEREIRA, Maura de Senna. *Adolescência*, op. cit. Também d. Mariazinha Senna Pereira confirma essas resistências à Maura, informando ainda a mágoa que esses procedimentos lhe causavam. Entrevista com a Sra. Mariazinha de Senna Pereira em 16 ago. 1995.

<sup>160</sup> BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura*. Florianópolis : Ed. da ACL, 1993.

<sup>161</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo : Cultrix, 1977. p. 247.

Ocorre, em Florianópolis nos anos 20, o movimento literário da Geração da Academia que permaneceu isolada em Florianópolis mantendo-se imune às influências modernistas de São Paulo.<sup>162</sup> Esta desvinculação com o movimento modernista que acontece com a literatura catarinense em geral, na década de 20 e que ocorre também com os membros da Academia é também detectada por Osvaldo Ferreira de Mello.<sup>163</sup>

A "ilha parnasiana" era composta por intelectuais de renome na cidade, como: Altino Flores, Clementino Brito, Henrique Fontes, José Boiteux, Othon D'Eça e outros que tinham a intenção de fundar uma associação cultural nos moldes da Academia Brasileira de Letras. Entretanto, através dos jornais e revistas da Ilha, vinham constantemente afirmando que o pouco número de intelectuais com verdadeiro talento para a literatura inviabilizava a formação desta Academia. Na realidade, para estes intelectuais, só eram talentosos aqueles que expressavam a sua arte da forma como eles a entendiam. Além deste tipo de preconceito, em que só era válido o parnasianismo, coexistiam ainda o preconceito racial e o de gênero, visto que não reconheciam em intelectuais negros ou mulheres, valor algum. Desta forma, tanto intelectuais como Ildefonso Juvenal que era negro e Maura de Senna Pereira ou Delminda Silveira não eram reconhecidos.

A Academia Catarinense de Letras que tinha sido fundada em 1921 sob o nome de Sociedade Catarinense de Letras, teve sua fundação estimulada por Hercílio Luz, então no seu segundo governo (1918-1922) e congregou intelectuais sob a liderança de Altino Flores que como já vimos mantinha uma série de restrições à maioria dos intelectuais catarinenses. O funcionamento da Academia vai ser marcado por uma sucessão de períodos de estagnação seguidos por outros de revigoração. Logo após sua fundação, em decorrência do

<sup>162</sup> SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis : FCC, 1981. p. 131.

<sup>163</sup> MELO, Osvaldo Ferreira. **Introdução à história da literatura catarinense**. Florianópolis : Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958. p.125.

agravamento do estado de saúde de Hercílio Luz, ocorre o primeiro período de estagnação. O governo do Estado passa para Antonio Pereira e Oliveira que logo trata de substituir o pessoal ligado à Hercílio Luz e que na área cultural transfere o apoio do governo para estes "poetas menores" que estavam excluídos da Academia.<sup>164</sup> Esta, entra numa situação de paralisação e, estende assim este marasmo para toda a cultura da Ilha. Para reverter esta situação e resistindo à situação de exclusão imposta pela Academia Catarinense de Letras, estes "poetas menores" vão se reunir em uma associação cultural denominada Centro Catarinense de Letras que foi fundada em janeiro de 1925.<sup>165</sup> Esta sociedade, sob a presidência de Amphilochio de Carvalho Gonçalves e sob os auspícios do governo do Estado vai se dispor a promover a arte e a literatura. Esta proposta e uma referência irônica aos "grandes" intelectuais da Academia vão ser expressos no editorial da "Revista do Centro Catarinense de Letras". Falando sobre o Centro, comenta: *"... é que um cunho democratico o physionomiza, e os seus associados não se presumem deuses das letras, querendo ser, apenas, cultores modestos da arte e da vernaculidade, talismans esses a cujos quilates desejam servir como feticistas, tanto mais sinceros no seu culto quanto menos dignos se reconhecem no exercicio delle"*.<sup>166</sup>

O nome de Maura não figura entre os sócios fundadores do Centro mas, já em março de 25, ela se incorpora a esta associação participando da homenagem a Cruz e Souza, promovida por este Centro. Nesta ocasião, Maura declama um poema deste poeta<sup>167</sup> e neste mesmo mês, participa da primeira reunião ordinária deste Centro<sup>168</sup>, juntamente com Antonieta de Barros e Isaura Veiga de Faria. É sintomático que logo de início, o Centro promova uma homenagem ao maior poeta de Santa Catarina e que talvez por ser negro, também tinha sido preterido pelos

<sup>164</sup> CORRÊA, Carlos Humberto. Minorias intelectuais e o Centro Catarinense de Letras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 01 jul.1995. Diário de Cultura. p. 2, 3 e 4.

<sup>165</sup> BERTOLINO, Pedro, op. cit., p. 61.

<sup>166</sup> REVISTA do Centro Catarinense de Letras, Florianópolis, v.1, n.1, maio 1925. p.1

<sup>167</sup> CENTRO Catharinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v.10, n. 3229, 20 mar. 1925. p.2.

<sup>168</sup> CENTRO Catharinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v.10, n. 3237, 30 mar. 1925. p.5.

intelectuais que compunham a Academia Catarinense de Letras e que só após muita resistência, o tinham "aceito" como intelectual de valor.

Já no segundo número da "Revista do Centro Catarinense de Letras", Maura de Senna Pereira figura como redatora da revista, juntamente com Oscar Ramos e Barreiros Filho.

Nesta revista, Maura escreve artigos como "Libertas Mulieris"<sup>169</sup> em que faz uma série de reivindicações visando mudar não somente os papéis tradicionais das mulheres, mas também as relações entre homens e mulheres. Neste sentido ela denuncia a diferença de remuneração entre homens e mulheres quando da realização dos mesmos trabalhos, exige reciprocidade nos deveres conjugais, denuncia a violência contra as mulheres e a impunidade existente na justiça criminal para os assassinos de mulheres que invariavelmente são absolvidos.

Este Centro Catarinense de Letras vai movimentar o ambiente cultural de Florianópolis, promovendo festivais<sup>170</sup> no Teatro Alvaro de Carvalho, homenagens à autoridades e mesmo sessões solenes em que eram feitas apresentações de intelectuais com declamações, conferências ou discursos. Em contraposição a essas atividades do Centro, o imobilismo da Academia ficava bem explícito no jornal "O Estado", quando se referindo à Academia, dizia: *"até ha pouco teve certa remissão nos seus trabalhos mas, agora, retorna à atividade, animada de novas energias e cheia das mais vivazes esperanças"*<sup>171</sup> ou ainda: *"Não se comprehende cenaculo, que até ha pouco representou fulgurantemente a mentalidade catharinense, jazesse inactivo"*.<sup>172</sup>

<sup>169</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Libertas Mulieris. **Revista do Centro Catarinense de Letras**, Florianópolis, v.1, n.3, set.1925. p. 5.

<sup>170</sup> Em 18 out.1925, Maura participa como membro da comissão organizadora de um festival para angariar fundos para manter a Revista deste Centro. Ver: CENTRO Catharinense de Letras. **O Tempo**, Florianópolis, v.1, n. 237, 18 out. 1925. p. 2.

<sup>171</sup> ACADEMIA Catharinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v.10, n. 3219, 09 mar. 1925. p. 2.

<sup>172</sup> id. *ibid.*

Proposta Jim / por 11 netos,  
31/8/27 Othon

Proposta para sócia effective da  
Academia a senhorita Maura de Souza  
Pereira, autora de varios trabalhos litera-  
rios de grande valia.  
Abrianooffis, 27/8/27  
Henrique Fontes  
Othon d'Eça  
Clementino de Brito  
José Boiteux  
Laercio Caldeira de Andrade

Talvez como resposta à estas provocações, a Academia Catarinense de Letras começa a chamar para os seus quadros, alguns destes intelectuais do Centro Catarinense de Letras. Em 27 de agosto de 1927, é feita uma

Manuscrito da proposta para sócia da ACL - 1927

proposta para que Maura seja aceita na Academia Catarinense de Letras, mesmo sem nunca ter se candidatado à isto. Aceita por unanimidade em reunião presidida por Henrique Fontes e que contava ainda com a presença de Othon D' Eça, Clementino de Brito, José Boiteux e Laercio Caldeira de Andrade, Maura é eleita em 03 de setembro de 1927, quando contava 23 anos para ocupar a cadeira n. 38, cujo patrono é Roberto Trompowski Leitão de Almeida.

Santa Catarina elege portanto, a primeira mulher como membro de uma Academia de Letras no Brasil. Aqui vemos novamente o pioneirismo de Maura aparecendo.

Posteriormente, rememorando sua posse na Academia, Maura os coloca em forma de poema:

"... e por que aqueles varões ilustres  
alguns dos quais meus mestres  
pouco tempo antes  
encontraram "valia" em meus escritos

**e me fizeram entrar na Academia?**

.....  
**na noite da posse  
 a mais bela  
 da minha juventude  
 quando entrei no Palácio da Assembléia  
 bandas de música saudaram  
 chuvas de pétalas me festejaram  
 e uma enorme assistência me ovacionou  
 quando cheguei à poltrona para mim marcada  
 de rosas em botão  
 e quando terminei minha oração**

**Quanto ao discurso de José Arthur Boiteux  
 que fora amigo de meu amado Pai  
 e que a mim - como tantos dos seus pares-  
 me superestimava  
 seu discurso foi uma louvação..."<sup>173</sup>**

Refletindo sobre as circunstâncias, fico intrigada com o fato da Academia Catarinense de Letras querer Maura em suas fileiras.

Maura estava escrevendo nos jornais e revistas da Ilha e de outros estados desde 1925. Seu discurso sempre propôs inovações, seja clamando por mudança nos papéis tradicionais das mulheres na sociedade, seja lutando por justiça social. Seu espaço no jornal "República" trouxe a colaboração de inúmeros intelectuais brasileiros e mesmo estrangeiros que dificilmente poderiam ter sido acessados se não fosse através das páginas do "Domingo Literário", já que as livrarias eram poucas e a comunicação com os outros estados era difícil. Maura serviu de ponte. Seu "Domingo Literário" fez a ligação da Ilha com outras plagas. E, através desta ponte, ela pode arejar este ambiente intelectual com idéias diferentes. Quem sabe pode fazer com que esta cidade quieta se tornasse mais receptiva às mudanças.

Não nos esqueçamos também, que estamos num período em torno de 1930, período em que grande parcela da população do país clama por mudanças, tanto no plano cultural, como no social e político, vindo a culminar na Revolução de 30. Descrevendo este período, Skidmore

---

<sup>173</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit. 1984. p. 7 e 8.

vai enfatizar esta vontade de substituir as velhas formas que geriam a vida nacional, informando que enquanto alguns revolucionários almejavam algumas mudanças constitucionais, outros pretendiam mudanças econômicas e sociais mais abrangentes. Mas no geral, a vontade era de experimentar novas formas políticas tentando desesperadamente "alijar o arcaico".<sup>174</sup>

Poderíamos também supor que Maura foi chamada para a Academia Catarinense de Letras para ser enquadrada, ou seja, para que seu discurso se tornasse "próprio", adequado ao pensamento da Academia. Mas, o mais provável é que, por terem sido denunciados pelos jornais como maiores responsáveis pelo marasmo cultural em que a cidade se encontrava, os acadêmicos quisessem o ineditismo que a entrada de uma mulher poderia trazer para aquela associação. Estando num período de imobilismo cultural, pressionada pela sociedade para modernizar-se, a Academia Catarinense de Letras procura trazer para seus quadros, intelectuais ativos que pudessem contribuir para mudar sua fisionomia, ao mesmo tempo em que isso proporcionava um esvaziamento nos quadros do Centro Catarinense de Letras, que na época rivalizava com a Academia.

Também é preciso levar em consideração que Maura já era conhecida de muitos desses acadêmicos que propõem o seu nome para a Academia: alguns deles tinham sido seus professores, outros, colegas nos jornais da cidade e ainda outros, também tinham sido membros do Centro Catarinense de Letras. Portanto, Maura não representava algo assim tão inovador para eles, visto que, por a conhecerem, sabiam que apesar de pedir algumas mudanças para a sociedade, Maura não queria rupturas e isso talvez fosse tranquilizador para os acadêmicos.

Apesar de eleita em 1927, é somente em 30 de novembro de 1930 que Maura toma posse.

---

<sup>174</sup> SKIDMORE, Thomas. **Brasil** : de Getúlio Vargas a Castelo Branco. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982. p.26.

É importante salientar que até esta data, Maura ainda não tinha publicado nenhum livro, razão pela qual pode-se inferir que ela é alçada à Academia por suas atividades enquanto jornalista e como intelectual atuante na vida social de sua cidade.

Tanto ao ter sido eleita, como depois quando toma posse, Maura é muito festejada pelos jornais da época, que repercutem estes fatos de maneira a lhes dar bastante significação.

A foto da posse de Maura na Academia, cercada pelos outros acadêmicos é interessante para que se possa perceber a importância deste fato para ela.



Posse de Maura na Academia Catarinense de Letras, vendo-se da esquerda para a direita: Clementino Brito, Laércio Caldeira de Andrada, Oswaldo Mello, Othon d'Eça, José Boiteux, Maura, Nereu Ramos, Edmundo Moreira, Heitor Luz, José Diniz e Haroldo Callado.

Observando-se esta foto, pode-se pensar na significação do vestido que Maura usa nesta cerimônia. Observa-se que seu vestido é muito similar aos vestidos de noiva tradicionais. É branco, longo e nas mãos ela segura um buquê de flores, também semelhante aos tradicionais buquês de noivas. Assim, de forma paradoxal, ao mesmo tempo em que sua história aponta para um tipo de contestação, Maura parece aqui estar reproduzindo estereótipos imputados às mulheres e aceitando a simbologia do vestido branco, das flores, etc.

Esse paradoxo, que pode ser detectado em Maura, é fruto de uma situação em que, em algumas situações nega os estereótipos tradicionais e em outras os aceita e, portanto, os reafirma. Poderia-se pensar que Maura assim procede, novamente se utilizando do "jogo duplo"<sup>175</sup>, que permite que uma pessoa aceite da "boca para fora" uma situação que não lhe é totalmente satisfatória, visando auferir algum "lucro".

Também pode-se pensar que esta ambiguidade seja fruto de uma situação em que Maura quer propor avanços para as mulheres mas, de forma a não provocar enfrentamentos. Assim, com este uso de "estratégias" ela consegue perceber até onde pode ir, ao mesmo tempo em que evita conflitos mais significativos. Ela vai percebendo as "brechas" por onde avançar mas, sempre se preocupando em não criar rupturas.

Em seu discurso de posse, Maura vai destacar a função de sua arte:

**" E, sentindo-a palpitar no meu sangue e no meu coração de mulher, eu prometo, eu juro - aqui, na companhia aristocrática dos vossos espíritos - que, dominando a formiguinha ignorante e alada a cantar, para a alma da minha terra e para a ilusão da minha vida; e cantar, escrava de uma dor obsidiante ou castelã de uma alegria jovem; e cantar, no encontro de mim mesma e na simplicidade de um ritmo novo - o velho sonho da beleza eterna".<sup>176</sup>**

<sup>175</sup> MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 117 e seguintes e MORIN, Edgar, op. cit., p. 51-70.

<sup>176</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Discurso. *Signo - Revista da Academia Catarinense de Letras*, Florianópolis, v.3, n.3, 1970. p. 56.

O discurso com que José Boiteux a recepciona é permeado pela idéia de que a Academia está introduzindo "a mulher" entre seus membros, num sinal de reconhecimento ao valor feminino, à sua inteligência:

**"Agora é Santa Catarina que abre as portas de sua mais alta instituição literária para receber a graça feminina. Trata-se da senhorita Maura de Senna Pereira, professora, jornalista, cultora das belas letras e fino ornamento da sociedade de Florianópolis.(...) Não é muito de admirar que assim aconteça entre nós, quando países de mais antigas tradições literárias persistem em negar às mulheres o acesso aos cenáculos de inteligência, apesar do concurso que elas trazem à atividade social e mental do país no teatro, no jornalismo, no romance, nas belas artes. A eleição da senhorita Maura de Senna Pereira para a Academia Catarinense de Letras de seu Estado representa não só uma vitória do feminismo, mas também da inteligência da mulher catarinense".<sup>177</sup>**

O fato de Santa Catarina ter escolhido Maura para compor os quadros de sua Academia de Letras vai ter grande repercussão nacional, sendo que um artigo sobressai pelo fato de salientar o atraso da então, capital da República - o Rio de Janeiro, em face de estados mais "atrasados":

**"...consigno apenas o facto, espantada pela insistencia com que os Estados zombam da capital, furtando-lhe a primazia de todas as realizações, deixando-lhe apenas o papel submisso e secundario de imitador. Porquanto que lá chegaremos é possível predizer-se sem deitar cartas... nem mesmo as de pedido na cabalagem da eleição. Francamente, meu querido, meu maravilhoso Rio de Janeiro, deixas, às vezes, envergonhada a mais entusiastica de tuas filhas".<sup>178</sup>**

Em diferentes ocasiões, ao se pronunciar sobre a Academia, Maura o faz de maneira não muito elogiosa. Para ela, a Academia é um lugar de velhos, de pessoas refratárias à reformas. Certa vez, em carta à Paschoal Apóstolo Pitsica, parabenizando-o por sua posse, confessa: *"Seu entusiasmo vai movimentar a Academia. Eu não gosto de marasmo. Nunca trabalhei pela Academia porque não gosto de sua estrutura. Imagina que ela segue ou procura ser como a Academia Francesa que tem séculos no lombo. Eu vou pela evolução e*

<sup>177</sup> BOITEUX, José. Recepção de Maura de Senna Pereira, **Signo - Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, v.3, n.3, 1970. p. 58.

<sup>178</sup> SERAFIM, Sylvia. Terra de absurdos. (sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

*acho que uma associação de escritores deve ser dinâmica e trabalhar pelo interesse dos escritores".*<sup>179</sup>

E então, por que Maura aceita a Academia?

Nos parece que Maffesoli dá conta de esclarecer essa situação em que alguém vai acumulando relações sociais com a finalidade de permanecer em posições que lhe permitam a sobrevivência. Também poderia-se pensar que Maura fez uso daquilo que esse autor chama de "astúcias", ou seja, utiliza todo um jogo de estratégias com o intuito de se proteger ou de angariar prestígio.<sup>180</sup> Porque a Academia é um lugar que confere prestígio a seus membros. Ao analisar as elites intelectuais brasileiras nas décadas de 20 a 45, Micelli destaca como *à* elas eram dadas, em retribuição por seu engajamento nas atividades burocráticas dos governos constituídos, recompensas fossem elas pecuniárias ou simbólicas. Dentre as recompensas simbólicas as quais se refere, e que traziam vantagens altamente compensadoras, destaca as eleições para as Academias de Letras.<sup>181</sup>

Apesar de suas restrições à Academia Catarinense de Letras, Maura vai assumir sua cadeira e com isto incorporar o prestígio que esta instituição pode lhe emprestar. Este prestígio que a Academia lhe confere, fica preso à sua figura de tal forma que, tanto nas inúmeras matérias que os jornais fazem já por ocasião de sua posse, assim como, em outras circunstâncias sua vida, este fato não se desprenderá de sua figura. Sempre que seu nome é citado, traz junto a informação de seu pertencimento à Academia, juntamente com a sua condição de ser a primeira mulher no Brasil à alcançar esta honraria.

Do mesmo modo que os outros a identificam como acadêmica, também Maura vai usar esse fato, para lhe auferir mais prestígio. Assim, a página de rosto de seu primeiro livro,

<sup>179</sup> Carta de Maura de Senna Pereira, datada de 25 jul. 1984. (Arquivo ACL)

<sup>180</sup> MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 117 e seguintes e MORIN, Edgar, op. cit., p. 51-70.

<sup>181</sup> MICELI, Sérgio. op. cit., p. 148.

**Cântaro de Ternura** que é publicado em 1931, quando Maura contava 27 anos, traz logo abaixo de seu nome, a informação: "da Academia Catarinense de Letras".



Acaba de aparecer :

**cântaro de ternura**

(poemas em prosa)

Livro da brilhante escritora catarinense

**Maura de Sena Pereira**

**Preço 4\$000**

Cartaz utilizado como propaganda de seu primeiro livro

**Cântaro de Ternura** é então, seu primeiro livro a ser publicado, ainda em Florianópolis, pela Livraria Moderna. Este livro, cuja capa é ilustrada por Correia Dias, também ilustrador da revista "Fon-Fon" e considerado por Sodré como um ilustrador "*da melhor lavra*"<sup>182</sup>, é um livro de prosa poética, inspirado no amor a seu namorado Enio que a havia consolado quando da morte de seu irmão Carlos.<sup>183</sup>

Neste mesmo ano de 1931, quando contava 27 anos, em 5 de novembro, Maura casa-se com Dorval Lamote, gaúcho de Bagé, que vem para Florianópolis com a Revolução de 30, juntamente com os interventores. O casal mora em Florianópolis até que Lamote muda-se

<sup>182</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., p. 302. Ver também: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. op. cit., 34.

<sup>183</sup> "Jma poeta em corpo à corpo com a vida, 1990. p. 11.

para Porto Alegre, onde tem que assumir um cargo público. Apesar de não querer sair da cidade e pressionada por sua mãe que não queria "filha apartada", Maura muda-se, finalmente, para Porto Alegre em 1933.

Naquela cidade produz os livros: **Discursos** e **A socialização da medicina**. Este último reúne uma série de reportagens que Maura tinha realizado para o jornal "Correio do Povo".<sup>184</sup>

Após curta temporada em Porto Alegre, decepcionada com o casamento, Maura aproveitando-se da ausência do marido e quebrando as normas, deixa-o.<sup>185</sup> Vemos aqui Maura transgredindo. Não se acomoda com o comportamento padrão da época que era o de permanecer num casamento que não a satisfazia e reage de forma ousada, contrariando o discurso da época que pregava a indissolubilidade do casamento e induzia as mulheres a renunciarem a seus desejos em nome do bem-estar dos filhos: *"Sou contra o divorcio por varios motivos (...) O Brasil, infelizmente, é ainda muito inculto e as finalidades da lei seriam deturpadas, trazendo a dissolução da familia com o problema da educação dos filhos pela separação dos conjuges. O divórcio não é uma necessidade para nós..."*<sup>186</sup>

Tempos depois, lembrando este episódio, dirá que *"a fase conjugal já estava no fim, pois não pude mais prosseguir ao lado de um marido errado"*.<sup>187</sup> Em outra ocasião, Maura confessa *"que houve um erro. A gente é mulher, não é? E tem dessas coisas... Coração... Eu casei. E não foi um grande amor, mas eu casei. Erro maior do que casar foi ter ido para Porto Alegre (...) Ele era um sujeito que não prestava. Mas, de qualquer forma, eu nem queria casar com ele e nem ir para Porto Alegre, mas... pensava... também levada pelo*

<sup>184</sup> *ibid.* p. 10.

<sup>185</sup> *ibid.* p. 9.

<sup>186</sup> COMO pensa uma lider feminista sobre o divorcio. **A Gazeta**, Florianópolis, v.1, n.1, 07 jan. 1934. p. 5.

<sup>187</sup> A saga de Maura, *op. cit.*, p. 8 e 9.

*sexo...*<sup>188</sup> É interessante observar como Maura, já na década de 30, permite que aflorem desejos e necessidades que a maioria das mulheres não ousava sequer pensar. Enquanto muitas mulheres confessavam que tinham somente uma preocupação com o lado espiritual "... *protesto que quero ser apreciada pela honra e virtude da minha alma e não pela vaidade sensual do meu corpo, que terá que se converter em pó*"<sup>189</sup>, Maura ultrapassa esta idealização e confessa sua curiosidade pelo lado carnal.

Em 1940, vamos encontrar Maura já de volta à sua Ilha, ministrando aulas no colégio Dr. Hercílio Luz<sup>190</sup> e também participando do IX Congresso Brasileiro de Geografia, em cuja sessão de encerramento, Maura pronuncia um discurso, novamente na qualidade de representante da mulher catarinense.<sup>191</sup>

Entretanto, Maura sabe que já não cabe mais em Florianópolis. Esta sociedade tão tradicional não absorveria facilmente uma mulher que tinha tido a ousadia de transgredir as normas tradicionais e se separar do marido. Assim, retoma seu velho sonho de morar no Rio de Janeiro e o coloca em prática logo após.

<sup>188</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 9.

<sup>189</sup> AS JOVENS chilenas e as modas indecentes. *A Época*, Florianópolis, v.11, n.41, 09 jul. 1921. p.1.

<sup>190</sup> Conforme correspondência da Cruzada Nacional de Educação endereçada para esta escola, em novembro de 1940. (Arquivo ACL)

<sup>191</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 9., [19--], Florianópolis. *Anais...* Florianópolis : (sem informações bibliográficas) p.178-9. (Arquivo ACL)

## CAPÍTULO 2 - POSSIBILIDADES DE LIBERDADE

*"Fui ontem colher na lua  
antúrios que lá plantei  
Fui ontem colher antúrios  
e com estrelas voltei".*

Em 1941 Maura encontra-se no Rio de Janeiro<sup>192</sup>, trabalhando na imprensa carioca, mais precisamente na Revista "Esfera", uma revista cultural, exercendo a função de secretária. Nesta revista, publica um poema seu "Quero ajudar" e é por intermédio deste poema que conhece Carlos Drummond de Andrade que a procura, visando obter autorização para publicá-lo em um antologia que o poeta organizava. Uma antologia sobre "poesia social boa" nas palavras dele<sup>193</sup>:

**"Quero ajudar a construir o mundo futuro  
e colocar a minha pedra  
no lugar exato e na hora certa.  
Quero conter a pressa de ajudar  
deter os passos vãos e as mãos sôfregas  
ser vigilante, compreensiva, tenaz.  
Deixar no grandioso edificio a minha pedra  
com a mão segura para que não vacile  
e role nos espaços  
feita escombros antes de ser coluna  
Quero deixar segura a minha pedra.**

<sup>192</sup> As circunstâncias da ida de Maura para o Rio de Janeiro não puderam ser melhor precisadas, assim como não foi possível detectar se ela ao ir para aquela cidade já tinha contatos estabelecidos que lhe possibilitassem um emprego, apesar de esforços exaustivos nesse sentido.

<sup>193</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 10.

Altos frisos a revestirão  
 esculpidas por sábias mãos alheias  
 mas - pequena e anônima, direita e firme -  
 ela estará lá dentro ajudando.  
 Quero ajudar a construir o mundo futuro  
 - o mundo sem opressão e sem miséria -  
 luminoso, rasgado, justo.  
 Quero permanecer alerta  
 e colocar a minha pedra  
 no lugar exato e na hora certa".<sup>194</sup>

Tendo vivido até 1940 em Florianópolis, uma sociedade tradicional, onde a liberdade de agir das pessoas é mais estreita, é possível inferir que o Rio de Janeiro tenha representado para ela um território de liberdade. Talvez tenha surgido a imagem deste espaço estranho como uma solução, idealizada, para a ausência de liberdade que ela tinha em Florianópolis, já que a perspectiva para uma mulher separada, naquele tempo, em Florianópolis, era de uma vida de constante vigilância e controle. Assim, o Rio de Janeiro pode ter representado para ela um espaço onde a luz tropical, o calor e o mar formavam um ambiente descontraído onde ela, talvez, não se sentisse tão pressionada e pudesse assim, se sentir mais livre para ser ela mesma.

Partindo-se do pressuposto de que todas as sociedades possibilitam aos indivíduos a existência de uma margem de decisão onde eles vivem e agem, sendo que o que pode variar é a extensão, a natureza desta margem e a posição social que este indivíduo ocupa dentro do seu grupo, é fácil perceber que indivíduos com mais poder dentro de um grupo, tendem a ter uma margem de decisão maior do que aqueles que o tem em menor escala. Pois, conforme Elias, poder é a margem individual que um indivíduo tem de ação, influenciada certamente pela posição social que este ocupa na sociedade em que vive, podendo conforme essa posição, influenciar mais ou menos a vida das outras pessoas.<sup>195</sup> Ainda conforme Elias, ocorre que

<sup>194</sup> PEREIRA, Maura de Senna. op. cit., 1978, p. 45.

<sup>195</sup> ELIAS, Norbert, op. cit., 1994, p. 50.

quando o poder das pessoas é extremamente desigual e um indivíduo ou grupo sente que sua margem de decisão tornou-se extremamente reduzida, resta-lhe entre outras poucas alternativas, a de abandonar o grupo.

Sabendo-se que nas comunidades mais primitivas o controle individual é maior em vista da presença constante dos outros membros é possível perceber que o caminho mais viável é o abandono deste grupo e a eventual agregação em um outro, mais flexível. Neste último, os indivíduos se encontram mais soltos e conseguem manter uma maior distância entre si.<sup>196</sup>

Assim, deixar Florianópolis e estabelecer-se no Rio de Janeiro, onde cresce seu espaço de desenvolvimento, torna-se o melhor caminho para Maura. Ainda na imprensa carioca, trabalhou em diversos jornais e revistas e dentre eles destacam-se os jornais "A Noite"<sup>197</sup>, "A Manhã"<sup>198</sup> e "Vida". No primeiro publica uma série de reportagens realizadas na Maternidade Clara Basbaum sobre o parto sem dor, reportagens estas, que em 1957 serão transformadas em livro.

Este, intitulado **O parto sem dor**, é editado no Rio de Janeiro pela Organizações Simões Editora e se constitui num fenômeno de vendas na Feira do Livro realizada no Rio de Janeiro, naquele ano de 1957.<sup>199</sup>

Em 1942 vamos encontrá-la trabalhando no jornal "A Manhã" como repórter. Entre outras, publica uma série de reportagens sobre fecundidade e esterilidade<sup>200</sup>, sobre a terapêutica psiquiátrica<sup>201</sup> e também cobre a visita da miss Santa Catarina ao Rio de Janeiro<sup>202</sup> em 1953.

<sup>196</sup> id. *ibid.* p. 108.

<sup>197</sup> Fundado em 1911, por Irineu Marinho, este jornal teve suas instalações depredadas durante as comemorações pela vitória da Revolução de 30. In: SODRÉ, Nelson Werneck, *op. cit.*, p. 330 e seguintes. Ver também: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder, *op. cit.*, p. 38.

<sup>198</sup> Fundado em 1926 por Mário Rodrigues, este jornal teve duas fases: uma de 1925 a 1929 e a segunda de 1941 a 1953. In: SODRÉ, Nelson Werneck, *op. cit.*, p. 371 e 2.

<sup>199</sup> Recorte de entrevista (sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

<sup>200</sup> **A Manhã**, Rio de Janeiro, 08 mar. 1953. (Arquivo ACL)

<sup>201</sup> id. 03 maio 1953. (Arquivo ACL)

<sup>202</sup> id. 22 jan. 1953. (Arquivo ACL)

Entretanto, sua colaboração mais duradoura ocorre no jornal "Gazeta de Notícias"<sup>203</sup>, primeiramente como criadora e responsável pelo suplemento "Mulher"<sup>204</sup> que inicia em 1950 e que era publicado aos domingos, trazendo no cabeçalho um desenho de uma "bela e moderna cabeça de mulher" da artista plástica Renina Katz<sup>205</sup>. Posteriormente se torna responsável pelas colunas "Casa de Boneca" e "Nós e o Mundo", ainda neste periódico carioca.

Nestas seções, o espaço principal é ocupado por crônicas que, escritas numa linguagem bastante coloquial, vão tratar de assuntos do dia a dia diretamente ligados ao que se convencionou chamar "mundo feminino". Além destas crônicas também são incluídos: pensamentos, conselhos de beleza, moda, educação de crianças, culinária, enfim, diversos assuntos que se julgava pudessem atrair o interesse das mulheres. Trazem também, pequenas anedotas, fotos e desenhos de roupas e ainda o endereço da redação do jornal, para onde deveriam ser remetidas as correspondências de leitoras que desejavam corresponder-se com Maura. Inclusive muitas de suas crônicas são respostas ou comentários decorrentes destas correspondências.

Tanto em "Casa de Boneca" como na coluna "Nós e o Mundo", além das crônicas, Maura faz comentários e resenhas de livros, além de divulgar eventos culturais na maioria das vezes relacionados com mulheres. Este direcionamento de suas colunas para os interesses das mulheres é enfatizado numa das crônicas da seção "Nós e o Mundo":

**"Volta "Nós e o Mundo", a coluna da mulher. Eva diante do espelho ou de pano na cabeça e vassoura na mão; devotada ao homem amado, criando os filhos e sendo uma unidade econômica, um ser pensante. O eterno feminino, os velhos temas, mas também os novos problemas, decorrentes da posição**

<sup>203</sup> Este jornal, fundado por Ferreira de Araújo em 1874 foi um dos mais importantes do final do século passado. Nele, Machado de Assis foi responsável pela coluna "Semana" e entre seus mais ilustres colaboradores encontramos ainda Olavo Bilac e Agripino Grieco. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck, op. cit., p. 224 e seguintes.

<sup>204</sup> Na década de 50 vai ocorrer uma tendência de mudança das seções femininas dos jornais nacionais em suplementos. Ver: BUITONI, Dulcília Helena Schroeder, op. cit., p. 85.

<sup>205</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Nós e o mundo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04ago.1975 (Arquivo ACL)

**conquistada pela mulher, na sociedade contemporânea (...) E quer queira ou não, a mulher moderna estuda, trabalha, luta".<sup>206</sup>**

Note-se que reforça este espaço feminino , não somente como um espaço para o que é dito "feminino", mas também um espaço para as mulheres que procuram outros papéis, novas funções para elas na sociedade. Dessa forma, trata de interesses dos dois segmentos da população feminina: a que está encerrada na esfera doméstica e as que procuram atuar na esfera pública.

Para reforçar esta preocupação em marcar suas colunas como espaços femininos, intitula sua coluna, de " Casa de Boneca", inspirada na peça teatral de Henrik Ibsen.<sup>207</sup>

Suas colunas são sempre demarcadas por uma margem, o que as destacam do resto da página e são assinadas. A coluna "Nós e o Mundo" traz sempre no seu canto superior esquerdo, uma foto, um desenho ou mesmo uma caricatura pequena de Maura. Como esta coluna dura vários anos, as ilustrações vão sendo atualizadas, fazendo com que haja uma variação nas ilustrações que encimam essas colunas.<sup>208</sup>

Também publica na revista "Mundo Livre",<sup>209</sup> as colunas "ML em literatura", "Nossa estante" e "Mundo das Letras" onde divulga comentários e resenhas de obras literárias que estão sendo publicadas.<sup>210</sup>

Logo após sua chegada ao Rio de Janeiro, conhece pessoalmente o intelectual José Coelho de Almeida Cousin, professor e poeta mineiro, de quem já tinha publicado textos em seu "Domingo Literário", do jornal "República", em Florianópolis.

<sup>206</sup> id. O eterno feminino e a nova mulher. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro,[19--] (Arquivo ACL)

<sup>207</sup> IBSEN, Henrik. **Casa de boneca**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, c1976. 173p. Esta peça retrata a vida de Nora, criada numa família que a protege mas que a aliena. Uma mulher que ao perceber o pouco valor que lhe é atribuído, parte em busca da descoberta de si mesma.

<sup>208</sup> Esses detalhes também são utilizados no jornal Diário da Noite, na seção de Clarice Linspector, intitulada "Só para mulheres". Ver: GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995 p.334

<sup>209</sup> Nesta revista, trabalhou nos anos de 1970 a 1973, conforme dados obtidos no Arquivo ACL.

<sup>210</sup> Essas indicações foram obtidas através de recortes destas colunas ( sem datas) armazenadas nos álbuns elaborados por Maura e que fazem parte do Arquivo ACL.

Logo após, muito provavelmente em 1942, Maura indo de encontro às normas da época, passa a se relacionar com Cousin e algum tempo depois, passa a viver maritalmente com ele. Ela resume desta maneira este encontro: "*identidades descobertas, convidou-me logo para jantar. Novos encontros e, para resumir, tornou-se meu marido (...) Passei a morar no apartamento dele. Eram as noites amantes*".<sup>211</sup> Este casamento celebrado somente entre eles será posteriormente descrito por Maura como mais importante do que o primeiro:

**"O meu medroso hímem - oh que pena  
não teres sido tu que o golpeaste**

**o que importa porém veio depois  
o que importa foram as labaredas  
que soubeste atear em meu pudor  
foram aquelas noites desvairadas  
de carne e de alma conjugadas  
a vararem três lúbricos decênios**

**o que importa, amor, é este himeneu  
- sem os ritos falazes do primeiro -  
que juntos celebramos tu e eu" .<sup>212</sup>**

Esse poema serve para ilustrar como Maura é uma das pioneiras na abordagem do aspecto sexual das mulheres. Tendo vivido numa época em que tal assunto ainda era considerado tabu, em que ainda vigorava a dualidade mãe/prostituta, parece que se configurar como uma mulher preocupada com o aspecto carnal não lhe assusta. E ela, mais do que viver a liberdade de escolha de um outro homem que não o seu primeiro marido, tem a coragem de reafirmar, por escrito, que este é um aspecto que lhe é importante.

<sup>211</sup> A saga de Maura. op. cit.

<sup>212</sup> PEREIRA, Maura de Senna. **Sete poemas de amor**. Florianópolis : Ed. Sanfona, 1985. p.4.



O casal Maura e Almeida Cousin

Esta decisão de viver maritalmente com Cousin, que parece ter sido tão facilmente tomada por Maura, não foi absorvida da mesma maneira por sua família. Ela atesta que suas irmãs, envergonhadas com este fato e procurando encobrir sua transgressão, contam a todos que eles tinham se casado na "Embaixada", o que na realidade não ocorre. Aliás, este é um costume que já se tinha firmado no Brasil pois, não existindo divórcio e portanto não havendo possibilidade de legalizar um segundo casamento, as pessoas "casavam no Uruguai".

Ao que tudo indica, Maura e Cousin vivem um amor profundo e duradouro, que perdurará pelo resto de suas vidas. Um amor confirmado por múltiplos e constantes testemunhos, mas também reafirmado por uma vivência que o dia a dia não desmentiu. Um romance vivido entre carinho e poesia, como atesta este bilhete deixado por Maura:

**"Meu querido,  
Arroz com galinha na panelinha que está sobre o fogão.  
Na geladeira, (*ininteligível*) com tomate descascado  
Acho que é bom guardar o arroz da outra panela  
Tudo de bom, amor. Até loguinho  
Beijos da tua  
Maura de Senna Pereira".**<sup>213</sup>

<sup>213</sup> Bilhete manuscrito que faz parte do Arquivo ACL.

No início é uma paixão em que o ingrediente carnal está presente de maneira decisiva, em que o corpo não é idealizado e sim tratado de maneira concreta e sensual, aparecendo sob a forma de carne e pele:

**"liberdade, igualdade - retornarão depois  
não agora sobre estes lençóis desfeitos  
em que entregue estou inteira ao teu querer  
a carne rendida penetrada  
a língua sugada como um favo  
o lábio mordido como um figo**

**sou fêmea ou fruta sobre o leito  
mas subo até o teto e as estrelas  
e é possível que apedrejem o meu canto  
algum juiz severo ou varonil matrona  
esquecidos de que de um ato assim eles vieram  
de que um ato assim é que povoa a terra**

**nem sempre porém com esta chama  
(de igual deveria nascer cada menino)  
que não se apaga no orgasmo findo  
e me fará até ainda amassada  
ancila radiante levantar-me  
e oferecer-te vinho".<sup>214</sup>**

O sexo que primeiramente parece tão importante quanto a "conjunção de almas", com o passar do tempo, deixa de ser primordial, permitindo o aparecimento de outros laços que reforçam esta união, este amor. Conforme declara uma entrevistada, "*foi um casamento de almas*".<sup>215</sup> A paixão arrefece, mas permanece o amor:

**"No princípio era o sexo dominando  
as próprias mentes e corações afins  
irrompendo selvagem nas alcovas  
e no tapete verde dos jardins**

**eu - cravina esmagada pelo teu  
inteiro e animal abraço  
em manhãs e noites de esperma e sono  
de sono lasso**

<sup>214</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1985b, p. 1.

<sup>215</sup> Entrevista realizada com a Sra. Mariazinha de Senna Pereira em 16 ago.1995.

**Depois, o sexo ainda. Mas como  
cresceram tanto os elos outros  
que nos ligaram sempre!  
Muitos dezembros passaram  
e muitos marços também  
e ao nível do ardor carnal se postaram  
os outros elos, tão belos**

.....

**Prêmio: tua vida e tua volta  
Festa: uma união ainda maior  
que a mais profunda, a mais ardente cópula".<sup>216</sup>**

Ao que parece, Maura e Cousin desenvolvem um modelo de conjugalidade diferente do convencional. Enquanto o casamento tradicional baseia-se na diferença e na complementariedade, que promove a divisão de tarefas entre os sexos e a ocupação dos espaços públicos e privados de maneira também sexista, Maura e Cousin prefigurando um novo modelo, tem sua união lastreada na igualdade, numa relação de poder equilibrada em que é possível manter um espaço de negociação entre o casal.

No modelo "tradicional", enquanto as mulheres se encarregam dos trabalhos domésticos e da reprodução biológica, os homens transitam pelos espaços públicos, garantindo a reprodução social e econômica da família. No modelo de Maura e Cousin, a relação é igualitária, cabendo a ambos tanto as tarefas privadas, como as públicas. Assim denotam os depoimentos: Maura não aceita seu confinamento aos afazeres domésticos e Cousin não se restringe ao seu papel na esfera pública e participa das tarefas domésticas.<sup>217</sup> Segundo Salem, igualitarismo no plano do relacionamento entre casais se fundamenta na premissa de que não existem qualidades simbólicas determinadas para um e para o outro gênero.<sup>218</sup>

Dessa forma, é possível pensar que Maura e Cousin, prefigurando um modelo de casamento que só muitos anos depois passa a ser almejado, conseguem construir uma união

<sup>216</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1985b, p. 7.

<sup>217</sup> Entrevista realizada com a Sra. Mariazinha de Senna Pereira em 16 ago.1995.

<sup>218</sup> SALEM, Tania. O casal igualitário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.3, n.9, 3 fev. 1989, p.30.

em que formam "uma unidade com dois". Eles conseguem, parece, equacionar aquilo que nas palavras de Salem, se constitui exatamente no maior desafio, ou seja, ao mesmo tempo em que um parceiro tem sua individualidade preservada, ele continua sendo parte de um conjunto e tendo sua vida em comum com o outro membro do casal. *"Em uma palavra, o desafio é o de, enquanto casal, ser dois e simultaneamente um só".*<sup>219</sup>

Maura convive com Cousin até 1991, quando ele morre. E para Maura, a vida também termina. Conforme depoimentos de sua irmã: *"desse dia em diante, a nossa Maura começou a morrer: deixou de receber qualquer alimento. Viver, para ela, não significava mais nada. Colocávamos na sua frente seus pratos preferidos e ela voltava a cabecinha e dizia: "Perdoem-me, mas não quero nada que me prolongue o viver".*<sup>220</sup>

Em 1949 Maura publica o livro **Poemas do meio-dia**, seu primeiro livro de poesia. Tendo sido lançado como o primeiro volume da "Coleção Poesia Moderna" do editor Victor Brumlik, esta obra foi posteriormente reconhecida por ela como sendo o seu primeiro livro, já que se envergonhava de **Cântaro de Ternura**, lançado em Florianópolis, em 1931, embora não fornecesse pistas sobre o motivo dessa reação.

**Círculo Sexto** é outro livro de poesia que publica em 1959, pela Organização Simões Editora, do Rio de Janeiro e ilustrado por Quirino Campofiorito.

Seguiu-se a este, a publicação de **País do Rosamor** em 1962. Editado em Florianópolis, pela Edições do Livro de Arte, este livro também de poesias é ilustrado por Hugo Mund Jr<sup>221</sup>. Neste, cria um universo imaginário, onde estão postas todas as suas idealizações do mundo e da humanidade. Sobre este sonho, diz:

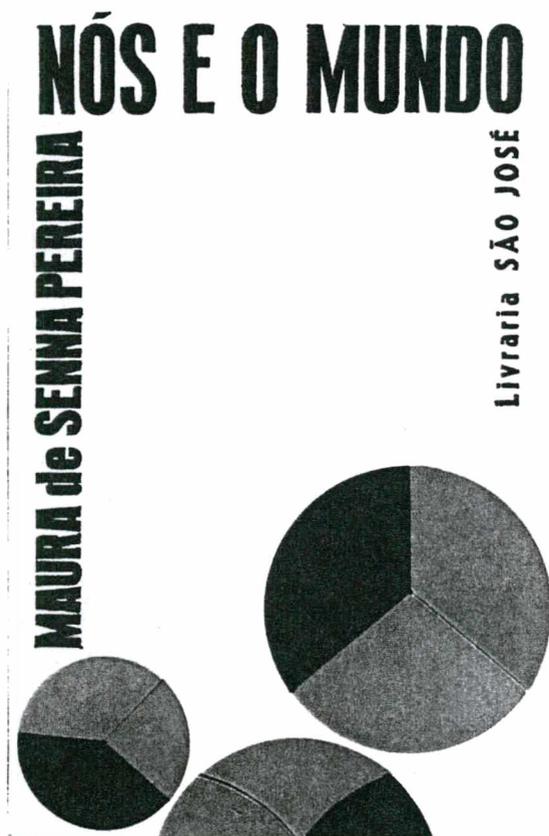
**"inventei um país de ventura, sonho e beleza, todos irmãos, as castanhas saltando festivas em todos os pratos, as bodas simples e belas ( "rosas em torno, amor em nós"), os meninos - tão puros - a cirandar com os pombos e as**

<sup>219</sup> id. *ibid.*, p. 35.

<sup>220</sup> Depoimento obtido por carta à autora, da Sra. Zaura Dupont, em 15 ago.1995.

<sup>221</sup> PEREIRA, Maura de Senna. **País de Rosamor**. Florianópolis : Edições do Livro de Arte, 1962.

serpentes, as mulheres cobertas de esmeraldas, a primavera durando cem anos e a lua perto. Proscrevi todas as coisas abomináveis: o dinheiro, a guerra, a doença, a tortura, a fome. E os cemitérios, está claro. Como existir uma triste cidade dos mortos no reino da vida plena?"<sup>222</sup>



Capa do livro *Nós e o Mundo* publicado em 1976.

Publica ainda em 1976, o livro *Nós e o Mundo* pela Livraria São José, no Rio de Janeiro, que se constitui numa coletânea de crônicas, resenhas e artigos seus já publicados em jornais ou revistas para os quais colaborou.

*A Dríade e os Dardos*, outro livro de poesias, aparece em 1978, editado também pela Livraria São José, com capa de Ely Braga, ilustrações de Quirino Campofiorito e vinhetas de Hugo Mund Jr.

Em 1980, publica *Despoemas*, um pequeno livro de poesias, já que possui apenas 23 páginas, publicado pela Editora Achiamé do Rio de Janeiro, ilustrado também por Ely Braga e com projeto gráfico de Maura e Robson Fernandes.

*Cantiga de Amiga* é editado em 1981, também pela Editora Achiamé. O projeto deste livro é muito interessante, já que ele tem uma forma diferente de um livro tradicional. Na realidade, ele se constitui de três blocos de folhas dobradas e soltas, inseridas dentro de uma capa que possui também três folhas que se fecham sobre as folhas internas, aproximadamente

<sup>222</sup> PEREIRA, Maura de Senna. País de Rosamor. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, [19--] (Arquivo ACL)

na forma de uma pasta. Esta capa que traz na sua parte interna diversas opiniões de intelectuais sobre seus livros, tem na parte externa, além de foto e uma pequena biografia da autora, a transcrição de um bilhete manuscrito de Carlos Drumond de Andrade, sobre seu livro anterior, que diz: *"Que gravidade e pureza, nos versos de Despoemas! Sente-se que eles vieram de raízes profundas, trazendo o sal da terra e da experiência maturada, mas também, persistente e consciente, o sonho de uma "dália azul perfeita", símbolo de futura convivência harmoniosa. Obrigado!"*<sup>223</sup> O projeto gráfico deste livro também é de Maura e de Robson Fernandes e contém ilustrações de Márcia Cardeal.

**Verbo Solto** é publicado em 1982 pela Livraria Kosmos Editora e se constitui num livro que reúne discursos e palestras que Maura proferiu em diversas ocasiões de sua vida. Para ela, este livro tem *"o intuito de re homenagear figuras e fatos, de lembrar uma fase de labor constante e, por tudo isso, embora modesto, de prender algo daquele verbo solto..."*<sup>224</sup>

Em 1984, Maura publica **Poemas-Estórias** que é editado também pela Editora Achimé, com ilustrações de Márcia Cardeal. Este livro é um misto de poesia e de conto, de fábula narrativa e de fábula poética.

Dois trabalhos de poesias são publicados em 1985, **Sete poemas de amor** e **Busco a palavra**. O primeiro é um folheto dobrado em forma de sanfona que é publicado pela Edições Sanfona de Florianópolis, em que reúne talvez os mais belos poemas escritos por ela. Nas palavras de Iaponan Soares, este trabalho permitiu a revisão de Maura como "poeta menor".<sup>225</sup>

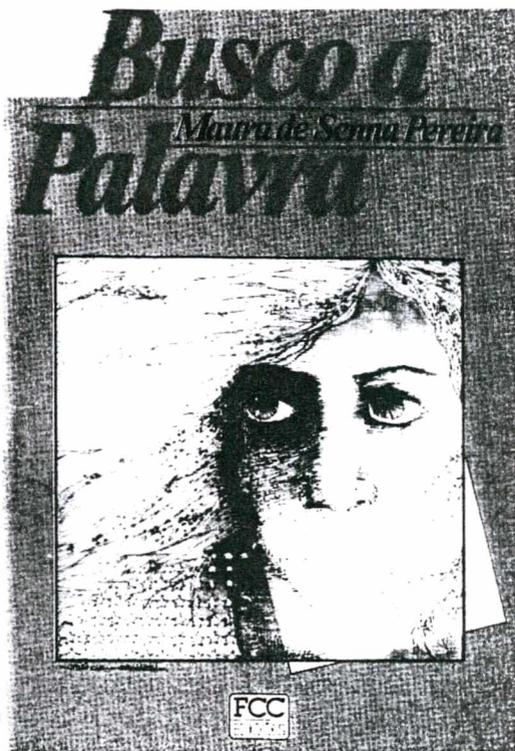
Nestes poemas, em número de sete somente, Maura deixa explodir toda a sua maturidade. Musicando a sexualidade e mostrando-se plena enquanto mulher, produz talvez,

<sup>223</sup> ANDRADE, Carlos Drumond de. In: Cantiga de amiga, op. cit. última capa.

<sup>224</sup> PEREIRA, Maura de Senna. **Verbo solto**. Rio de Janeiro : Kosmos, 1982. p. 9.

<sup>225</sup> Depoimento informal do Sr. Iaponan Soares em novembro de 1995.

seu trabalho mais feminista, no sentido de reafirmar a mulher em sua plenitude, enquanto fêmea mas também enquanto espírito.



Capa do livro *Busco a palavra* publicado em 1985.

**Busco a palavra**, publicado pela Fundação Catarinense de Cultura com ilustrações de Quirino Campofiorito e capa de Márcia Cardeal, é uma reunião de versos publicados em livros e antologias anteriores. Traz como prefácio, um ensaio de Lauro Junkes sobre a obra de Maura, que se constitui em um trabalho de alto valor para os interessados em conhecer esta poetisa.

Apesar desta série de livros publicados, sabe-se que pelo menos dois outros foram destruídos por ela, antes de serem editados. O livro que denominou **Jurerê Mirim**, elaborado no período em que ainda morava em Florianópolis, era a expressão de seus sentimentos daquele período. Tendo se considerado incompreendida por manifestações contrárias à ela, ainda naquele período florianopolitano, destroi estes manuscritos jogando-os num rio.<sup>226</sup>

O mesmo acontece com o livro que ela chamaria de **Andarilha da Madrugada**. Como ocorre em todos os outros livros, este também estava sendo dedicado a Cousin. Entretanto, em face da morte de seu companheiro ainda antes da publicação do livro, inutiliza seus originais. Deste, somente se salvou o manuscrito do poema "Os adereços" que estava entre

<sup>226</sup> PEREIRA, Maura de Senna. *Adolescência*, op. cit.

seus pertences doados à Academia Catarinense de Letras, por ocasião de sua morte. Este manuscrito já denunciava a doença que lhe acometia, a doença de Parkinson, que lhe deixou a letra trêmula e bastante angulosa. Sobre este livro, diz em carta endereçada a seu amigo Carlos Ronaldo de Carvalho: *"meu livro está quase pronto, mas ficou pequeno porque havia nele mágoa demais e resolvi cancelar poemas magoados demais. Em "Os Adereços" eu dei o sentido que quero dar..."*<sup>227</sup> :

**"No meu simples ofício de cantar  
tenho recebido flores em profusão  
e a flor é vida  
e o ofertante um irmão  
Alguns poucos preferem mandar-me  
pedras malignas  
que eu nunca cheguei a ver  
pois não atingem o alvo  
e se estilhaçam no chão  
Mas há que falar também nos silêncios  
que o silêncio é nada  
porém eis que agradeço  
pois cada um deles deixa em meu peito  
um inexistente adereço  
inexistente  
mas que eu vou usando  
para me acostumar"** <sup>228</sup>

Além de ter inutilizado dois livros, Maura teve uma outra obra sua apreendida por problemas políticos, durante o período do Estado Novo. Este livro, **A socialização da medicina** que era uma reunião de reportagens escritas para o jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, nunca foi recuperado.<sup>229</sup>

Verifica-se que o período em que vive no Rio de Janeiro é o mais profícuo de sua vida. É enquanto mora naquela cidade que a maioria de seus livros são publicados. Entretanto,

<sup>227</sup> Carta datada de 28 ago.1988.

<sup>228</sup> Manuscrito deste poema encontra-se no Arquivo ACL.

<sup>229</sup> A existência desse livro e sua apreensão por motivos políticos foi uma informação que só obtivemos através da entrevista dela com Colaca Granjeiro e Silveira de Souza. Nenhuma outra fonte pode confirmar esse dado. Ver: Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 10.

pode-se afirmar que embora fixada no Rio de Janeiro, sempre se manteve ligada a Florianópolis, seja pelas inúmeras visitas que faz à sua cidade natal, seja pelo fato de se reportar constantemente em seus escritos às pessoas, à natureza e à cidade de Florianópolis. Esta ligação com sua cidade natal também se evidencia no fato de ter alguns livros seus publicados por editoras florianopolitanas e na utilização de artistas conterrâneos na elaboração deles, caso de Ely Braga e Hugo Mund Jr. que ilustram obras suas. Aliás, na realidade, Maura nunca "saiu" de Florianópolis. Ela pode ter ido morar no Rio de Janeiro mas, nunca "deixou" sua cidade natal. Florianópolis transparece em suas poesias:

**"Quando me deito nos teus canteiros mornos,  
Jurerê-mirim, isla de los Patos, Santa Catarina,  
não me basta a alegria telúrica  
de ter nascido em ti  
nem o pensamento quase bíblico  
de que sou feita do teu barro..."<sup>230</sup>**

Ou ainda:

**"Às vezes interrogo, amigo:  
Será porque venho de uma terra  
que não se integrou em outra  
(embora esta por mim também amada)  
- num gesto potente de rebeldia cósmica  
ou talvez liberta no furor de um cataclismo -  
que me pareço com ela ou ela comigo  
e me toma esta euforia desvairada  
quando vejo qualquer povo  
ou qualquer consciência  
querer ser livre?  
Será a ilha, amigo?"<sup>231</sup>**

Essas representações de Florianópolis em sua obra, parecem mostrar que suas lembranças da Ilha são também idealizadas. Como já afirmamos anteriormente, a memória atual é fruto do crescimento intelectual que vai se processando na pessoa com o passar dos anos,

<sup>230</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1985a, p. 38.

<sup>231</sup> id. op. cit., 1978, p. 39.

modificando aquela primeira lembrança do passado. Assim, pode-se ver que constantemente Maura representa sua cidade natal e em determinada crônica confessa que reconstruiu em seu apartamento no Rio de Janeiro, com plantas artificiais misturadas à uma única planta natural que conseguiu que sobrevivesse, o jardim de sua casa de infância, em Florianópolis. Em certo trecho, falando da felicidade que aquela recomposição lhe causa, diz: *"Aliás, torna-me feliz a ilusão que elas causam, pois foi para me iludir também que plantei este bosque"*. Entremeando uma profusão de plantas artificiais à uma única planta natural, um pé de batata, que a muito custo ela consegue manter viva, confessa: *"molho-as diariamente - e é como se todas sentissem o contato da água. Com a terra úmida e as folhas e flores orvalhadas e brilhantes, todo o conjunto parece vivo e a ilusão é tal que chego a esquecer os meus quintais perdidos..."*<sup>232</sup>

Maura, até correspondendo aos estereótipos que o senso comum tem dos poetas, apresenta hábitos que não são muito comumente encontrados em mulheres ditas "comuns".

Um costume muito marcante dela é o uso de flores. Ela frequentemente as usa como adorno, tanto no corpo como na roupa, assim como, todos os cartões-postais que manda a seus amigos ou parentes, são com ilustrações florais e mais precisamente de rosas vermelhas, ao invés das paisagens que costumeiramente ilustram estes postais.

Este hábito é tão marcante nela, que Francisco de Carvalho da Academia Cearense de Letras lhe faz um poema intitulado: "Poema das rosas de Maura", onde diz:

**"Rosas vermelhas de Maura  
têm asas de passarinho  
São da cor do sangue  
São da cor do vinho..."**<sup>233</sup>

<sup>232</sup> id. op. cit., 1976, p.92.

<sup>233</sup> CARVALHO, Francisco. Poema das rosas de Maura. (Arquivo ACL)



Maura declamando uma poesia

Para entender a significação deste gesto é preciso perceber o que a flor simboliza para ela e o que quer transmitir com o uso repetido deste gesto, de forma a ter sua imagem presa a este símbolo. Em diversas ocasiões fala das flores, da natureza e nestas ocasiões sempre está explícito o sentimento de amor,

de alegria, de festa, de disponibilidade para o próximo:

**" Nos casamentos  
a boda é simples:  
em torno - rosas  
em nós - amor".<sup>234</sup>**

Assim como na convenção romântico/literário que estabeleceu-se no Ocidente, Maura também dá às flores o significado de vida/ primavera em contraponto ao inverno/ morte:

**"Primavera tem cem anos  
no País de Rosamor  
E só depois de - mui lautos -  
verão e outono passarem  
é que vem o lento inverno  
marcar o fim docemente".<sup>235</sup>**

Em seu livro **País do Rosamor**, onde idealiza um mundo perfeito, professa sua fé na força poderosa das flores, força tão potente que é capaz de destruir o mal:

**"... E com rosas simplesmente  
- nem espadas nem punhais -  
com doze rosas sagradas**

<sup>234</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A boda. In: ----- . A dríade e os dardos, op. cit., p. 133.

<sup>235</sup> id. As estações. In: ----- . A dríade e os dardos, op. cit., p. 135.

**farão por terra tombar  
a cabeça do Dragão...**<sup>236</sup>

Outro hábito bastante arraigado em Maura, é o uso da tinta verde na escrita de cartas, bilhetes ou cartões para os parentes ou amigos. Depoimentos de amigos podem atestar este seu costume. Sílvia Amélia diz: *"guardo ainda com zelo, dentre inúmeras cartas e cartões que costumava enviar-me, escritos com letras bem grandes em tinta verde, uma jóia literária..."*<sup>237</sup> Atestando este seu costume, dirá Celestino Sachet: *"o recebimento de mais uma de suas obras, com as costumeiras e sempre originais dedicatórias em grandes e arredondadas letras verdes..."*<sup>238</sup>

A significação deste hábito, já inscrito desde 1929, pode ser verificado no artigo "Alma de Mulher", quando diz: *"leu aquelas finas letras verdes, que pareciam mulheres esguias e que foram traçadas por certo, com a volúpia inquieta da esperança"*.<sup>239</sup>

Outro aspecto interessante para ser analisado, é a pouca significação que tem para ela o aspecto financeiro. Ela é uma pessoa desligada destas preocupações. É possível inferir que sua situação financeira não pode ter sido das mais promissoras, visto tratar-se de uma jornalista<sup>240</sup> e poetisa, duas profissões que historicamente não são bem remuneradas. Como jornalista de um jornal que não era, na época, dos mais influentes, não pode ter sido muito significativa a sua remuneração. Quanto aos rendimentos que pudessem ser aferidos com a venda de seus livros e levando-se em consideração que historicamente livros de poesia não são muito vendáveis, é possível afirmar que a recompensa financeira deve ter sido mínima. Este desapego às coisas

<sup>236</sup> id. Os arcanjos. In: -----. A dríade e os dardos, op. cit., p.159.

<sup>237</sup> CUNHA, Sílvia Amélia Carneiro da. Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992. p.131.

<sup>238</sup> SACHET, Celestino. Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992. p. 134.

<sup>239</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Alma de mulher. **A Semana**, Florianópolis, v.1, n.15, 24 jan. 1929. p. 1.

<sup>240</sup> É como jornalista profissional que Maura se aposenta em 1972. Ver: carta do Delegado Regional do Trabalho em Santa Catarina, informando que sua aposentadoria se efetivou como jornalista profissional. (Arquivo ACL)

materiais pode ser detectado no fato de que em nenhum de seus escritos aparece nem uma única vez, esta preocupação explicitada. Aliás, conforme uma depoente, Maura era uma pessoa completamente desligada das coisas materiais, interessada muito mais em viver a sua poesia. Ela se interessa muito mais em "ir à lua colher antúrios" do que com coisas práticas do dia a dia.<sup>241</sup>

Sabe-se que o primeiro apartamento onde Maura e Cousin moraram, na rua Bartolomeu Mitre e depois o segundo, na rua Jerônimo Monteiro - Leblon, foram doados ao casal, pela irmã de Maura, Zaura Dupont. Este apartamento, por ocasião de sua morte, foi doado ao Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo com o comprometimento deste em publicar os trabalhos literários inéditos de Cousin e de instituir um prêmio anual com o nome de "Professor Almeida Cousin" ao melhor trabalho científico ou literário aparecido no Espírito Santo.<sup>242</sup>

Comprovando o modo de vida franciscano do casal, Carlos Ronaldo Schmidt dá seu depoimento ao analisar o apartamento deles, dizendo: "*Lembro-me perfeitamente de tudo: seu apartamento (...) com a presença irradiante de Mestre Almeida, os livros crescendo sobre o despojamento material de seu interior...*"<sup>243</sup>

Como já foi explicitado anteriormente, Maura não é, para a época, uma mulher convencional, ou seja, ela não é uma mulher do espaço doméstico. Talvez por ter percebido que os trabalhos domésticos fossem uma forma de opressão, na prática se liberta deles, eliminando assim também a dupla jornada de trabalho. O escritório, a biblioteca ou mesmo a redação de um jornal, geralmente espaços do homem, é que são os seus espaços.<sup>244</sup> Vamos

<sup>241</sup> Entrevista realizada com a Sra. Fernanda Silva em 25 mar.1996.

<sup>242</sup> Minuta da escritura de doação com reserva e constituição de usufruto que Maura faz como doadora ao IHGES, em 1985 aproximadamente. ( Arquivo ACL)

<sup>243</sup> SCHMIDT, Carlos Ronaldo. ( Texto sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

<sup>244</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 180.

perceber que eles utilizam um espaço público, o Restaurante Real Astória que se localiza perto do prédio onde residem, como uma extensão do seu espaço doméstico e é neste local onde habitualmente o casal almoça e recebe os amigos que os visitam.

É interessante verificar que a noção de tempo para Maura também difere da noção mais comumente encontrada. Talvez por estar desempenhando no Rio de Janeiro a função de jornalista, não precisou (quem sabe buscou isto!) se submeter ao tempo rígido do trabalho industrial. Enquanto a maioria das pessoas tem seu tempo regulado pelo que se chama tempo fabril<sup>245</sup>, Maura não se insere neste contexto. Dessa forma, pode-se afirmar que ela é dona de seu tempo, um tempo livre em que ela pode ser e fazer. Assim, consegue manter um espaço de convivência maior com as pessoas, um espaço em que ela tem condições de concentrar-se no presente e *"transformar em ouro a banalidade cotidiana"*.<sup>246</sup> Como poetisa, ela necessita de um investimento no dia a dia, no sentido de poder captar o belo, o poético da existência humana. Em outras palavras, segundo Maffesoli, essa *"atenção sem preconceitos dirigida para o cotidiano, uma análise que não o reduza a categorias econômicas ou políticas, significa atenção ao seu maravilhoso"*.<sup>247</sup> Certamente essa atividade poética não fluiria com naturalidade, se estivesse presa às rígidas imposições do trabalho formal e não tivesse disponível esse tempo mágico que caracteriza a dimensão poética. Assim, não se subordinando ao tempo fabril, ela mantém hábitos também não-convencionais, como por exemplo, seus horários de comer, dormir, etc. Dorme altas horas da madrugada, acordando habitualmente em torno das onze horas e almoçando em torno das dezesseis horas. Estes hábitos que vão sendo também incorporados por Cousin revelam o costume de leituras e trabalho que cortam as madrugadas. Também é muito comum que nessas horas, Maura faça

<sup>245</sup> THOMPSON, E.P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial. In: ----. **Tradición, revuelta y conciencia de clase**. Barcelona:Editorial Crítica, 1984. p. 239 - 91.

<sup>246</sup> Keats apud MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 128.

<sup>247</sup> MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 75.

longos telefonemas para seus amigos, inclusive os de Florianópolis. Conforme atestam diversos depoimentos, permanecia longos períodos ao telefone, em conversas que podiam perfeitamente durar mais de uma hora.<sup>248</sup> Assim, pode-se pensar que Maura e Cousin mantinham hábitos diferentes da maioria, talvez para reforçar a independência das normas e tradições. Essa não submissão a um tempo regulado é, talvez, uma forma de fugir da coersão imposta pelo poder, pois segundo Foucault, "*o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder*"<sup>249</sup> e também uma forma de insubordinação à programação destes poderes em obter corpos dóceis e disciplinados no sentido de torná-los mais obedientes e úteis. Assim como foge do controle do tempo, Maura também escapa do controle sobre seu corpo pois, também "*o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações*".<sup>250</sup>

Assim, percebe-se que Maura foge do controle do tempo e dos corpos numa tentativa rebelde de se livrar, novamente, das convenções, sejam elas: religiosas, políticas, sociais ou culturais.

Para Maura de Senna Pereira, de acordo com a opinião de seus amigos e admiradores,<sup>251</sup> a adjetivação deve ser farta: lutadora, rebelde, audaciosa, meiga, gentil, solidária, inquieta. Mesmo sabendo que os relatos orais devem ser relativizados pois a memória é idílica, a imagem que passou, a idéia que seus conhecidos guardam dela, nos possibilitam a afirmação de que a imagem que ficou para eles se misturou àquela que ela quis mostrar.

<sup>248</sup> Depoimento do Sr. Paschoal Apóstolo Pitsica em 26 jul.1995.

<sup>249</sup> FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: -----, **Vigiar e punir**. Petrópolis : Vozes, 1996. p. 138.

<sup>250</sup> id. *ibid.* p. 126.

<sup>251</sup> Essas características de Maura foram extraídas dos depoimentos obtidos através de entrevistas com: Sra. Mariazinha de Senna Pereira, Sra. Fernanda da Silva, Sr. Paschoal Pitsica, Sra. Sílvia Amélia Carneiro da Cunha todos seus amigos, admiradores ou parentes, o que nos leva a ter um cuidado especial com essas declarações.

Ainda de acordo com os depoentes já citados, foi possível perceber que eles a representavam também com um aspecto carinhoso, meigo, conciliador.<sup>252</sup> Foi talvez essa união inusitada de agressividade e meiguice que lhe deu uma imagem peculiar e a fizesse ser a pessoa especial que seus amigos diziam ser e que Carlos Ronaldo Carvalho definiu como uma pessoa que fugia do padrão comum ou uma "*personalidade refratária à esterotipia*".<sup>253</sup> Foi talvez esse seu lado meigo e carinhoso, sua arma mais eficaz para neutralizar as resistências que surgiam e fazer amigos.

Mas, dentre essas diversas imagens, deve-se salientar sobretudo, a Maura solidária, a companheira que compartilhava tanto a alegria como a dor e o sofrimento, como atestam suas poesias que pedem sempre mais justiça social. Maura se solidarizava com este sofrimento, estimulando de alguma forma a reversão daquela situação conflituosa e aliado a este estímulo oferecia sua compreensão e um sorriso. Sorriso este, que levou Maria Eugenia Celso a escrever: *Eu recebi o teu sorriso, Maura,/ Esse lindo sorriso que traduz/ Uma alma de entusiasmo e de esperança...*<sup>254</sup>



Caricatura de Maura de autoria desconhecida

E parece que alguém soube sintetizar todas essas suas características e traduzi-las muito bem em uma única imagem. A caricatura que uma artista plástica não identificada fez dela, parece resumir todas estas representações da poetisa e deixar bem patente sua força vital.

<sup>252</sup> idem.

<sup>253</sup> SCHMIDT, Carlos Ronaldo. Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinens de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992. p. 137.

<sup>254</sup> CELSO, Maria Eugenio. *Femina*. **República**, Florianópolis, v.1, n.270, 13 set. 1931. p. 3.

Mas, Maura deixa transparecer frequentemente uma amargura. A mágoa por não poder gerar, de não se sentir inteira e assim dar vida a outro ser. Vivendo num período em que a maternidade é muito destacada, em que o papel de mãe para a maioria das mulheres é o papel principal de suas vidas, ela teve que enfrentar a realidade de sua esterilidade. Esta angústia é expressa de diversas formas em seus poemas:

**"Arreponder-te-ás talvez  
como de uma suprema profanação  
de teres um dia me vestido  
de bagos e de gomos  
e para eles depois te atirado  
como um fauno sem lei.  
Oh, não te arrependas não  
que me deste glória e honra  
pois eu só via o milagre da árvore estéril  
carregada de frutos  
e o sumo das uvas escorrendo  
dos seios que nunca amamentaram".<sup>255</sup>**

À esta amargura por não poder gerar um filho, está agregada uma outra, a de não poder transcender. A certeza de sua finitude, de que com a morte seu ser terminaria, que nada seu teria continuidade é expressa neste trecho do poema "Pré-Retorno":

**" .... - e eis a não liberta e não conspurcada  
e também a mãe gorada  
pois nenhuma semente germinou em meu ventre  
e assim não pude legar a nenhum ser  
(que talvez me levasse viva a outras eras  
onde já serão verdades o que são quimeras)  
o ardor de minha carne e minha mente".<sup>256</sup>**

Mas Maura repensa esta idéia de limite para o seu ser. Este limite que ela estabelece com a morte, onde além dela o que existe é o nada, parece entristecê-la. E encontra uma alternativa. Já que ela não terá continuidade através de seus descendentes, vislumbra uma

<sup>255</sup> PEREIRA, Maura de Senna. *Círculo Sexto*. Rio de Janeiro : Org. Simões, 1959. p.19.

<sup>256</sup> id. *Busco a palavra*. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1985. p.183.

possibilidade de transcender através da matéria. Seu corpo será transformado em seiva que alimentando a natureza consegue continuar o ciclo da vida. Sua crença num amanhã melhor e mais livre para a humanidade é tanta que não pode suportar a idéia de que não compartilhará deste tempo; ela que tanto sonhou e engajou-se na mudança deste mundo atual e opressivo. E sua materialidade transformada em outra matéria e no entanto ainda ela, poderá ver a aurora deste mundo novo:

**"Cuando la tierra sea nuestra, de todos...  
y estén libres los caminos, seré romero"  
E eu serei tão- somente carne morta desfeita  
Mesmo assim chegarei até as raízes  
subirei pelos troncos molhada de seiva  
irromperei pelos caules  
atingirei folhas flores frutos  
para espiar, vingada, o mundo diferente  
e ainda fitar, Delgado Fito,  
teu pouso lindo de romeiro:  
"Y sólo descansaré en casa del hermano  
para decir mi verso siempre nuevo".<sup>257</sup>**

Na falta dos filhos de seu ventre, que Maura pensa, seriam uma continuidade dela, ela encontra uma afinidade com outras pessoas "que não saíram dela" mas que compartilham com ela dos mesmos ideais, do mesmo vigor na luta, do mesmo amor à arte:

**"Menina  
como sem de mim teres saído  
tanto saíste a mim?  
Não tens sequer o meu sangue  
não te aninhei em meus braços  
não te dei lição de vida  
nem sequer te vi crescer  
- e, crescida, me buscaste  
com teus versos e teus laços  
pelas tuas ruas nuas  
me buscaste e eu te achei  
Menina  
não és a única:  
outros chegaram também  
da mesma fonte nascidos  
São todos poetas - e cantam  
todos são bravos - e lutam  
(nunca mais vou lamentar**

<sup>257</sup> id. op. cit., 1978, p. 77

ter sido estéril meu útero) ..."<sup>258</sup>

Maura vai demonstrar um interesse pelo socialismo que vai se objetivar na sua filiação ao Partido Comunista em meados da década de 50.

A crença na possibilidade de transformar este mundo desigual e desumano em um mundo mais fraterno e igualitário levou-a à leitura de livros socialistas e sobre isto, declara: *"Li certa vez num livro socialista: errado o homem que, diante de um palmo de terra, disse pela primeira vez: isto é meu". Eu me senti assim como que batizada. E desde essa época eu me tornei participante. Esta foi a causa de eu ter simpatias pelo comunismo"*.<sup>259</sup>

Assim, a filiação ao Partido Comunista deve ter representado para ela, a possibilidade de "ajudar a construir o mundo futuro"<sup>260</sup>, um mundo onde sempre existiria: "o pão, a rosa e a paz", conforme ela mesma escreveu:

**"...ainda assim, tudo faltaria  
se eu não tivesse o humano em todos os meus gestos.  
Se o rosto de todas as crianças  
eu não quisesse banhado de ventura  
como se elas tivessem brotado de minha carne  
e devorado meu sangue antes de nascer.  
Tudo faltaria  
se eu não fosse capaz de querer  
para todo ser humano  
o pão, a rosa e a paz"**.<sup>261</sup>

Entretanto as decepções com a estrutura partidária, assim como as denúncias das atrocidades cometidas não só por Stalin mas também por diversos membros do grupo que

<sup>258</sup> id. op. cit., c1981, p. 11.

<sup>259</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit.

<sup>260</sup> Também Silveira de Souza corrobora essa opinião de que sua filiação ao Partido Comunista se deveu muito mais ao seu humanismo do que a uma definição ideológica clara. Ver: SOUZA, João Paulo Silveira de. Sessão saudade. *Revista da Academia Catarinense de Letras*, Florianópolis, n.11, 1992.

<sup>261</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Tudo faltaria. In: -----, Busco a palavra, op. cit., p. 60.

ascendeu ao poder na União Soviética, a decepcionam e ela vai se distanciando do partido, até desligar-se completamente.<sup>262</sup>

No Rio de Janeiro, continua participando frequentemente de atividades no espaço público. É muito comum participar de recitais em que eram declamados poemas seus. São inúmeros os registros em seu arquivo particular, depois doados à Academia Catarinense de Letras, dando conta de recitais promovidos por "diseuses", no Rio de Janeiro.

Dentre inúmeros recitais em que sua poesia era declamada, temos o de Nina Alves Costa<sup>263</sup> realizado no Clube Naval, o de Madeleine Bazin, levado a efeito no Teatro Maison de France<sup>264</sup> e o de Vera Maria Soares, realizado também no Maison de France.

Além destas apresentações, Maura constantemente participa de atividades relacionadas ao seu estado natal. São constantes suas colaborações nas "Feiras da Providência", evento cultural que se realiza no Rio de Janeiro, em que pessoas se responsabilizam pela "barraca" de seu estado natal, vendendo objetos e alimentos típicos da região, com a finalidade de arrecadar fundos para obras assistenciais.

Maura costumava ser convidada para proferir palestras em diversos lugares. Dentre elas, destaca-se uma sobre Anita Garibaldi, realizada em 16 de agosto de 1955.<sup>265</sup> Para o Centro de Estudos e Atividades Artísticas, faz palestra sobre Lacerda Coutinho, médico, parlamentar e poeta florianopolitano, além de também pronunciar palestra em comemoração aos 120 anos da obra "Babicka" de Bozena Nemcová em comemoração ao Ano Internacional da Mulher<sup>266</sup>. Esta palestra que se realizou no Centro Brasileiro da Associação Mundial de Escritores, dava à conhecer esta escritora tcheca, nascida em 1820. Dela, Maura ressalta a

<sup>262</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 10.

<sup>263</sup> Recital realizado em 7 de dezembro de 1959.

<sup>264</sup> Recital realizado em 18 de outubro de 1960.

<sup>265</sup> PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1982, p. 35.

<sup>266</sup> id. ibid. p. 55. Esta palestra foi posteriormente publicada na Revista Convivência do Pen Clube do Brasil.

força heróica, a vontade de lutar, a força para enfrentar as adversidades da vida mas, reforça sobretudo, o seu amor à humanidade. Maura se identifica com seu objeto de análise e ressalta nele, aquilo que vem ao encontro de sua crença maior: sua fé na humanidade, crença aliás que ela nunca cansou de repetir:

**" De cabelos dasatados  
canto:  
eis que ancorei no homem  
Era nada  
e já salmos aguardavam a minha vinda  
Era embrião  
e já me embalavam cantos sagrados  
.....  
Não mais hoje. Ainda trago  
desatados os cabelos  
das refregas no mar alto.  
Não mais hoje  
pois ancorei no homem..."<sup>267</sup>**

Maura também promove o "Dia de Santa Catarina"<sup>268</sup> em 1953. Nesta festividade, em que se apresentou a artista florianopolitana Nazira Mansur, Maura declama a poesia "Na rua Augusta" de Luiz Delfino. Em 1954, Maura promoverá outro "Dia de Santa Catarina", desta vez no auditório do Ipase, no Rio de Janeiro.<sup>269</sup>

Maura continua a ser no Rio de Janeiro, uma intelectual ativa, sempre preocupada com questões culturais e sobretudo uma verdadeira guardiã dos interesses catarinenses naquela cidade. Assim, utiliza seu espaço no jornal "Gazeta de Notícias" para fazer a divulgação desses eventos dos quais participa e especialmente, através de sua coluna "Nós e o Mundo", desencadear uma campanha visando a troca de nome de uma rua do Rio de Janeiro, a rua Piabanha, em Vila Isabel, para rua Araújo Figueiredo. Justifica sua solicitação no fato de que nesta rua moram a filha e a neta do poeta catarinense. Esta campanha que inicia tem êxito e em

<sup>267</sup> id. Canto da terra firme. In: -----, A Driade e os dardos, op. cit., p. 61.

<sup>268</sup> FIGUEIREDO, Laura de. *Vanguarda*, [s.l.], 04 dez. 1953. (Arquivo ACL)

<sup>269</sup> Recorte de artigo sem informações bibliográficas. (Arquivo ACL)

setembro de 1973, a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro e o Governador Chagas Freitas aprovam sua solicitação.<sup>270</sup>

O rádio é outro meio de comunicação que utiliza para divulgar suas poesias. Em 1953, numa de suas tantas viagens à Florianópolis, participa de um programa na Rádio Guarujá. Neste, declama quatro poemas seus e no intervalo de sua apresentação, a jornalista Layla Freyslebem tece comentários sobre eles. Inclusive essa apresentação, que não nos foi possível detectar se foi isolada ou se repetia em suas diversas voltas à cidade, contavam com uma platéia onde diversas pessoas assistiam à sua apresentação.<sup>271</sup>

Outro evento interessante, mas que não nos foi possível verificar se na realidade ocorreu ou se foi somente uma amostra de intenção, está registrado em uma pequena página timbrada da Rádio Copacabana, no Rio de Janeiro. Nesta página consta uma sinopse do que deveria ser um programa radiofônico. Este programa, intitulado "Programa Feminino", trazendo logo abaixo deste título a informação: apresentado pela jornalista Maura de Senna Pereira, estava estruturado em seis parte, com duração prevista de trinta minutos: - na primeira parte: apresentação do programa com referências à casa patrocinadora e duração de um minuto; - na segunda: apresentação de uma crônica de autoria da encarregada do programa, em quatro minutos; - na terceira: conselhos e comentários a respeito de beleza, modas, decoração, culinária, etc, com duração de dez minutos; - na quinta parte: declamação de um poema, alternando com Galeria das Grandes Mulheres (perfil de uma mulher célebre), durando cinco minutos e por último, mais cinco minutos de música e propaganda.<sup>272</sup> Por não incluir nenhuma assinatura ou comentário sobre estes dados, não é possível verificar se na realidade

<sup>270</sup> RIO DE JANEIRO. Assembléia Legislativa. **Diário Oficial do Estado**. Rio de Janeiro, set. 1973. p. 2210. (sem outras informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

<sup>271</sup> Programa apresentado em 10 out.1953.

<sup>272</sup> Página datilografada em papel timbrado da Rádio Copacabana, parecendo ser, talvez, a estrutura de uma programa apresentado por Maura. (Arquivo ACL)

este programa chegou a ser transmitido. Também não foi possível verificar se este papel indicava uma proposta da emissora para aprovação dela ou ao contrário, uma proposta dela para a emissora. Entretanto, se levarmos em consideração que esta informação está inscrita num papel timbrado da emissora, é legítimo pensar que a primeira alternativa é mais correta.

Durante esses anos no Rio de Janeiro, Maura participa de diversas entidades culturais, sempre como representante de Santa Catarina. Em 1958 encontramos carta dela para Othon d'Eça, então Presidente da Academia Catarinense de Letras, informando ter entregue suas credenciais como delegada da Academia Catarinense de Letras junto ao Pen Clube do Brasil.<sup>273</sup> Também foi representante da Academia Catarinense junto à Federação das Academias de Letras do Brasil. Sobre a responsabilidade de representar seu Estado, diz: *"tomo posse em dois de dezembro e farei referências em meu discurso à bela fase de renovação que ora atravessa a nossa Academia Catarinense de Letras. Meu discurso, não longo e, penso, não acadêmico - será todo dedicado à Santa Catarina e a seus valores. E, na Federação, eu desejo ser, apenas, uma voz, uma representante catarinense"*.<sup>274</sup> Ela permanece como delegada de Santa Catarina até 1972 quando passa a membro vitalício desta associação.

Maura também faz parte do Centro Catarinense do Rio de Janeiro que é uma agremiação fundada em 1897, com sede no Rio de Janeiro e que tem como objetivo propugnar pelos altos interesses do Estado de Santa Catarina visando ao seu enobrecimento, assim como promover estudos que visem propagar os valores intelectuais e culturais, costumes e tradições catarinenses.<sup>275</sup> Durante muitos anos Maura dirige seu Departamento Cultural e foi durante este período que foram promovidos eventos importantes para a divulgação do Estado de Santa Catarina. Dentre outros, promove diversas palestras e também o concurso: "Conheça

<sup>273</sup> Este clube faz parte do Centro Brasileiro da Associação Mundial de Escritores, criado sob os auspícios da UNESCO.

<sup>274</sup> Carta a Nereu Correa, de 17 nov.1967. (Arquivo ACL)

<sup>275</sup> CENTRO CATARINENSE. **Estatutos do Centro Catarinense**, Rio de Janeiro, 1951.

Santa Catarina" em que o prêmio para o vencedor é uma viagem ao Estado, ofertado pelos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul e Transportes Aéreos Catarinenses - TAC, com passagem de ida e volta para o vencedor e acompanhante. Suas amigas: Ivone Brugmann Leal, Nazira Mansur Aguiar, Yolanda Carneiro Ribeiro e Zalfá Felix são sempre suas fiéis companheiras nestes trabalhos.

Maura está constantemente se manifestando no espaço público. Além das manifestações já citadas, ainda participa de outros eventos: juntamente com Edna Savaget, Zora Braga e Ieda Menezes, promove uma festa beneficente na sede da União dos Estudantes, em benefício da Associação dos Cantadores do Nordeste<sup>276</sup>. Também foi diretora da Associação Brasileira de Relações Humanas, faz parte da Subcomissão de Propaganda do IV Congresso de Escritores, ocorrido em Porto Alegre, participa do I Festival do Escritor Brasileiro que se realizou no Super Shopping Center de Copacabana, dando autógrafos de seu livro **Círculo Sexto**, ingressa como sócia do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina em 1986, além de participar e promover inúmeros outros eventos que aqui seria inútil enumerar.<sup>277</sup>

Por tudo o que foi exposto, pode-se ver que Maura foi uma mulher extremamente ativa. Talvez essa constante atividade fosse um modo de tentar conservar a vitalidade tão fortemente associada à juventude. Isto porque Maura tem verdadeira ojeriza à velhice. Um pavor que a leva constantemente, a diminuir sua idade.<sup>278</sup> Mesmo na entrevista que concede à Colaca Grangeiro, ela o faz, dizendo que não foi a filha mais velha e sim a quinta dentre seus irmãos. Em outra ocasião, se referindo à morte de seu pai, diz que à época contava com somente dezessete anos, quando na realidade tinha dezenove anos.<sup>279</sup>

<sup>276</sup> Esse evento que acontece em 29 out.1955, teve a direção do célebre compositor popular Almirante.

<sup>277</sup> Informações colhidas no Arquivo ACL.

<sup>278</sup> Depoimento do Sr. Paschoal Apóstolo Pítsica em 26 jul.1995.

<sup>279</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 10.

Sua amiga e acadêmica Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, recordando esta sua aversão à velhice, diz: "*Maura, a intemporal que lutou sempre contra o tempo, se escondendo numa bela foto dos vinte anos, mesmo ao atingir a terceira idade. Ela não morreu! Está encantada no seu reino, País do Rosamor*".<sup>280</sup> Também Carlos Ronaldo Schmidt diz: Maura "*nunca teve aptidão para a velhice. O corpo ia se desgastando pelo tempo, mas o espírito recriava-se a cada momento*".<sup>281</sup> E Maura lamenta a impotência do homem em dominar o tempo:

**"...Entanto o homem pode  
tornar a terra árida um vergel  
multiplicar os pães e os peixes os frutos e os manjares  
navegar pelo cosmos indo além de Canopus e de Antares  
e matar os deuses  
que em seu temor criou  
Pode até mesmo - vencendo virus  
e penares - pode ampliar  
a dimensão da vida  
(da vida: nosso bem, alento nosso)  
mas sequer tocar a asa do tempo  
ai! o homem não pode".<sup>282</sup>**

Maura chega ao final de sua vida deixando transparecer uma mágoa, talvez a mesma mágoa que ela sentiu fluir do seu livro **Andarilha da Madrugada** e que por este motivo é destruído. Este sentimento, em certa ocasião, é explicado por ela como resultado das inúmeras resistências que ela foi amalhando pelo caminho<sup>283</sup>. É compreensível que reações a ela tenham ocorrido, pois é bastante comum que uma pessoa participante e que expõe idéias inovadoras, sofra restrições e seja até mesmo alvo de críticas. Essas manifestações contrárias ocorrem em diversos períodos de sua vida mas, talvez por estar na velhice, período em que a pessoa se encontra mais fragilizada, estas oposições se mostram mais poderosas.

<sup>280</sup> CUNHA, Sílvia Amélia Carneiro da. op. cit., p.133.

<sup>281</sup> SCHMIDT, Carlos Ronaldo. op. cit., 1992, p. 137.

<sup>282</sup> PEREIRA, Maura de Senna. **Despoemas**. Rio de Janeiro : Achiamé, c1980. p. 14.

<sup>283</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 10.

Marina Maluf em sua análise da vida de duas mulheres da elite cafeeira de São Paulo no final do século passado, registra que o mesmo parece ter acontecido com Floriza Barbosa Ferraz, quando ela constata que ao *"se aproximarem do final, suas lembranças vão se tornando pesadas e se encerram melancolicamente com o arrendamento da Fazenda do Engenho..."*<sup>284</sup> O sentimento de revolta e nostalgia encontrado em Floriza também pode ser sentido em Maura, no final de sua vida. Talvez a nostalgia dos tempos em que ela ainda acreditava que podia contribuir para a transformação deste mundo e que ao final, sente que não conseguiu realizar, assim como o sentimento natural que acompanha a velhice quando se começa a perceber que se está "saindo de cena" e que outras pessoas ocuparão o nosso espaço, lutarão as nossas lutas:

**"... e nem sequer plantei as campânulas vermelhas  
para doá-las em festa aos que deixam as prisões!  
quanto mais quanto mais as magnólias acesas  
para iluminar as multidões!  
e eu que vivo clamando  
liberdade! liberdade! para todas as gentes  
nem sequer a mim própria libertei  
(que heranças são estas que vincaram estas manchas  
de algemas nos pulsos  
e correntes nos pés  
não me deixando derrubar com os companheiros  
as barreiras que impedem  
a ventura/ aventura  
de viver?)..."**<sup>285</sup>

Maura morre em 21 de janeiro de 1992, com 88 anos, no Rio de Janeiro, de atrofia cerebral e septicemia.

**" Meu canto / meu pranto não vem  
de tão cedo estar próxima do fim  
após ter visto a aldeia toda perecer.  
Vem de ter sido a mulher só  
e saber que em mim os corvos em breve pousarão  
e meus cabelos perdidos**

<sup>284</sup> MALUF, Marina, op. cit., p.33.

<sup>285</sup> PEREIRA., Maura de Senna. Poema do pré-retorno. In: -----. Busco a palavra, op. cit., p. 183.

**com suas asas lúgubres se confundirão.  
 Eles abrirão as minhas veias com aidez  
 deixarão meus membros descarnados  
 e servirá apenas de frio e minguado alimento  
 o cérebro que ardeu em sonhos e visões  
 e meus olhos abertos e parados.  
 O coração - que viveu milênios de ternura -  
 será rapidamente consumido.  
 Mas quando chegar a vez de devorar meu ventre  
 os bicos sangrando pararão.  
 Cheios de um novo apetite  
 darão início a outro lauto festim.  
 E sobre meu ventre imolado e morto  
 - morto e jorrando vida -  
 sobre meu ventre os corvos procriarão".<sup>286</sup>**

Tanto por suas ações como em suas obras, ela inspirou reflexões, comportamentos e inspirou também, homenagens. Sua obra circulou por vários espaços.

Dessa forma, Domingos Paschoal Cegalla, na obra "Hora da comunicação"<sup>287</sup>, livro didático para a 5. série do primeiro grau, inclui poemas seus, assim como "Histórias para a menininha" foi um poema que foi musicado por Laura Onofri de Figueiredo e cujas partituras estão arquivadas no Arquivo da Academia Catarinense de Letras.

Maura também foi personagens de livros e crônicas. O livro de Francisco José Pereira, "As duas mortes de Crispim Mira"<sup>288</sup> traz Maura desempenhando o papel de jornalista do jornal "Folha Nova", no período que coincidiu com o assassinato de Crispim Mira. Também Flávio José Cardozo, em "Senhora do meu Destêrro", escreve crônica lembrando o encantamento que a obra de Maura lhe suscita: *"Ontem olhei a manhã e disse: bela manhã para reler Maura de Senna Pereira. Pois passamos, sei lá, três horas juntos. E a impressão*

<sup>286</sup> id. Antevisão. In: -----, A driade e os dardos, op. cit., p. 95.

<sup>287</sup> CEGALLA, Domingos Paschoal. **Hora da comunicação**, 5. série. São Paulo: Cia Ed. Nacional, [19--] p.16 e 132

<sup>288</sup> PEREIRA, Francisco José. **As duas mortes de Crispim Mira**. Florianópolis: Lunardelli, 1992. 155p.

*foi a de sempre, a de descoberta. A poesia dessa mulher é uma fonte de água que enfeitiça - cada vez é uma vez - e a ela, claro, voltarei mais vezes".*<sup>289</sup>

A repercussão que sua obra alcançou em Santa Catarina, sempre lhe trouxe alegrias. Por exemplo, saber que seu livro **A dríade e os dardos** era usado como livro didático em 1979, pelo professor Glauco Correa da Universidade Federal de Santa Catarina, para o curso de Letras, foi motivo de muito contentamento.

É possível dizer que a repercussão de sua obra não se restringiu ao Brasil. Também circulou em outros países. A professora Teresinka Pereira, da Universidade do Colorado, Estados Unidos, incluiu em diversos números do boletim "International Poetry" que aquela universidade publicava, poemas de Maura, assim como, nesse mesmo boletim, foi publicado a tradução para o inglês, de seu livro **Cantiga de Amiga**. Também foi convidada à colaborar com diversas revistas de países da América do Sul, e como ilustração, poderíamos citar sua colaboração para a revista "Chile", editada pelo Ministério das Relações Exteriores daquele país<sup>290</sup>.

Maura também recebeu muitas homenagens durante sua vida. Uma delas foi a que os governadores Celso Ramos e Ivo Silveira lhe prestaram, dando à Escola Básica, do município de Pinheiro Preto, o seu nome. Também em julho de 1974, a cidade de Itajaí faz o II Festival de Inverno em que os homenageados são Maura de Senna Pereira e Marcos Konder.

Maura recebe a Medalha do Mérito "Anita Garibaldi", em 1986 e se sente extremamente orgulhosa dessa homenagem. Em carta a seu amigo Nereu Correa, Maura também confessa-se feliz por ter recebido da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, pedido de uma plaqueta para ser anexada ao seu acervo.<sup>291</sup>

<sup>289</sup> CARDOZO, Flávio José. **Senhora do meu Destêrro**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Lunardelli, 1991. p. 45 - 7.

<sup>290</sup> Carta- convite endereçada à Maura, em 02 set. 1928 pelo Consulado do Chile. (Arquivo ACL)

<sup>291</sup> Informações obtidas em documentos armazenados no Arquivo ACL.

Foram inúmeros os artigos e poemas encontrados nos jornais, revistas e livros escritos por diversas pessoas em sua homenagem. Poderíamos assim, citar muitos outros espaços pelos quais Maura se expandiu, mas a intenção não é esgotar o assunto. O importante é perceber que ela ultrapassou com suas ações e pensamentos, o espaço que lhe estava destinado.

### CAPÍTULO 3 - QUANDO UM PENSAMENTO QUER SER CANTO

*"Com o leite das ovelhas  
por leão apascentadas  
doze filhos vou criar".*

O ambiente tradicional de Florianópolis, nas primeiras décadas deste século e a cidade do Rio de Janeiro, posteriormente, parecem ter sido elementos importantes para formar a "visão de mundo" de Maura.<sup>292</sup>

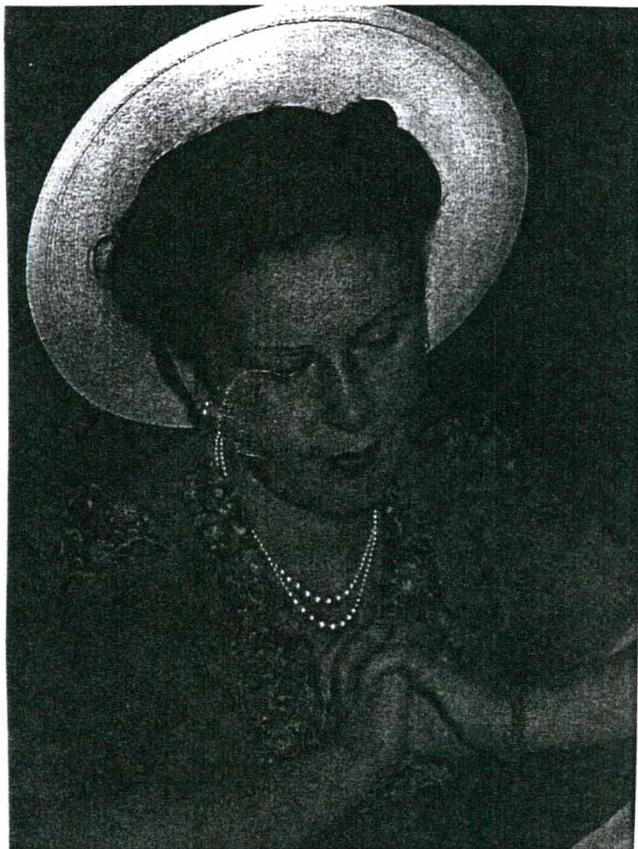
Estes dois ambientes, que fisicamente até se assemelham, de cidades litorâneas onde predominava a atividade comercial, diferiam extremamente entre si no que se refere ao aspecto social. Enquanto Florianópolis pressionava as pessoas a terem um comportamento-padrão mais tradicional, típico das cidades pequenas, o Rio de Janeiro representava um espaço cosmopolita e portanto, mais receptivo para inovações. Foram estes os cenários de sua vida e neles forjou sua visão de mundo.

Na tentativa de perceber quem foi Maura de Senna Pereira, se faz necessário verificar os pontos de aproximação que teve durante a vida, ou, como diz Miriam Moreira Leite, procurar quem são os "nós" e quem são os "outros" nos diferentes momentos de sua vida.<sup>293</sup>

---

<sup>292</sup> Entendemos "visão de mundo" na perspectiva de Clifford Geertz, como o quadro que a pessoa elabora das coisas como elas são na realidade. É o seu conceito de natureza, da sociedade e mesmo de si. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978. p. 144.

<sup>293</sup> LEITE, Miriam Moreira, op. cit., p. 102.



Uma palavra recorrente na obra de Maura é "amor".<sup>294</sup> Ele aparece em diferentes textos seus de maneira contundente. Demonstra amor a tudo que a rodeia e isto a aproxima das pessoas, do universo. Constroi-se como a mulher amorosa na busca pelo amado que a complementarás mas também, como o espírito solidário com o gênero humano. Mesmo sabendo que a humanidade sempre viveu num sistema

marcado por divisões radicais no interior das sociedades, seus escritos denotam que ela não aceita esta situação.

Percebe que a humanidade está fragmentada em grupos de acordo com seus interesses, em que uns oprimem os outros, sujeitando-os a um tipo de subordinação que pode ser tanto social, como econômica ou cultural. A conscientização da condição de subordinação das mulheres, dos negros e dos pobres no contexto social, torna-se nodal em sua vida, levando-a a lutar, cada vez mais, pela liberdade do ser humano face a outro que o subjuga. Talvez esta conscientização lhe tenha sido facilitada pela leitura de autores com preocupações sociais, como por exemplo, Maria Lacerda de Moura e Alexandra Kollontai<sup>295</sup> pelas quais Maura se confessou bastante influenciada.

<sup>294</sup> Ver: JUNKES, Lauro. Do enraizamento telúrico à comunhão social. In: PEREIRA, Maura de Senna, op. cit., 1985a, p. 14 e seguintes.

<sup>295</sup> Maura confessa a grande influência que recebeu dessas autoras, especialmente de "**Religião do amor e da beleza**" de Maria Lacerda de Moura, e "**A nova mulher e a moral sexual**" de Alexandra Kollontai. São Paulo : Global, c1978. Ver: PEREIRA, Maura de Senna. op. cit.. 1976, p. 57.

Sua crença maior é em uma sociedade igualitária e isso lhe serve de motivação para lutar pela elevação da humanidade como um todo, sem diferença de nacionalidades, gêneros ou raças. Esta fraternidade se objetivaria num mundo solidário, sem os resquícios dos tempos passados em que vicejavam o sangue e o desamor e onde a Terra - "dália azul perfeita" - abrigaria o ser humano já liberto de todas as formas de opressão.

Por este sonho de fraternidade, Maura vai pugnar durante toda a sua vida e acreditando ser a literatura aquilo que é descrito por Sevcenko como uma força poderosa que tem o poder de modelar simbolicamente o mundo,<sup>296</sup> opta por esse veículo para divulgar e sensibilizar as pessoas à aderirem ao seu ideal. Essa contribuição da literatura para a representação que se faz do mundo também é evidenciada por Maria Teresa Santos Cunha quando afirma em seu trabalho "Educação e sedução" que a subjetividade das mulheres também foi construída através de práticas de leituras, contribuindo para que elas tivessem uma certa visão de si mesmas e do mundo.<sup>297</sup>

Sua arte, que nunca permaneceu indiferente às pulsões do mundo, é uma arte comprometida com o seu tempo e com a verdade, pois *"a arte, como eu compreendo e sinto, deve espelhar a verdade nua, casta e linda"*.<sup>298</sup> É preciso compreender que ela entende a verdade como algo absoluto e, portanto, inquestionável. O que ela procurava mesmo, era fazer com que a "sua" verdade, que acreditava correta, passasse a ser também a verdade dos outros.

<sup>296</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 233.

<sup>297</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos Cunha. **Educação e sedução**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1995. p. 28 e 242.

<sup>298</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Negas. **República**, Florianópolis, v.1, n.62, 12 dez. 1926. p.2.

Talvez influenciada pelos intelectuais do final do século XIX, Maura vai apresentar uma literatura engajada.<sup>299</sup> Só que este engajamento é no sentido de uma mudança individual e íntima de cada pessoa que culminaria na transformação da sociedade em algo mais aperfeiçoado e melhor - aí vê-se que além de romântica e idealista, sua proposta tem um sentido evolucionista e também individualista, já que considera o indivíduo como parte essencial.

Esta arte engajada, comprometida com a transformação da sociedade, com a verdade e com o seu tempo teve "um fazer" que foi por ela assim descrito: "*Meus poemas nascem quando um pensamento quer ser canto (...) O pensamento me persegue e o canto se forja na mente. Quando ele aparece escrito, já estava pronto. Não há propriamente momento especial. Há períodos de explosão, outros de esterilidade. E há os cadernos e cadernos perdidos, já que só existiram em meu cérebro*".<sup>300</sup>

Uma seleção das temáticas recorrentes em suas obras foi necessária para que encontrássemos os pontos de aproximação que Maura teve em sua vida, tais como, a preocupação com a situação social das mulheres, a fraternidade universal, a natureza.

## 1. O desencantamento de Eva

Maura de Senna Pereira foi jornalista, poetisa e intelectual. Além de ter constante preocupação com a condição feminina, foi considerada sobretudo uma feminista<sup>301</sup>, pois além

<sup>299</sup> Esses intelectuais, chamados por Sevcenko de "mosqueteiros intelectuais" eram engajados numa proposta de transformação social destinada a mudar radicalmente a feição do Brasil do final do século passado. Ver: SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p.78.

<sup>300</sup> Entrevista concedida a Miguel Jorge. **Suplemento Cultural**, Goiânia, 31 dez. 1978. p. 2.

<sup>301</sup> Os jornais da época estão constantemente se reportando à sua pessoa, com expressões como: "idealista da causa das mulheres", "feminista", "pioneira do feminismo catarinense" e outros.

de se ocupar com assuntos que diziam respeito às mulheres enquanto cidadãs e donas-de-casa, estava também preocupada em mudar o papel de subordinação reservado a elas na sociedade, assim como o tipo de relação entre homens e mulheres.<sup>302</sup> Nesse sentido, consciente da subordinação feminina, utiliza seus escritos para tentar mudar essa situação tão fortemente entranhada na sociedade. Não se restringiu aos papéis que a sociedade da época lhe impunha. Ultrapassou esses limites, foi além. O discurso vigente delegava às mulheres o papel de coadjuvante do homem, não valorizando a trabalhadora, mas somente aqueles papéis que representava sob a tutela masculina.

Pelo estudo de Joana Maria Pedro<sup>303</sup>, pode-se depreender que as mulheres das classes mais humildes sempre exerceram atividades que lhes permitiam a sobrevivência, desenvolvendo funções de modistas, datilógrafas, lavadeiras, etc. Entretanto, à mulher burguesa ainda eram reservados os estereótipos tradicionais de mãe e esposa. Estes papéis normativos lhes eram repassados por muitos meios, mas principalmente através da literatura e da imprensa "perpetuadora de hábitos e costumes":

**"Nas páginas internas dos jornais, eram reproduzidas imagens idealizadas de mulheres onde se explicitavam formas que deveriam ser assumidas, bem como aquelas que deveriam ser evitadas, constituindo-se, estes jornais, em instrumentos normatizadores de conduta".<sup>304</sup>**

Desde o final do século passado, muitas mulheres já desempenhavam atividades profissionais, mas os jornais continuavam com o discurso tradicional. Foi somente em 1918 que surgiu o primeiro jornal feminino de Florianópolis, o "Pena, Agulha e Colher", que apesar

<sup>302</sup> SINGER, Paul. O feminino e o feminismo, In: SINGER, Paul, BRANT, Vinicius C. **São Paulo: o povo em movimento**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 109-139.

<sup>303</sup> PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas**. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992. 294p.

<sup>304</sup> id. *ibid.* p. 36.

de ser feito por mulheres, conservou o vício de destinar à elas os papéis tradicionalmente desempenhados, reproduzindo os estigmas até então imaculados. Na realidade, não era a perpetuação de um vício, mas a manifestação de um discurso tão perfeitamente introjetado e captado pelas mulheres, que não conseguiram perceber a relação de dominação que esses discursos traziam:

**"... bem sei que o lugar da mulher é o lar, e que sua energia deve ser gasta, primeiramente, nos trabalhos domésticos, para que gozem todo o bem estar possível os membros de sua família; porém se ela, sem deixar de cumprir seus deveres de esposa, mãe ou filha, puder dedicar-se a trabalhos intelectuais, por que não fazer? "**<sup>305</sup>

Maura vai, através da imprensa, proclamar novos caminhos para as mulheres e, principalmente, mostrar que será através da educação que essa possibilidade poderá se efetivar, enfatizando sempre que será pelo exercício de uma profissão que as mulheres conseguirão sua emancipação. Sua crença na educação das mulheres não se restringe ao argumento de que é necessária para que possam mais conscientemente educar seus filhos. Vai mais além, é no sentido de instrumentalizá-las para o exercício de uma profissão. Sua confiança na educação, como meio de transformação feminina, tem um sentido utilitário, através do qual as mulheres não mais se restringiriam ao papel de mãe e esposa, e sim, poderiam desempenhar novos papéis na sociedade e conseqüentemente ter uma maior independência em relação ao marido, pai ou irmão.<sup>306</sup>

<sup>305</sup> Pena, Agulha e Colher apud PEDRO, Joana Maria, op. cit., 1992, p. 152.

<sup>306</sup> Como já afirmamos anteriormente, apesar da educação feminina ter sido primeiramente reivindicada pelos iluministas, diversos teóricos têm considerado ser esta uma das primeiras solicitações das feministas brasileiras como Nísia Floresta, Ercília Nogueira Cobra e outras. Assim sendo, Maura está em consonância com o pensamento de Nísia Floresta que já em 1822 começa a pregar a necessidade de educação. Até mesmo este sentido utilitarista de Maura pode ser encontrado em Nísia Floresta. Para maiores esclarecimentos sobre o pensamento desta feminista, ver: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo : Cortez ; Brasília: INEP, 1989. 164p e **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo : Cortez, 1989.

Este argumento talvez se baseasse em sua própria experiência de vida, pois quando seu pai morre, deixa sua mãe com dez filhos e sem nenhuma qualificação profissional que lhe possibilitasse garantir o sustento da família. Dessa forma, Maura não se limita a escrever sobre a importância da educação e do trabalho feminino, mas age nesse sentido. Assim, por exemplo, ela faz uma doação de vinte exemplares do livro "Aprendendo a costurar" para o orfanato Pedro Richard, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro<sup>307</sup>, mostrando sua preocupação em oferecer às mulheres da camada proletária, instrumental capaz de torná-las aptas a ingressar no mercado de trabalho. Mas, é preciso notar que, ao mesmo tempo em que incentiva essas mulheres a terem um ofício, ela tenta lhes proporcionar uma profissão dita "feminina" - a costura, mostrando dessa forma como Maura ainda estava impregnada das divisões tradicionais dos papéis masculinos e femininos.

Em uma sociedade em que as mulheres burguesas estavam predestinadas a serem somente mães e esposas, ela percebe a existência de um possível campo profissional para as mulheres fora do âmbito familiar.

Diante dessas novas possibilidades, sugere outros modelos que poderiam ser seguidos. Para Maura, a educação seria o meio através do qual as mulheres conseguiriam ficar em posição de igualdade em relação ao homem.

Na tentativa de expor seu pensamento, que indicava novos caminhos para as mulheres que se aprimorassem intelectualmente, escreve em maio de 1925, no jornal "O Elegante", o que se constitui, talvez, no primeiro artigo feminista escrito em Florianópolis, justamente na seção do jornal intitulada: "Feminismo":

---

<sup>307</sup> Informações colhidas de recortes sem informações bibliográficas de 08 fev.1958. (Arquivo ACL)



" Nestes últimos tempos, com especialidade, muito se ha pregado uma profissão para a mulher. Que ella se não dedique exclusivamente - á aprendizagem de encargos domesticos e prendas essencialmente feminis. E o que é mais: que não viva unicamente a cuidar de si, para apparecer bem, bem mascarada, á força de rouge, carmin e crayon, vivendo a vida material das futilidades e do coquettismo, das mentiras de salão, cuidando das modas e de flirt, em busca do marido rico, de invejável posição social, a quem levanamente entregará o coração e a vida, sem a menor reflexão, quasi sempre sem amor, e que lhe assegurará a mesma existência cômoda e chic.

Não é a primeira vês que uma mulher enxerga esse principio ruim cumprido tão fielmente pela maioria do mundo feminino, nem é a primeira vês que o declara.

O que a mim me parece, porém, é que, absolutamente, não é desnecessario que mais uma voz se levante e clame contra esse mal de educação, infelizmente tão generalizado.

Página em que é publicada pela primeira vez, a seção "Feminismo"

É mesmo necessário que o faça, é mesmo necessario que vozes inúmeras se façam ouvir neste momento, para a regeneração social, para o bem do lar e das gerações, para a felicidade da mulher. É pensando assim que componho este artigo, com toda a minha franqueza e lealdade.

A mulher necessita - está claro - de dar um novo rumo á sua vida. Necessita de instrução. Já vae perdendo a graça e os adeptos, já está caindo da moda o velho conceito, com certos ares de presumpção, por alguns representantes do sexo opposto: "A mulher precisa, só e exclusivamente, de saber ser boa dona de casa". Isso não basta! É iniquo, é duro, é absurdo!

Quando solteira, precisando manter-se, que será da mulher, si ella, tão somente, sabe ser boa dona de casa?

E quando casada, quando por uma dessas infelicidades tão comuns, o marido perde o emprego, justa ou injustamente, adocece, ou fica inutilizado, que será do seu lar, "dos filhos da sua alma", si ella os não amparar, "pondo-os a salvo da miséria com a sua profissão? "

E quando inviuva, sem arrimo, falta de recursos, carregada de filhos?

Em qualquer circunstância, enfim, em que lhe falte apoio do pae ou do esposo, ou que lhe não baste esse apoio material - como tão frequentemente succede - si não tiver ella aptidões que lhe permittam ganhar honesta e independentemente a sua vida, prover a sua manutenção e salvaguardar da miséria, do frio, da fome, do vício, da nudês, os queridos entes a quem tem a

enorme e sagrada responsabilidade de alimentar, vestir e proteger - será forçoso optar: ou ser parasita, sofrer dependência, ou ... esquecer-se da honra!

Como eu quizera, como desejára que todas as mulheres se levantassem, se unissem, para a real effectivação do bello sonho: buscar a felicidade no aproveitamento, do tempo, na educação das faculdades, no trabalho.

E é mesmo muito, muito preciso o soerguimento feminino para esse surto reparador, porque o homem - creio-o convictamente - não faz nada pela mulher.

Doa que falam em favor della e do seu progresso, muito poucos o fazem com sinceridade e convicção, olhando com *sympatia* para a causa tão nobre e tão justa "da mais casta e da mais sacrificada metade do genero humano".

A maioria - é por galanteio, lisonja, para agradar aquella que nasceu para o seu prazer, que precisa de mimos, esse ente inferior na inteligência, incapaz de pensar, incapaz duma iniciativa mais forte e mais viril, para o qual olha com olhos de superioridade.

Outros deixam escapar sobre a mulher, expressões dúbias, opiniões humorísticas, engraçadas, irônicas, de causar nojo e indignação.

Outros ainda, sem rebuços, muito ás claras, manifestam-se formalmente contra todo e qualquer progresso intellectual feminino.

Há bem poucos dias, conversando com um distincto rapaz da sociedade, em abono do meu sonho delicioso de mulher que sente e deseja o melhoramento do seu sexo, abordando, pois, o assumpto óra em fôco, expuz-lhe, em traços geraes, resumidamente, o que acabo de escrever para as minhas conterrâneas.

Concordou, ou pareceu concordar, mas ... acabou dizendo que a mulher, na hora horrorosa, critica da necessidade, "trabalhe em doces ou na costura".

É alarmante!

Precisamos, portanto, de reagir, companheiras! Formemos, catharinenses, uma tenda de trabalho, de abnegação, de amor, de desenvolvimento moral, de intellectualidade. Rompamos com os prejuízos e volvamos nossas vidas para o porvir, companheiras! ".<sup>308</sup>

Neste texto, é preciso perceber a contradição que Maura apresenta. No início do artigo, ao se referir às "prendas feminis" ela está aceitando o discurso tradicional em que as esferas de ação de cada sexo são definidas e onde o espaço doméstico era essencialmente feminino mas, ao mesmo tempo, já no final do texto, ela se mostra indignada com seu interlocutor quando ele aceita que as mulheres que necessitem trabalhar, o possam fazer em officios ditos "femininos" como a costura e a confeitaria.

Essa postura de Maura nos leva a inferir que apesar de fazer diversas reivindicações no sentido das mulheres ocuparem espaços considerados "masculinos", ela continua aceitando a esfera doméstica como própria das mulheres.

<sup>308</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Volvamos nossas vistas para o porvir. *O Elegante*, Florianópolis, v.2, n.11, 31 maio 1925. p.1-2.

Para se entender um pouco essas contradições de Maura, é preciso vê-la com os olhos do seu tempo e ter em mente que o discurso feminista estava se iniciando no Brasil àquela época, e que somente muito tempo depois é que esse discurso começa a pregar que não existe uma esfera própria para cada sexo, mas sim, que esta divisão é cultural e que portanto pode e deve ser modificada.

Diante de uma nova possibilidade, a da emancipação feminina, discute uma prática bastante comum para a época, a do casamento por necessidade,<sup>309</sup> ou seja, o costume das mulheres de procurar um "bom partido" e a ele entregar toda sua vida (já que a possibilidade de resistência era muito restrita) visto que outra opção de vida para elas, praticamente não existia:

**"... Quer então que a mulher se baste a si mesma? Oh! Sim. Este é o desiderato maximo da nossa campanha. Em o attingindo, a mulher se terá reintegrado no seu proprio valor e a influência benefica dessa conquista, ella a conduzirá, generosa e serena, à primeira instituição social, o casamento que se fará então pela necessidade da alma, do amor verdadeiro e não por interesses commerciaes que o aviltam e degradam".**<sup>310</sup>

A opção apontada por ela foi a do casamento por amor, pois eis que tendo as mulheres condições de existência autônoma, buscariam no relacionamento um companheiro, uma pessoa para compartilhar a vida e não fariam escolha pautada em interesses materiais. É interessante perceber que embora desejasse conscientizar as mulheres da necessidade de trabalho, ela mantém uma atitude romântica, típica da época, o casamento por amor.

O amor é, aliás, um tema muito forte em Maura. Poder-se-ia dizer que, sob esse tema, submetem-se todos os seus textos. Tudo é amor: à vida, ao próximo, à humanidade, aos oprimidos, às artes, aos artistas, à natureza e também ao ser amado.

<sup>309</sup> Este conceito também foi partilhado com outras feministas como Júlia Lopes de Almeida e Ercília Nogueira Cobra que censuravam o casamento por interesse. Ver: MOTT, Maria Lúcia de Barros, op. cit., p. 93.

<sup>310</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Os surtos de feminismo em Santa Catharina. **República**, Florianópolis, v.1, n. 37, 12 nov. 1926. p.4.

Examinando-se os textos anteriores ao seu primeiro casamento, verifica-se que Maura tem uma visão romântica e lírica do amor, em que predomina a glorificação desse sentimento, muito mais do que a exaltação da relação:

**"Não sei onde, mas sei que, um dia, eu li ó Amor que não vieste, ó Amor que virás, que as almas são criadas aos pares, ao sopro onnipotente, e derramadas depois pela amplitude universal, para que animem as cousas e os seres alcancem a Perfeição; conhecendo as escalas maravilhosas do Amor, que é Verdade a noivar com o nosso sonho eterno... Segundo uma irreprimível lei e na posse do iman primitivo e fatal, cada alma attrae, advinha o seu par triunfando com elle na apothese da mutua adoração..."**<sup>311</sup>

E entrega-se por inteiro a este sentimento e neste arrebatamento a emoção ultrapassa a razão. Aqui é preciso perceber como seu pensamento torna-se contraditório pois, ao mesmo tempo que esse sentimento amoroso a escraviza, ela prega maior liberdade para as mulheres. Assim, vemos suas emoções encapsulando seu discurso feminista:

**"Então achei que era pouco enfeitar-me como mulher para aguardar a tua chegada triunfal e enfeitei-me também de poesia e arte. Adivinhei todo o nosso romance e cantei-o como uma cigarra predestinada! E aqui estou, cantando ainda, cantando sempre, humilde e soberana, preferindo a gloria inenarrável do teu amor a ser rainha da terra!"**<sup>312</sup>

Em outro texto, explicita ainda mais esse embate coração/mente e, deslumbrada pela descoberta do amor, reforça esta submissão ao ser amado, típica do romantismo da época e tão combatido pelo feminismo:

**"... a minha paixão canta como as cachoeiras sonoras da minha terra! A minha paixão é por tí, pela tua força e pela tua coragem, pela tua estatura olimpica de um deus antigo, pelo teu idealismo elevado de condor e pela tua ternura de todas as horas á graça que vive em mim, meu dono e meu rei..."**<sup>313</sup>

É interessante observar que, ao mesmo tempo em que luta por uma mudança na situação de subordinação das mulheres ante à sociedade, escreve textos como os acima citados, em que ela mesma se subordina ao homem amado. Parece crer que a nobreza do amor

<sup>311</sup> id. Então eu pensei em ti. **República**, Florianópolis, v.1, n.143, 20 mar. 1927. p. 3

<sup>312</sup> id. Eu sabia. **República**, Florianópolis, v.1, n. 341, 05 dez. 1931. p.1.

<sup>313</sup> id. No parque das almas. **República**, Florianópolis, v.1, n. 253, 23 ago. 1931. p. 3.

tornaria esta subordinação mais nobre, e portanto, mais aceitável. Seria, talvez, uma subordinação voluntária e por isso mais enobrecedora? Ou, reafirma uma característica romântica tão típica dos discursos da época?

Textos posteriores, já na década de 80, portanto na velhice, vão mostrar uma visão mais realista do amor, em que Maura vê este sentimento não mais como uma relação desigual, de um lado o dominador e do outro o dominado mas, como um sentimento pautado no respeito mútuo às diferenças. Note-se que ela vê o amor não como uma concordância total e absoluta com o outro, não como uma inexistência de diferenças, mas como a descoberta de que por trás das diferenças existe uma comunhão de almas e de valores a serem compartilhados:

**" Em verdade te digo que não foi naquela hora que te pertenci:  
quando me tomaste nos teus braços poderosos  
e me tiveste sob teus beijos e tua respiração.  
Em verdade te digo que não foi naquela hora  
mas quando, diante do teu, surgiu meu espírito livre e novo**

**de rebento inquieto deste século  
e descobrimos todas as comunhões das nossas almas.  
Quando conheceste as minhas derrotas  
e disseste que eram triunfos.  
Quando viste pulsar meu coração nu  
e o festejaste.  
Quando soubeste que nem sempre  
os teus pensamentos são os meus pensamentos  
nem os teus caminhos são os meus caminhos.**

**Mas o amor brilhou como nunca em tua face  
e me surpreendeste com a torrente de palavras de que eu tinha sede  
desde a minha primeira hora consciente.  
Foi quando te pertenci".<sup>314</sup>**

A consciência de que o trabalho era o meio viabilizador da emancipação feminina não tira de Maura a percepção do estado de exploração do trabalho feminino, que estava transformando as trabalhadoras brasileiras em mão-de-obra barata. Essa era uma preocupação

<sup>314</sup> id. Em verdade te digo. In: -----, *Sete poemas de amor*, op. cit., p.3.

constante das feministas da época e continua sendo tema de discussões feministas atuais, tanto que Nancy Saporta Sternbach em recente artigo relaciona este item como uma das metas eleitas durante o Encontro Feminista realizado em Bogotá em 1981, para ser trabalhada nos próximos anos.<sup>315</sup> Dentro dessa preocupação com a exploração do trabalho feminino, Maura denuncia o preconceito existente na sociedade contra as mulheres, também no que se refere a diferença de remuneração entre os trabalhos executados por homens e mulheres.

**"Mas convenhamos, no commercio, no magisterio, nas fabricas, não é verdade que a mulher obtem remuneração material inferior á que recebe o homem? Não é verdade que as leis sociais, estabelecidas e elaboradas pelos homens, exigem muito da mulher (cumpri-las com orgulho, expontaneamente, é o nosso dever) enquanto concedem ao homem a maior e mais ampla liberdade?"<sup>316</sup>**

Nesse início de século, época em que a responsabilidade pela felicidade da família ainda era toda colocada nas mãos das mães, onde o lar era o refúgio para as vicissitudes do mundo, as mulheres ainda eram consideradas como "rainhas do lar", pois tinham por finalidade última de sua existência o bom funcionamento de suas casas. Essa sacralização do espaço doméstico, tendo como figura central a mãe, dificultou tremendamente, até mesmo entre as mulheres, uma discussão sobre o assunto. Sendo o lar a sua única área de atuação por muitos séculos, as mulheres já haviam assimilado de tal forma o seu papel na sociedade que era muito difícil naquela época, questionar sobre a possibilidade de divisão das tarefas domésticos.

Pode-se verificar que, ao mesmo tempo em que Maura incentiva as mulheres a ultrapassar a esfera privada e a transitar pelos espaços públicos, educando-se e trabalhando, ela não se preocupa com o acúmulo de tarefas que passaram a recair sobre as mulheres, já que os trabalhos domésticos continuaram sob sua responsabilidade (é bom lembrar que Maura

<sup>315</sup> Também Branca Moreira Alves nos mostra como as militantes sufragistas tiveram preocupação em defender os interesses das mulheres trabalhadoras, denunciando o estado de exploração delas quando ingressavam no mercado de trabalho. Ver: ALVES, Branca Moreira, **Ideologia e feminismo**. Petrópolis : Vozes, 1980. p. 156-7. Ver também: STERNBACH, Nancy Saporta et al. **Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo**. Rio de Janeiro, **Estudos Feministas**, v.2, n.2, 1994. p. 268.

<sup>316</sup> PEREIRA, Maura de Senna. *Libertas mulieris*, op. cit., p.5.

continuava achando que a esfera doméstica era própria das mulheres). Dessa forma, a divisão das tarefas domésticas não estava sendo ventilada. Essa atitude dela se coadunava com a atitude das sufragistas brasileiras, que de certa maneira já tinham introjetado tão plenamente a mística feminina, que continuaram a reproduzi-la. É preciso também levar em consideração que, assim como as sufragistas, ela sabia que uma proposta de mudança muito radical nos papéis tradicionais dos sexos inviabilizaria toda e qualquer mudança com referência às relações de gênero no país, fazendo com que estas precisassem constantemente reafirmar sua profissão de fé na importância dos papéis tradicionais femininos, enquanto estava se processando a luta para a obtenção do voto feminino no Brasil.<sup>317</sup>

Dentro desse feminismo mais conciliatório, Maura vai procurar, então, uma valorização dos trabalhos domésticos. Dessa forma, não pleiteia a divisão das tarefas domésticas entre o casal, e sim que o homem reconheça nos trabalhos domésticos um valor que simbolicamente ele não tem.<sup>318</sup>

Nesse sentido, em crônica no jornal *Gazeta de Notícias* dirá se referindo ao trabalho da dona-de-casa:

**"Assim, ela jamais trabalhou fora, jamais trouxe dinheiro para dentro de casa, mas não deixou sair uma boa parte do dinheiro que entrava, o qual não raro ajudou a ganhar. Fêz prodígios de economia, arrojada ginástica com os cruzeiros reduzidos dos tempos difíceis, sacrifícios de tôda ordem.**

**- Minha senhora nunca trabalhou - afirma, no entanto, o homem categórico, importante, sarcástico, tôda vez que falam, na sua presença, em mulheres casadas que têm emprêgo.**

**Nunca trabalhou? Pois sim".**<sup>319</sup>

Procurando valorizar o trabalho doméstico, publica ainda, diversos artigos sobre os problemas das donas-de-casa, assim como divulga a Comissão Feminina contra a Carestia.<sup>320</sup>

<sup>317</sup> ALVES, Branca Moreira. op. cit., p. 145.

<sup>318</sup> PEREIRA. Maura de Senna. *Dolce fãr niente. Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, [19--]. (Arquivo ACL)

<sup>319</sup> id. *ibid.*

<sup>320</sup> id. *Aúltima audiência e Problemas atuais das donas de casa* (sem informações bibliográficas) (Arquivo ACL)

Uma certa ambiguidade pode ser detectada neste sentido, pois apesar de Maura não ter se pronunciado contra o aprisionamento ao lar que a responsabilidade exclusiva pelos trabalhos domésticos acarretou às mulheres, é preciso inferir que ela "sentiu" este aprisionamento, visto que, em sua vida privada, não se prendeu a estas tarefas<sup>321</sup>.

Como se afirmou anteriormente, pautou sua vida por uma luta para que as mulheres ocupassem novos espaços na sociedade, para que elas não se restringissem a uma atuação somente nos trabalhos "ditos" femininos, embora sem romper com a responsabilidade exclusiva das mulheres pelos trabalhos no lar. Isso fica bem patente no poema abaixo, onde ela versifica sobre mulher que sai para o espaço público da mesma forma que o homem mas que, volta rápido para transformar a casa num ambiente agradável e estar disponível e bela para seu amado, selando este espaço doméstico como área de atuação das mulheres:

**"Sairei pela manhã clara em busca do pensamento do mundo  
Irei até às searas e às trepidantes fábricas  
e verei o operário mover êmbolos  
e turbinas, hélices e tratores.  
Entrarei nos barcos, descerei às minas  
.....  
Só voltarei pelo fim da tarde  
com ligeiros passos  
para pôr, antes da noite,  
flores vivas no grande jarro.  
Cortarei rosas no jardim em tua honra  
rosas e dalias para te saudarem.  
Voltarei com ligeiros passos  
e quando chegares trazendo teu dia  
áspero, participante, igual ao meu  
e cachos de begônias rubras para mim  
já estarão soltos meus cabelos  
e acesa a lâmpada".<sup>322</sup>**

Ou ainda:

**" Quero ninar o meu menino  
acender o meu fogão  
esperar o meu amado  
com o pão branco na mesa  
e jasmins frescos na mão..."<sup>323</sup>**

<sup>321</sup> Ver capítulo 2 desta dissertação.

<sup>322</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Canto da companheira. In: ----- Busco a palavra, op. cit., p.50.

Assim como Maura continua reservando às mulheres o papel de esposa e dona-de-casa, ela vai continuar idealizando a maternidade. Esta valorização da função materna é muito forte: para ela, ser mãe é um ato heróico, sublime e sobretudo sagrado. Talvez até influenciada pelos intensos sacrifícios a que sua mãe teve que se submeter, sacraliza este papel e o diz heróico:

**"Referindo-se aquela que nos trouxe à vida e nos adormeceu em pequeninos ao som das canções melodiosas, que através de todas as fases da nossa existência, tem revelado a sua dedicação illimitada, que, muitas vêzes, com os olhos meigos alagados em pranto, ante a nossa menor dôr, se submete a todos os sacrificios, chega ao amor - heroismo, para no-la exterminar, que, nos lábios queridos, no semblante todo, expande a alegria interior, por que é alegre que nos vê - canta, com sublime verdade, comovidamente, o tercetto ultimo de um soneto..."<sup>324</sup>**

O carater heróico que empresta à maternidade fica bem explícito no poema-estória "Saga de uma heroína" em que descreve a história de uma faxineira, Celina, que sem marido para ajudá-la, tenta romper a história de pobreza e ignorância de sua família, empenhando-se bravamente na educação de sua filha e conseqüentemente, através da menina, mudar a história de vida das mulheres daquela família.<sup>325</sup> Para ela, este é uma ato heróico porque implica em renúncia às expectativas de sua própria vida, em função da vida dos filhos, atitude esta, mais romântica do que feminista.

A crença na força do amor materno é tão grande que pensa ser este amor capaz de gerar uma transformação definitiva no espaço social. Isso fica explicitado no poema "Canto das Mães"<sup>326</sup> em que demonstra como este amor, gerado no espaço privado, é tão poderoso que, enfrenta e sai vencedor de uma disputa no espaço público, contra "os que estavam preparando a destruição da carne de sua carne":

**"... Apertando os filhos ao peito  
elas diziam com suas vozes límpidas  
que não os dariam para a matança.**

<sup>323</sup> id. Canção em Rosamor. In: ----. Círculo Sexto, op. cit., p. 69.

<sup>324</sup> id. Mães. *O Elegante*, Florianópolis, v.2, n.13, 14 jun. 1925, p. 1.

<sup>325</sup> id. Saga de uma heroína. In: ----. Poemas-estórias, op. cit., p. 40-2.

<sup>326</sup> id. Canto das mães. In: ----. Círculo Sexto, op. cit., p. 27.

(Esperavam pedras e pragas, dardos e maldições  
os donos das fábricas da morte?)  
No entanto, o que tiveram pela frente foi mais forte  
pois o verbo simples do amor, o salmo indefeso da paz os derrotou..."

Assim, o amor materno é capaz de acabar com os horrores da morte, da guerra e transformar definitivamente o mundo em algo melhor: *"E começou então/ uma nova terra e um novo céu / com flores e frutos e trigais e risos / e pombos brancos voando sobre a cabeça dos povos"*. Ainda aqui, pode-se constatar que na verdade, ela continua presa a valores convencionalmente ligados ao dito "mundo feminino".

Mãe - esse ser sublime que está sempre renunciando às suas próprias aspirações em detrimento dos filhos - um ser para outro! Eis a mística que a comove!

Maura não consegue perceber que enquanto endeusa este papel materno, está contribuindo para que os valores vigentes até então, continuem a se reproduzir, dificultando uma transformação da sociedade. Porque, enquanto é vista somente como esposa e mãe ela é uma mulher que se realiza em função dos outros e até impede a percepção do que a própria pessoa é.

Talvez essa incapacidade de perceber a maternidade de modo diferente tenha ocorrido, justamente porque ela absorveu o pensamento da época, de que o instinto materno é algo inato, ou seja, toda mulher nasceria com a dose necessária de amor, abnegação e altruísmo para exercer a maternidade. *"Eu quando digo mães, refiro-me a todos os seres femininos, por isso que a mulher tem dentro de si, 'innato', como disse um escriptor, o instinto maternal" (o grifo é no original).*<sup>327</sup> Dessa maneira não consegue perceber que havia toda uma construção cultural de endeusamento desse papel, no sentido de prender as mulheres no espaço privado do lar.

<sup>327</sup> id. Preparemo-nos. *Revista do Centro Catarinense de Letras*, Florianópolis, [192-]. p.3.

Além de considerar a maternidade como algo inato, ela tem uma visão romântica do papel materno em que sempre pontificam as virtudes sagradas do amor, da resignação e do altruísmo. Em *O Atalaia*, escrevendo sobre as festividades referentes ao Dia das Mães, diz:

**"E todos nós que podemos ostentar, no peito, flores vermelhas, pois que ainda temos, ao nosso lado, com os meigos olhos consoladores, com o coração e a alma ressoantes de caricias - as nossas boas mães - em cujo seio dormem os segredos miríficos de um amor sublime e brilham os vislumbres definidos dos sacrifícios inauditos - tributemos sempre ao sagrado ente que tanto amor nos vota, a justa veneração de um desmedido affecto ..."**<sup>328</sup>

É interessante observar que mesmo mantendo esta visão romântica da maternidade, ela conseguiu ter uma visão realista da subordinação das mulheres na sociedade brasileira e procurou com bastante ênfase e dentro do quadro que lhe era possível, denunciar essa situação.

Ainda dentro das funções de mãe, vai delegar à elas o papel de principal educadoras das filhas. Dentro dessa idéia, vai salientar a falta de atenção das mulheres com relação à educação de suas filhas, permitindo que as mesmas tenham valores que ela considera fúteis e frívolos:

**"Os trajes immoraes que estão sendo preferidos pelas mulheres encontrando guarida em toda a parte, constituem nota evidente em nosso desfavor... Abusos e excessos de maquillage, tornando-nos mais caras ... Mais preocupação com o luxo do que com a instrução ... Mais egoísmo que altruísmo... E o obstáculo maximo, a meu ver: o de as mães não desviarem as filhas do abysmo das frivolidades e apoiarem a superioridade dos filhos. Verdade amarga! É que não triumpharemos sem que, no recesso dos lares, as que têm as fronte aureoladas com a corôa augusta da maternidade encetem nobremente a verdadeira campanha feminista, que deve ser feminina antes de tudo..."**<sup>329</sup>

Assim como Nísia Floresta, considerada uma das primeiras feministas brasileiras, ela acredita que a atenção demasiada à moda e à coqueteria tira as mulheres do importante caminho da educação.<sup>330</sup> Ela está convicta de que ao se deixar levar por interesses fúteis, os

<sup>328</sup> id. *Symbolos perfectos. O Atalaia*, Florianópolis, v.1, n.3, mai. 1924. p. 1.

<sup>329</sup> id. *Libertas mulieris*, op. cit., p.5.

<sup>330</sup> FLORESTA, Nísia. op. cit., 1989a, p. 94.

valores verdadeiros não são absorvidos por essas mulheres e a educação e o espírito cristão não se estabelecem:

**"Quando se agigantar o número de mulheres virtuosas, cristãs, puras, eruditas, inquebrantavelmente abnegadas e heroínas na "maternidade espiritual" e affectiva mães pelo amor incommensurável, modelos - pela vida incorruptível - decrescerá, é lógico, o número considerável das mulheres frívolas, superficiais, mascaradas, sem princípios, sem aspirações altruístas, e grandes, sem consciência de personalidade, mulheres que se sujeitam - Quantas vezes e com que deplorável e ridículo servilismo! - á exhibição de trajos amoraes, espalhafatosos, indecorosos- e então as sociedades se purificarão no crisol do salutar influxo moral e intellectual do coração da Mulher..."<sup>331</sup>**

Aqui é preciso atentar para o fato de que ao fazer a adjetivação que corresponderia às qualidades que as mulheres deveriam ter, Maura coloca o adjetivo "eruditas" como o quarto adjetivo na lista que enumera, após: virtuosas, cristãs e puras. Isso talvez denuncie resquícios da forma como foi educada, assim como o ambiente que a cercava, fazendo com que muitas vezes velhos valores sobrepussem sua crença na possibilidade de mudar o *status quo*.

Os anos 20 costumam ser caracterizados como os anos da mulher moderna até porque aí sucedem as transformações advindas com a I Grande Guerra. Para isso colaboraram diversas instituições como a literatura, o teatro, o rádio e principalmente o cinema, como veículos através dos quais vão sendo repassados às mulheres, outras formas de ser. O padrão estabelecido da mãe e esposa passa a ser mais abertamente discutido e outros comportamentos tornam-se possíveis. Arregimentadas em movimentos com diversas finalidades, vê-se a mulher participando de lutas por participação política, através das sufragistas. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino tendo como figura proeminente Bertha Lutz vai estabelecer esse debate de forma mais efetiva, sendo que o direito ao voto feminino será conquistado somente em 1932. O discurso enfatizado nos jornais da Ilha são muitas vezes contrários à idéia:

---

<sup>331</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Preparemo-nos. *Revista do Centro Catharinense de Letras*, Florianópolis, [192-]. p.3.

"... Das leis da emancipação, de liberdade, a que aterrora o nosso paiz é a lei do voto. Ella não é só antipatriotica, é desumana. O voto da mulher é uma barreira atravessada no caminho do progresso dum paiz... [O país] governado, legislado pelo sexo fragil, assimilará a fragilidade dele e cahirá na decadencia..."<sup>332</sup>

Assim, mesmo contrariando esses discursos, Maura participa diretamente dessa discussão, assumindo posição francamente favorável ao voto feminino:

" Agora que aguardamos a discussão, no senado, do projeto que concede direito do voto à mulher brasileira; nesta hora em que as entrevistas, as folhas do país se succedem e em que lemos opiniões favoraveis ou tradicionais, que o encaram sob uma fôrma seria e outras sob um sarcasmo velado, muitas vezes imbecil - pois não é verdade? - Não neguemos a significação e o valor que, para todos os espíritos partidarios do ingresso do elemento feminino no ambiente político, representa a publicidade da carta que o dr. Clovis Bevilacqua escreveu ao dr. Juvenal Lamartine. O jurisconsulto illustre, consultado sobre o assumpto que está na ordem do dia, diz, na sua epistola ao illustre presidente do Rio Grande do Norte que, perante a Constituição Brasileira, (*incompreensível*) defesa para o raciocinio que procura profligar a legitima aspiração feminina em nossa Patria: de eleger e de elegibilidade. Frisa ainda a inteireza de cidadania, garantida á mulher na carta Constitucional, e que, na qualidade de cidadã, devêra, pelo art. 70, ter o direito de se alistar, completa a maioria. Sempre surgem os sophismas, não podemos negar, mas já tem sido dito muitas vezes que, na vida historica dos povos, os grandes ideaes e conquistas soffreram apodos... e depois, muito naturalmente, entraram para o mundo das coisas consuetudinarias. Será assim, sem duvida, com a concurso da mulher no largo ambito intellectual e com o reconhecimento da sua idoneidade politica, sobre a qual acaba de expender o seu voto o consagrado mestre, nessa valiosa carta ao grande pioneiro do feminismo político do Brasil, que falou recentemente: "Não podemos mais adiar a hora da participação feminina em todas as questões de interesse colectivo".<sup>333</sup>

Essa discussão sobre o voto feminino é iniciada em 1926 com o texto "Os surtos de feminismo em Santa Catarina"<sup>334</sup>, mas é em 1928 que essa discussão é retomada com mais ênfase por ela. Neste ano, publica no mesmo jornal, uma série de três artigos<sup>335</sup> sobre esse

<sup>332</sup> NINGUEM, José. *Philosophia*. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.18, 29 jul. 1923. p.3.

<sup>333</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Agora que aguardamos. **República**, Florianópolis, v.2, n.526, 30 jun. 1928. p.1.

<sup>334</sup> id. Os surtos do feminismo em SC, **República**, Florianópolis, v.1, n.37, 12 nov. 1926. p.4.

<sup>335</sup> Os três artigos de suas autoria são "Agora que aguardamos", "Julia Barbosa e o voto feminino" e "Margety Ashby e o voto" foram publicados no jornal "República" de 30 jun. 1928, 04 jul. 1928 e 06 jul. 1928, respectivamente.

tema. Neles, além de divulgar sufragistas como Julia Barbosa, primeira eleitora brasileira<sup>336</sup> e Margety Ashby, presidente da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino, vai saudar a ação de Bertha Lutz e da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

É preciso notar que esses artigos são veiculados em Florianópolis, nos anos de 1926 e 1928. Nos anos imediatamente anteriores à concessão do voto feminino (1932), não há registro de textos seus sobre o assunto, apesar de nesses anos ela continuar a colaborar para os jornais de Florianópolis e mesmo para revistas de outros estados. Uma possível explicação poderia ser que esse silêncio fosse decorrência de uma forte resistência, ou quem sabe de uma indiferença tão grande da sociedade florianopolitana a essa idéia e querendo evitar uma nova "conversa com surdos", Maura negligencia o tema. Ou, quem sabe, faz concessões à tradicional sociedade florianopolitana, para evitar expor-se sobre tema tão candente.

Dar visibilidade às mulheres que começam a ocupar espaços na esfera pública é uma preocupação das primeiras feministas brasileiras e também um dos objetivos da revista feminina "Walkyrias", lançada em 1934 por Jenny Pimentel de Borba<sup>337</sup> e tinha por objetivo estabelecer modelos a serem seguidos, assim como estimular a ação de mulheres ainda tímidas. Assim, Maura exercê essa atividade constantemente, divulgando inúmeras intelectuais, professoras, funcionárias públicas, etc. Dentre elas, destaca-se: Virgílica de Souza Salles, fundadora da Revista Feminina, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloisa de Melo, fundadoras do jornal "O Corimbo", Walkyria Neves Goulart, poetisa gaúcha, Maria Lacerda de Moura, Nísia Floresta, Cora Coralina e outras.

Em 1930, colaborando para o jornal "República", assinando matérias como em "A arte encantadora de Raquel Senz" onde faz a apresentação de obra da autora uruguaia, procura

<sup>336</sup> É bom lembrar que o Rio Grande do Norte já tinha estabelecido o direito ao voto feminino em 1927.

<sup>337</sup> Ver: CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. Rio de Janeiro, **Estudos Feministas**, v.2, n.2, 1994. p. 345-55.

ressaltar suas qualidades de escritora, mas sobretudo de sua condição de escritora e mulher e assim afirma: "... *um livro ardente de mulher. Os versos de Raquel Senz tem, porém, uma outra virtude, que sobremodo os singulariza (...) é o aroma da feminilidade*".<sup>338</sup>

Entretanto, existe uma mulher que Maura faz questão de divulgar constantemente, e esta é Anita Garibaldi. Ela faz palestras e escreve diversos textos sobre ela, sempre ressaltando seu papel de heroína e mulher. As qualidades que destaca em Anita, além de seus atos heróicos é a da mulher que não se conforma com os papéis já estabelecidos pela sociedade e assume novas posturas, uma pessoa corajosa que desafia as normas estabelecidas:

**"... o que se sabe é que, rompendo laços sem sentido para seu bravo e digno coração, Anita manifestou a força de sua personalidade e, desafiando preconceitos que deveriam ser ferozes há cento e tantos anos, realizou o seu primeiro heroísmo. E, a 14 de outubro, deixava a sua casa sem crianças, o marido ébrio, o burgo atônito e, ao lado do seu herói, chegava a bordo do Rio Pardo".**<sup>339</sup>

É interessante que além de ressaltar as qualidades de Anita como heroína e como mulher desafiadora de normas sociais, destaca, como era comum para a época, também as suas qualidades "ditas" femininas: como ser boa dona-de-casa, excelente mãe, etc :

**"... teve também Anita os encantos todos da feminilidade: foi mulher ardentemente apaixonada, verdadeira mãe, dona de grandes olhos luminosos (...). Tudo isso, além de completas prendas domésticas (...) fez rendas e crivos, claros poemas de fios de luar, magos e brancos como os sabem tecer as mãos de fada das rendeiras catarinenses..."**<sup>340</sup>

O reforço dessas qualidades de mãe e esposa que ela faz questão de ressaltar, servem para qualificá-la, já que somente suas realizações como guerreira não bastavam para que ela fosse respeitada pela sociedade da época. A assertiva de que ela é uma mulher excepcional enquanto guerreira tinha que ser embasada por suas louvadas aptidões de mãe e esposa, para

<sup>338</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A arte encantadora de Raquel Senz. *República*, Florianópolis, v.2, n.682, 1933. p.3.

<sup>339</sup> id. Anita: primeiros passos de sua glória. In: ----- Verbo solto, op. cit., p.35.

<sup>340</sup> id. *ibid.* p. 39.

que ela fosse reconhecida pela sociedade como uma mulher "virtuosa". Novamente vemos Maura concedendo ao tradicionalismo vigente.

Frequentemente aborda temas em que faz questão de ressaltar como a sociedade da época é ambígua e dissimulada<sup>341</sup> e que, prestando-se atenção às relações de gênero, a sociedade tem pesos diferentes para julgar homens e mulheres.

Dessa forma, Maura faz uma crítica bem insistente à hipocrisia da sociedade florianopolitana e entre outras, vai exigir o que ela chama de "reciprocidade nos deveres conjugais"<sup>342</sup> em que provavelmente está se referindo ao costume machista da sociedade de tolerar um duplo padrão de moralidade sexual, exigindo um comportamento diferente para homens e mulheres. Nessa sociedade e nesse início de século, ao mesmo tempo em que é exigida a fidelidade feminina, aos homens é permitido e até, de certa forma, incentivado o adultério. Assim, ela denuncia esta postura que estabelece um controle muito grande sobre as mulheres enquanto é permissiva com o comportamento masculino.

Também a hipocrisia da sociedade que não confessa, mas que na realidade oprime as mulheres, obrigando-as a se resignarem com o sistema patriarcal estabelecido, será denunciado por Maura. A pressão exercida sobre as mulheres que querem denunciar o *status quo*, é tão grande que inibe atitudes inovadoras de grande maioria de mulheres. Algumas, mais fortes, rompem esse silêncio e denunciam os preconceitos e a subordinação a que estão sujeitas. Só que para romperem este silêncio e partirem para a denúncia, é preciso uma determinação e um poder de resistência muito grande às pressões impostas pela sociedade. Este conflito e a coragem que é necessária para enfrentá-lo é explicitado em seu poema "Escolha":

**"Não grito e calo? Não calo e grito?  
Grito e estarei perdida.  
Grito e tomam-me o sol.  
A redondilha de meu nome**

<sup>341</sup> Sobre dissimulação, ver seu poema Se eu disser... In:----- A dríade e o dardos, op. cit., p. 97.

<sup>342</sup> id. Libertas Mulieris, op. cit., p.5.

Será jogada no chão.  
 Grito e terei espinhos  
 terei a língua cortada.  
 Calo e virão belos sonhos.  
 Não grito e serei poupada.

.....  
 As sós palavras que tenho  
 são estas que me sufocam  
 ansiosas de irromper:  
 não para serem um canto  
 dirigido ao infinito;  
 sim para serem denúncia,  
 súbita brasa lançada  
 às injustiças da terra.  
 Não grito e calo? Não calo : grito!"<sup>343</sup>

A plena consciência de sua insatisfação com o modo de como a sociedade está estabelecida, faz dela uma mulher que não se conforma com o sistema que está posto, tentando sempre mudá-lo. Para tanto, procura incentivar todas as pessoas que concordam com seu pensamento, para que lutem para modificar esta situação que não os satisfaz. Dessa forma, exalta-os para que não desanimem sob a pressão das forças conservadoras:

" Assim é que se elabora o progresso, á custa da inadaptação dos primeiros idealistas, feita debaixo de todos os apodos e de todas as maguas. Não fôra esse heroismo. e o mundo, e a patria, e a sociedade, seriam cousas monotonas, paradas, como as águas sem alegria de um córrego estagnado (...) Assim pensando, conluo que, da parte dos idealistas inadaptáveis, não deve haver desânimo por não existir ambiente para a germinação dos seus princípios. Por mais que custe, devem tudo empreender para criar o ambiente (...) Crê em teu pensamento!"<sup>344</sup>

Também a sociedade hipócrita que finge não ver a desqualificação das mulheres e principalmente a violência a que elas estão sujeitas vai ser discutida por ela que procurará evidenciar à sociedade, um costume que raramente é explicitado pelos jornais da época, mas que é muito usual: *"observa-se ou não, pelo menos aqui no Brazil, o triste retrocesso criado pelo facto de, na pratica, terem os homens sobre as mulheres direitos de vida e de morte? E*

<sup>343</sup> id. Busco a palavra, op. cit., p. 57.

<sup>344</sup> id. Pagina sobre a inadaptação. *República*, Florianópolis, v.2, n.643, 04 dez. 1932. p. 3

*os assassinos de mulheres não são, invariavelmente, absolvidos?*<sup>345</sup> Essa questão da violência contra as mulheres ainda hoje é discutida, tanto que é pauta de discussões feministas atuais.<sup>346</sup>

Aliás, Maura não tolera nenhum tipo de violência, sua própria luta por mudanças nas relações entre homens e mulheres é uma luta sem violência, sem agressividade. Nisso está em consonância com as sufragistas brasileiras que empreenderam uma luta por seus direitos mas que, em momento algum, partiram para a acusação do sexo masculino como culpado ou responsável pelo desnivelamento dessas relações.<sup>347</sup> Foi uma luta mais diplomática, uma batalha no campo das idéias, uma tentativa de convencimento, pois, tanto Maura como as sufragistas tinham receio de serem confundidas com as feministas inglesas que utilizaram-se de meios ditos "agressivos" para conseguirem avanços na posição das mulheres em seu país. Foi assim, um feminismo dentro de regras mais moderadas, respeitando-se as condições culturais da cidade - foi o feminismo possível para aquela época. Por essa ação das inglesas ter sido ridicularizada pelos anti-sufragistas como uma atitude de "mulheres-machos" e terem sofrido muitas repreensões da sociedade, esta é uma postura que as brasileiras não querem imitar. Assim, talvez para não ser confundida com estas feministas, ela estava constantemente reafirmando seu orgulho em ser mulher, em ser feminina:

**" Feminismo é hoje uma palavra muito explorada e muito adulterada e de tal forma que para algumas visões, significa um movimento que vem tirar á mulher o encanto maximo da sua feminilidade e a consciencia dos seus sagrados deveres no templo sagrado do lar. Isso seria um monstruoso peccado... Melhor: uma impossibilidade!**

**Mas para tanto talvez concorressem aquelles excessos a aquellas violencias (nada dignas de imitação) das primeiras suffragistas inglesas, leaderadas pelo espirito agitado de Miss Ponckurst, que foi aliás um grande espirito. As ideas, porém, se foram depurando e attingiram o seu ambiente de equilibrio e serenidade e existem embora mulheres que acaso professem á outrem o seu credo de emancipação, estadeando attitudes ridiculas, a verdade é**

<sup>345</sup> id. *Libertas mulieris* op. cit., p. 5.

<sup>346</sup> Ver: STERNBACH, Nancy Saporta et. al. op. cit., p. 271.

<sup>347</sup> O mesmo não acontece com Nísia Floresta que vê os homens como responsáveis pelo atraso cultural e social da mulher na sociedade brasileira do século XIX. - Floresta, op. cit., 1989a.

que o programma feminino tem esta formosa synthese: Bastar-se a mulher a si mesma, com o conhecimento de uma profissão compativel com a sua natureza, para evitar desgostos e as humilhações da vida parasitaria, mas com o escudo de ser sempre mulher e a gloria altissima de amar sempre o seu lar..."<sup>348</sup>

Essa atitude de constante reafirmação de sua feminilidade não é isolada. Como já afirmado anteriormente, muitas feministas brasileiras tinham esta preocupação que Maria Lacerda de Moura sintetizou tão bem: "*Quero provar que não me revolto, nem protesto contra a minha natureza de mulher: sou mulher na mais ampla aceção da palavra*".<sup>349</sup>

Outra preocupação evidenciada é com a situação de mulheres que não se sentem felizes em seus casamentos, abordando temas como: separação de casais e posteriormente o divórcio. Em texto de 1928, coloca-se como uma voz que clama para que o governo federal socorra mulheres brasileiras que levadas por seus maridos para a Síria, eram sujeitas às leis muçulmanas e portanto a seus maridos que eram polígamos. Ao pedido de socorro dessas mulheres, Maura responde com este texto em que defende que as mulheres sejam libertas desses maridos e que não devam se sujeitar à "*leis incompatíveis com a sua educação e à sua índole*".<sup>350</sup>

É interessante observar o cuidado com que ela vai introduzindo na tradicional sociedade florianopolitana, temas ainda considerados revolucionários para a época. Assim, é compreensível que ela não defenda abertamente o divórcio naqueles anos, mas se posicione no sentido de que haja uma "separação de casais". Esta separação seria aceitável, desde que houvesse um "bom" motivo, naturalmente, já que defender a separação de casais pelo simples fato de que um dos conjuges não mais desejaria continuar casado, por exemplo, seria um argumento indefensável para a época. Abrindo uma brecha na indissolubilidade do casamento,

<sup>348</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Feminismo. **República**, Florianópolis, v.2, n. 584, 05 set. 1928. p. 1.

<sup>349</sup> Moura, Maria Lacerda de apud LEITE, Miriam Moreira, op. cit., p. 106.

<sup>350</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Foi, ha tempos. **República**, Florianópolis, v.2, n. 536, 12 jul. 1928. p.1.

Maura avança um pouco a discussão feminista, visto que as sufragistas brasileiras procuraram não discutir esse assunto, para não prejudicar suas reivindicações.<sup>351</sup>

Posteriormente no Rio de Janeiro, já em outra época (1959), ela se colocará abertamente à favor do divórcio.<sup>352</sup>

Conforme Miriam Moreira Leite enfatiza em sua obra "Outra face do feminismo"<sup>353</sup>, muitas mulheres encontraram na filantropia, uma possibilidade de ação no espaço público. Dessa forma, a filantropia considerada pela sociedade como uma extensão do papel maternal, torna-se muito bem aceita como atividade feminina. As mulheres que possuíam uma educação mais aprimorada começam a participar de movimentos associativos de caráter filantrópico, político ou profissional e assim, com uma experiência de trabalhos na esfera pública, passam a ver a existência de um campo profissional mais abrangente para as mulheres e aos poucos, vão penetrando no mercado formal de trabalho. Assim, consciente da importância desses movimentos, Maura incentiva constantemente essas associações filantrópicas, divulgando suas ações.<sup>354</sup>

Vivendo numa época em que as mulheres eram vistas de maneira dicotômica: de um lado a pura, a imaculada - a mãe e por outro lado, a pervertida, a perdida - a prostituta e que, segundo o discurso hegemônico da época não se podia fugir deste estereótipo (apesar de se

<sup>351</sup> Apesar disso, outras feministas pregavam a dissolução do casamento como: Chiquinha Gonzaga, Patrícia Galvão, a Pagu, Ercília Nogueira e também a Revista Walkyria. Ver: ALVES, Branca Moreira, op. cit., p. 175, GARCIA, Aurora Ponzo. Chiquinha Gonzaga. *Leitura*, São Paulo, v.11, n.124, set. 1992 e CAMPOS, Augusto de. *Pagu : vida-obra*. São Paulo : Brasiliense, 1982 e CALLADO, Ana Arruda op. cit., p. 350.

<sup>352</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Divórcio e amor. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 maio 1959 e Casamento sem amor, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, [19--]. (Arquivo ACL)

<sup>353</sup> Assim como essa autora, Maria Fernanda Bicalho corrobora essa opinião de que a filantropia foi um dos primeiros espaços de atuação das mulheres no espaço público, contribuindo posteriormente para sua inserção no mercado de trabalho. Ver: LEITE, Miriam Moreira, op. cit., p. 34 e também BICALHO, Maria Fernanda, op. cit., p. 103.

<sup>354</sup> Ver de sua autoria, os artigos: Discurso. *O Atalaia*, Florianópolis, v.1,n.9, nov. 1924. p. 1; Ainda ontem. *República*, Florianópolis, v.2, n. 573, 23 ago. 1928. p.1. e O calor da ternura anima a campanha da lã. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 maio 1956. (Arquivo ACL).

saber que na realidade muitos outros papéis foram sendo exercidos pelas mulheres, sem que fossem divulgados) Maura não aceita essa bipolarização. Entretanto, aceita o pensamento tradicional da época de que a prostituição tem uma função social, que a sociedade não aceita formalmente, mas que lhe é útil, já que contribui para a preservação da honra das mulheres burguesas:

**"... Logo depois eu soube  
que fora mesmo Teresa quem eu encontrara  
e que ela já se destacava  
entre as mulheres da vida da cidade  
Portanto, era um pilar da sociedade  
pois contribuía para a honra das lares  
para a manutenção da virgindade..."<sup>355</sup>**

Olhando-se para a vida de Maura, numa visão retrospectiva, pode-se inferir que o seu feminismo, foi o feminismo possível para àquela época e para aquele lugar. Quase que certamente, pode-se verificar que em seu pensamento, ela avançou mais do que aquilo que escreveu em seus textos. Tanto é que, em seu fazer diário, prefigurou posturas que somente anos mais tarde, com o advento do movimento feminista que começou a ser sistematizado a partir dos anos 60, vieram à tona. É preciso compreender que ela avançou o quanto pode, (foi uma transgressão de forma a não criar rupturas com a elite que frequentava e da qual era egressa) ocupou as brechas que apareceram e forçou a passagem para abri-las sempre um pouco mais. E por isso sofreu, foi pressionada, foi discriminada, principalmente nos anos em Florianópolis - e daí, talvez, o motivo de seu feminismo em Florianópolis, ser muito mais reivindicatório, muito mais veemente do que no Rio de Janeiro, onde o ambiente mais liberal e o encontro com seu companheiro Cousin, também uma pessoa avançada para sua época, lhe trazem mais tranquilidade para pensar a condição feminina de forma mais serena, sem o tom imperativo de seus textos matinais.

<sup>355</sup> id. Teresa dos olhos de gata. In: -----, Poemas-estórias, op. cit., p. 44-8.

Em 1978, se reportando ao seu poema "Escolha", diz: "*Não grito e calo, não calo e grito?*" - *assim inicio meu poema "Escolha". Ao final, optei pelo grito, mas o silêncio, às vezes, pode ser contundente como um libelo*".<sup>356</sup> Esta serenidade que Maura adquire não deve ser compreendida como um arrefecimento na luta, mas sim como a prevalência do uso da astúcia, em detrimento à luta declarada. E esta astúcia, segundo Maffesoli, pode ser muito mais ativa do que qualquer embate frontal.<sup>357</sup>

Se num primeiro momento pode-se pensar em enquadrá-la como uma feminista da primeira fase, logo pode-se ver que ela não se limitou a isto. Maura foi muito "complexa" e portanto seria impossível classificá-la tão simplesmente.

Ao mesmo tempo em que ela se aproxima do que Foster caracteriza como uma feminista da primeira geração de Julia Kristeva onde elas buscaram se inserir na história linear, também se preocupou com a reafirmação das especificidade femininas e suas percepções simbólicas, postura que a classificaria como uma feminista da segunda geração de Kristeva. Salientou a circularidade das mulheres em seus textos e reafirmou constantemente seu orgulho naquilo em que elas diferiam do sexo oposto.<sup>358</sup>

## 2. A PREOCUPAÇÃO SOCIAL

A solidariedade para com as mulheres, a compreensão de seu papel de excluídas sociais, não se apresenta isoladamente em Maura, mas é compartilhada com outras minorias

<sup>356</sup> Entrevista concedida à Miguel Jorge, op. cit., p.1.

<sup>357</sup> MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 35.

<sup>358</sup> Kristeva apud FOSTER, Thomas. History, critical theory and women's social practices. In: **Signs journal women's in culture and society**, v. 14, 1988.

sociais, especialmente com os pobres e miseráveis, aqueles que ela denomina de "rebentos mirrados da raça dos párias".

Quero ajudar  
 Quero ajudar a construir o mundo futuro  
 e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa.  
 Quero conter a pressa de ajudar, deter os passos vãos e as mãos sempre,  
 ordenar minhas faixas de desajustes, ser vigilante, compreensiva, tenaz.  
 Deixar no grandioso edifício a minha pedra com a mão segura para que ela não vacile e role nos espaços, tombando com um ruído sôfrego.  
 Deixo o esombro antes de ser coluna.  
 Quero deixar segura a minha pedra.  
 Altos brisos e revestidas esculpido por sábia mão alheia mas, pequena e animada, direita e firme, ela estará lá dentro ajudando.  
 Quero ajudar a construir o mundo futuro, o mundo sem fascismos e sem miséris luminoso, marcado, justo.  
 Quero permanecer alerta e colocar a minha pedra no lugar exato e na hora certa.

Manuscrito de Maura

É compreensível que uma pessoa, com uma visão poética, como Maura, sinta-se sensibilizada pelos graves problemas sociais com que a humanidade se depara, consideravelmente agravada num país periférico como o Brasil. Dessa maneira, conectada com o sofrimento dos excluídos, denuncia tanto em seus textos em prosa, como em suas poesias, a situação de injustiça social em que está mergulhada a humanidade.

E, apesar de consciente de que estes problemas são acarretados pelo próprio homem, ela reafirma sua fé na humanidade e na certeza que será o próprio homem que resolverá estas injustiças, pois "... de cabelos desatados canto: eis que ancorei no homem".<sup>359</sup>

Por ter uma sensibilidade aguçada, verifica-se que, desde a mais tenra idade, ainda na escola primária, já percebia que os contrastes sociais acarretavam discriminações contra pessoas da classe menos privilegiada que se objetivavam num tratamento diferenciado entre as crianças que pagavam e as que não pagavam seus estudos.<sup>360</sup>

<sup>359</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Canto da terra firme. In: ----. *Driade e os dardos*, op. cit., p. 61.

<sup>360</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 8.

Este contraste social fica evidenciado no poema "Carnaval"<sup>361</sup>, em que mostra a oposição entre as pessoas que se divertem com a festa e a pobre menina que esmola por entre as mesas do bar. "*Será que reparavam nela/ na sua figura curta/ no seu vestido de chita/ na sua expressão adulta?*". E a dor por esse contraste, a consciência da impotência diante da situação é tanta, que a poetisa encontra, através de sua arte, um jeito de denunciar o modo como a maioria das pessoas foge a este sofrimento: alienando-se:

**"- Amor, é filha ou é mãe  
essa menininha velha?  
Me entontece: chama o garçom  
e pede mais cerveja".<sup>362</sup>**

Mas Maura não é adepta da alienação, ela escolhe o caminho da luta. Esta luta contra a miséria, a injustiça e o sofrimento é uma preocupação constante, capaz de tirar-lhe a alegria de viver e de lhe toldar a visão da exuberante natureza:

**"... Mas quando eu voltava hoje para casa  
depois de um banho narciso  
à beira das pedras e das areias possuídas pelo sol da manhã  
trazendo bagas do rio a brilhar nos anéis dos cabelos  
descalça como outrora vovó cunhã  
quando eu voltava  
pronta para aclamar o dia a terra a vida  
encontrei aquele rebento mirrado da raça dos párias:  
aquela pequena criatura humana sem beleza e sem amor  
apagada e faminta..."<sup>363</sup>**

A mesma miséria e o mesmo sofrimento lhe provocam um sentimento de tristeza e uma vontade de partilhar desse sofrimento - é a Maura solidária. Parece que ao se solidarizar com o sofredor, pretende dividir o peso desse sofrimento e tornar o fardo um pouco mais leve para quem o carrega. E é guiada por esta mesma solidariedade humana que ela vai perceber na criança, que desde pequena é instada a trabalhar para ajudar na sobrevivência da família, o desamparo próprio dos desassistidos:

**"Alegria de ter logo à porta o rio caboclo**

<sup>361</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Carnaval. In: -----, Cantiga de amiga, op. cit., p. 20.

<sup>362</sup> id. ibid.

<sup>363</sup> id. Canto sufocado. In: -----, Busco a palavra, op. cit., p. 37.

**e sobre fundos peraus e leves peixes  
e entre coroas de aguapés em flor  
tomar, ainda cedo, o banho bugre"**  
.....  
**Alegria, alumbramento, comunhão.  
Alegria  
em que ternamente se mistura  
a tristeza de olhar o menino peão".**<sup>364</sup>

"Poema para Ziró"<sup>365</sup> proclama como a situação de pobreza vai minando a vida de uma pessoa, que sendo forte, sadia e alegre em sua juventude, vai se consumir toda numa vida miserável, de trabalho insano e remuneração mísera. Ziró que ainda mocinha "*atraía desejos por todo o caminho*", chega à maturidade como uma "*flor moribunda*", pois sua energia foi toda consumida em uma vida miserável e amargurada.

Em outro poema, "Rosa da feira"<sup>366</sup>, evidencia a situação de miséria de uma moça que precisa catar os refugos em um final de feira para sobreviver, mas que abandona os restos de alimentos para juntar uma flor murcha jogada ao chão. Denuncia também, o preconceito da mulher de classe média que a observa da janela:

**Comida até que eu entendo  
que ela procure no chão  
pois a gente dessa raça  
não quer mesmo nada não.  
Mas gostar assim de rosa  
fazer aqueles dengues todos  
para uma flor murcha de feira...  
Isso onde é que já se viu?**

Ela parece querer destacar que a sensibilidade é elemento constitutivo da espécie humana e que independe da classe social à qual pertence, mostrando que as necessidades humanas vão além das coisas materiais como comida, agasalho e saúde, mas também se alimenta de arte, beleza e amor. Sua poesia parece ter sido posteriormente respaldada pelo poeta, quando disse:

<sup>364</sup> id. Veraneio. In: ----. Círculo sexto, op. cit., p. 25.

<sup>365</sup> id. Poema para Ziró. In: ----. Círculo sexto, op. cit., p. 47.

<sup>366</sup> id. Rosa de feira. In: ----. Círculo sexto, op. cit., p. 65.

" ... A gente não quer só comida  
a gente quer comida, diversão e arte..."<sup>367</sup>

Acredita na equidade de todos os seres humanos, consciente de que são diversos em suas atitudes e em sua capacidade intelectual mas, que se identificam em sua essência e em suas potencialidades para exercer os ideais superiores de vida. Essa situação de igualdade entre os homens instala uma condição que não permite a formação de privilégios por parte de alguns que detêm mais poder. E é por acreditar nisso que ela se posiciona definitivamente contra qualquer tipo de comparação dos homens entre si. Faz questão de ressaltar que a luta dos negros por uma maior integração racial, com igualdade de oportunidades para todas as raças equivale a um pedido de direito à vida, pois enquanto reinar esta diferenciação entre as pessoas, a vida está sendo ameaçada. Para ela são todos irmãos: brancos e negros, ricos e pobres, operários e intelectuais. Dessa forma, divulga a luta dos negros americanos<sup>368</sup> contra o segregacionismo racial que ocorre naquele país, pretendendo assim, talvez, incentivar os negros brasileiros a lutar por seus direitos e por igualdade.

Em "Poesia Negra"<sup>369</sup>, exalta a "*linhagem sombria e forte dos zumbis*" na pessoa da lavadeira negra que "*lava que lava, bate que bate / o linho custoso das casas ricas/ as roupas belas dos corpos fartos*". Essa mesma lavadeira que é a "*fornecedora irracional de carne para trabalho e carne para canhão*" tem o "*ventre inchado pela fecundidade*", anunciando que "*mais um pária vai nascer*". E a poetisa ainda sensibilizada com a força e a coragem de uma raça que foi escravizada, humilhada, amordaçada, pergunta à moça: "*Será que a alma do teu pretinho traz/ alguma fagulha encarnada de vovô Zumbi?*".

A postura de Maura é no sentido de valorizar o que as pessoas são e não o que elas eventualmente possam ter. Dessa forma, a diferenciação que a sociedade faz entre o trabalho

<sup>367</sup> Música composta por Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, intitulada "Comida".

<sup>368</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A marcha e o salmo. In: -----, Nós e o mundo, op. cit., p. 30.

<sup>369</sup> id. Poesia negra. In: -----, Círculo sexto, op. cit., p. 43.

intelectual desempenhado por alguém que conseguiu ter um maior preparo educacional, não transforma esta pessoa em um ser melhor do que as que não tiveram esta condição. Assim, ela se posicionará contra a discriminação que a sociedade brasileira tem contra o trabalho braçal, julgando-o inferior ou menos nobre.<sup>370</sup> Lutando contra esta diferenciação, pergunta:

**"...Por que a discriminação  
se é sempre nobre o labor  
seja ele qual for?  
se no próprio fio que tece o artesanão  
é sempre a mente que lhe move a mão...?"<sup>371</sup>**

Além da defesa dos intelectualmente oprimidos, sua sensibilidade revolta-se contra todo e qualquer exercício de força sobre outros seres humanos, levando-a a condenar os castigos físicos:

**"...Seja onde surgiu o fato é que evoluiu  
em requintes de crueldade o processo covarde  
no qual o flagelador tem sempre como vítima  
um ser inerte, atado, indefeso:  
a criança o servo o pobre o preso".<sup>372</sup>**

Essa luta que empreende contra a violência que se abate sobre os oprimidos, leva-a a posicionar-se também contra a pena de morte. Em artigo na sua coluna "Nós e o Mundo", escreve um texto exortando as pessoas a se solidarizarem com um preso americano condenado à morte. Por acreditar na reabilitação humana, na possibilidade de ressocialização do condenado, ela inclui seu nome em uma campanha para que o governo americano comute a pena desse condenado e anule este "instituto medieval" que é a pena de morte.<sup>373</sup>

Para quem se propõe a fazer um estudo sobre Maura e sua visão de mundo, é essencial a compreensão do significado que a palavra - liberdade, tomava para ela.

<sup>370</sup> Este preconceito parece ser a permanência de resquícios da mentalidade escravocata. Ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder**. 2.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 100.

<sup>371</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A sábia mão. In: -----, Cantiga de amiga, op. cit., p.7.

<sup>372</sup> id. Evolução. In: -----, Cantiga de amiga, op. cit., p.12.

<sup>373</sup> id. Salvemos Chessman. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, [19--]. (Arquivo ACL)

Dentro de seu humanismo, a liberdade é o bem maior, é a própria essência da espécie humana. Restringi-la, é um ato ignóbil, e defendê-la, a missão de toda sua vida. Para Maura, liberdade não consiste em fazer tudo o que se quer, mas de se criar condições para que as pessoas possam ser livres para desenvolver todas as suas potencialidades e serem pessoas íntegras, inteiras.

Entretanto, tem plena consciência de como seu discurso a favor da liberdade é perigoso e representa uma ameaça à ordem social estabelecida, ao mostrar como as pessoas que defendem essa idéia são perseguidas e amordaçadas. No poema "A estátua", ela dialoga com a estátua de alguém que "*gritou bem alto: Liberdade*", e pergunta: "*por que são crimes agora/ os feitos mesmos/ que te deram glória?*", concluindo:

**"...não fosse de bronze  
o braço erguido conclamando  
mas de carne, sangue, nervo, aço  
como foi teu braço vivo  
em que fria masmorra  
te fariam morrer  
nesta mesma hora?"<sup>374</sup>**

Defende não somente a liberdade individual das pessoas, mas também a liberdade de uma terra oprimida, espoliada por outra. Por isso, faz um lamento que é também um canto de esperança na libertação deste território e deste povo:

**"... Ai florestas imensas decapitadas  
para nelas abutres cravarem as garras  
ai duras amarras e agruras e lutas  
oh América  
Latina e sofrida América  
em dia porvindouro (longe? perto?)  
oh transmutada  
em chãos libertos e povos cantando  
de mãos dadas  
Oh flores oh flores  
ressuscitadas".<sup>375</sup>**

<sup>374</sup> id. A estátua. In: -----, Despoemas, op. cit., p.9.

<sup>375</sup> id. Oh América. In: -----, Cantiga de amiga, op. cit., p.6.

Defende, ainda, a liberdade de pensamento contra a opressão dos poderosos, que fizeram arder na fogueira: heróis, santos, cristãos e bruxas. Usando a metáfora da queimada que vai destruindo árvores "*no meio da beleza perversa das línguas vermelhas do fogo*", denuncia a força dos poderosos que amordaçam e destroem os que ousam promover a liberdade e proclama seu medo de uma nova Inquisição:

**"... Não são árvores, não, que ardem na queimada:  
são crânios, peles, entranhas,  
seiva escarlata a fumegar...  
Em lugar de árvores, o que vejo são homens  
são todos os namorados da liberdade  
acabando-se num brilho mau.  
E esta visão bárbara  
ai! emana de meu medo  
meu medo atrevido  
de uma nova noite medieval".<sup>376</sup>**

Ser solidária com o oprimido é algo imbricado em seu ser, não uma preocupação esporádica, ocasional. Por isso, denuncia a hipocrisia daqueles que eventualmente se lembram dos necessitados, em datas especiais como o Natal, doando seus excessos como se realmente estivessem se solidarizando com eles.

Em texto publicado no jornal "República", ela desqualifica a literatura que aparece nos jornais na época natalina, quando se procura incentivar a caridade e a doação de presentes aos pobres. E se repugna por achá-la oportunista, uma vez que louva a atitude de quem "*dá os seus excessos como um gesto sublime, santo, enorme*"; e clama por uma literatura que mostre a dor e a fome, e esta seria como um protesto, uma bandeira de amor e uma lição de solidariedade humana.<sup>377</sup>

Não aceita que a sociedade esteja naturalmente dividida entre mendigos e milionários, entre explorados e exploradores. Para ela, esta divisão não é irremediável ou imutável.

<sup>376</sup> id. Queimada. In: -----. Círculo sexto, op. cit., p.45.

<sup>377</sup> id. A literatura de natal. República. Florianópolis, v.2, n.660, 25 dez. 1932. p. 3.

Acreditando resultar de uma "péssima organização capitalista" e, que portanto, pode e deve ser mudada, pergunta por que não adotar um regime em que todos possam desfrutar de um pouco de bem-estar? E reafirma seu sonho de pão, de rosa e de paz para todos : *"E quero para os pobres invalidos, para a velhice desprotegida, para as criancinhas famintas, para as doces mães, sempre dignas do respeito das almas pulchras - casas fartas de doçura e alimento, de amparo e consolação. Pão para todas as boccas, amor para todos os seres"*.<sup>378</sup>

A conscientização de todas as vicissitudes pelas quais a humanidade passa, leva-a a considerar que esta situação de injustiça social é de difícil transformação. Então, seu poema "O canto", torna-se um aviso claro de que esta transformação só é possível através da luta de classes, apresentando a história de um rapaz, engajado na luta de classe, na esperança de que um dia a miséria acabe. Mas, é um canto pessimista:

**"... Haverá mesmo comida e justiça para todos? -  
perguntou surpreso  
Mas também ali estava escrito  
que para tanto era preciso lutar  
Foi o que fez: pichou paredes,  
distribuiu volantes... Aí foi preso"**.<sup>379</sup>

Apesar do pessimismo, Maura crê num movimento constante da humanidade em direção ao progresso. Para ela, o progresso se realiza em termos de impulso para diante até chegar a um ideal de perfeição que pode ser obtido a partir da existência ética do indivíduo. Pensando o indivíduo como um ser social capaz de modificar a sociedade com a qual está interagindo, compreende ser este movimento de transformação, um movimento paulatino e continuado em que o homem vai realizando éticamente sua caminhada em direção a uma vida mais fraterna. *" [A humanidade] precisa trabalhar e a unica maneira eficiente de trabalhar para o advento de uma doce concordia entre as nações é preparar as gerações juvenissimas*

<sup>378</sup> id. Dos desvãos da alma. **República**. Florianópolis, v.1, n. 77, 31 dez. 1926. p. 2.

<sup>379</sup> id. O canto. In:-----, Poemas-estórias, op. cit., p.14.

(...) *faze-las comunicarem-se entre si num belo tirocínio de fraternidade, inspirar-lhes um sagrado horror a todas as guerras*".<sup>380</sup>

Esta "doce concórdia entre as nações" é o ideal almejado e Maura compartilha essa causa com outras pessoas, pois o pacifismo foi uma idéia bastante discutida nessa época.<sup>381</sup> E Maura acredita que será através da educação que se atingirá o grau de civismo e fraternidade que possibilitará à humanidade desfrutar a paz universal. Isso fica evidente no discurso que pronuncia em 1927, como paraninfa da turma de normalistas da Escola Normal:

**"... Ide, pois, minhas doces amiguinhas, com alegria e bravura e serenidade para a missão que elegestes, abençoadas pela benção de nosso heroísmo nascente! Ide e clareae almas, perfumae-as, numa directriz precisa, na consciência profunda do vosso valor e da vossa responsabilidade; cinzelae nellas o amor à lingua e o amor à patria, fazendo obra em prol da vernaculidade e em prol do civismo; tornaevos estalões impeccaveis de energia e brandura, de verdade e tolerancia, de discreção e justiça - para os infantis espiritos que irão aprender dos espiritos vossos; diffundi o sonho branco da paz universal; sêde artistas e sêde apóstolas..."**<sup>382</sup>

Essa visão romântica que tem da educação faz com que, para Maura, a educação seja muito mais do que uma profissão, seja uma missão. A crença na capacidade da educação em plasmar o espírito das pessoas, em modelá-los para os ideais superiores da humanidade pode ser percebida nesse texto:

**" O papel do educador é mais nobre: elle forma o espirito, affeição o coração, transforma a alma e o corpo, equilibra os nervos, robustece os musculos, aperfeçoa o cérebro, apura a inteligencia, desenvolve a bondade, ensina a justiça, afervora a coragem, tira em summa, da criança, o homem, como se tira do carvão negro o diamante e do petróleo asqueroso a luz radiante. Assim, o educador e o pae desvelado que não limita o amor à sua próle, mas estende, alarga-o como esses rios de aguas profundas que fertilizam, em torno do seu leito, leguas e leguas de terras"**.<sup>383</sup>

<sup>380</sup> id. A criança e a paz universal. *República*, Florianópolis, v.2, n.603, 16 out.1932. p. 3.

<sup>381</sup> Entre inúmeras outras, citamos Antonieta de Barros e as feministas baianas da década de 30 que transformaram o pacifismo em um ideal a ser alcançado. Ver: ILHA, Maria da (Antonieta de Barros) *Farrapos de idéias*. Florianópolis : Imprensa Oficial, 1932. p. 175 e ALMEIDA, Maria Amélia. O ideário feminista na Bahia nos anos 30. *Revista História*, São Paulo, v.12, 1993. p. 68.

<sup>382</sup> COLLAÇÃO de grau das normalistas de 1927. *República*, Florianópolis, v.2, n. 354, 06 dez. 1927. p. 2.

<sup>383</sup> BILAC, Olavo apud PEREIRA, Maura de Senna. Discurso pronunciado na colação de grau das normalistas de 1927. In: COLLAÇÃO de grau das normalistas de 1927, op. cit., p.2.

Essa forma de perceber a educação como um dever a ser cumprido, como uma função especial que transcende o exercício de uma simples profissão, também é uma idéia bastante difundida na época e compartilhada com outras professoras suas contemporâneas, como por exemplo Antonieta de Barros quando afirmava :

**"O professor tem que ser mais que instrutor: - o arquiteto apaixonado do futuro, o plasmador consciente das individualidades, um idealista impenitente. Trabalhar com a alma e o coração postos no futuro e ser, dêsse aurorecer deslumbrador, que se divisa, além, muito além, ainda, o sol, e a própria vida - eis o sério problema, eis o destino magnificente."**<sup>384</sup>

Para Maura, os cidadãos assim educados, serão os próprios sujeitos da construção dessa sociedade mais justa e solidária.

Embuída deste sentimento fraterno, não dá muita atenção ao nacionalismo que permeia o Brasil nas décadas de 20 e 30 principalmente. Após a leitura cuidadosa de seus textos, pode-se perceber que essa desatenção ao nacionalismo não seria uma alienação à situação política do país, plena deste sentimento nacionalista, mas uma crença maior na fraternidade universal dos povos. Para ela, a fragmentação em nações não deve impedir a comunhão dos povos. Propugna pelo engrandecimento do Brasil, pensa que cada nação deve progredir não para se constituir numa potência e conseqüentemente ter mais poder sobre outras mas, para conseguir um nível de desenvolvimento que a ombreie com as outras nações do mundo e todas elas, irmanadas pelo mesmo ideal de solidariedade e de promoção do ser humano, se encontrem na defesa do bem comum: *"somos dos que pensam que 'a paz americana é o prelúdio da paz universal' e uma das nossas paixões mais vivas e um dos nossos ideais mais fortes e amados - é a irmandade das lindas patrias do nosso continente, bella na sua consistencia e na sua significação"*.<sup>385</sup>

<sup>384</sup> ILHA, Maria da (Antonieta de Barros) op. cit., p. 106.

<sup>385</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Na data da nossa independência. *República*, Florianópolis, v.3, n.608, 06 out. 1928. p.1.

### 3. A MAGIA DA NATUREZA

A relação de Maura com a natureza parece ser mágica. É ela o cenário perfeito para suas ações e reflexões e é em contato com ela que Maura se encontra consigo mesma, aí buscando refúgio e companheirismo.

Em seu fazer literário, está constantemente se reportando à natureza e tecendo com ela figuras de linguagem: metáforas, analogias, hipérboles.

Ela parece retirar da natureza a energia que necessita para viver e é nela que Maura se renova. Essa fonte de energia lhe fornece a alegria, que lhe anima o viver e torna possível esquecer *"sua crucificação de todos os dias"*. *"...Alegria de ler debaixo dos salgueiros úmidos/ de saudar os patos brancos nadando/ de ver o plátano grande todo dourado / do crepúsculo..."*<sup>386</sup>

Não se pode deixar de perceber que Maura ao falar sobre a natureza, o faz de forma romântica. Os textos de Maura, apesar de não se assemelharem na forma, em muito nos lembram os poemas de Delminda Silveira em "Lises e martyrios", pelo lirismo que apresentam:

**" Meiga violeta porque pendes triste  
entre as mais flores do jardim virente?  
Acaso o orvalho que sedenta hauriste  
gelou-te o seio n'este amor fervente?"**<sup>387</sup>

Entretanto, mais do que alegria, a natureza é vida, e ouvi-la, é ouvir a vida: *"... e nós dois ouvimos o cântico da água! Depois voltamos, mudos e pensativos. Quando nossos*

<sup>386</sup> id. Veraneio. In: ----. Cículo sexto, op. cit., p. 25.

<sup>387</sup> SILVEIRA, Delminda. *Lises e martyrios*. Florianópolis : Typ. Gutemberg, 1908. p. 126.

rostos, em face da lua, se tornaram a mirar, havia neles a decepção gostosa de quem surpreendera a própria vida cantando o seu grande cantico de dôr e de amor!<sup>388</sup>

Um aspecto que é bastante relevante no imaginário de Maura é a associação que ela faz do binômio: Mulher / Terra. Esta é, aliás, uma relação recorrente na literatura universal que remete às idéias de fertilidade, fecundidade e nutrimento.<sup>389</sup>

Maura associa constantemente as mulheres a algum elemento da natureza, e assim ela faz o poema "A árvore que é gente", associando a Figueira da Praça XV à figura humana.<sup>390</sup> Também em "Grumixama" retorna essa relação pois "*a taça que era o pé de grumixama/ redonda e cheia de graça/ na sua forma e nas suas dádivas/ para mim uma criatura humana...*" foi a sua "*companheira e testemunha*" de infância, pois "*só ela e eu/ vimos, surpresas, o meu primeiro sangue/ mudando meu tempo e minha vida*".<sup>391</sup>

Mulher e Terra encontram-se tão integrados em seu imaginário que ela não mais se distingue da natureza. Maura é a própria terra florianopolitana:

**" ... Meu corpo é o teu corpo de ilha  
e meu sangue o rasgão líquido dos teus rios  
a linfa nervosa de tuas cachoeiras  
a água matuta das tuas lagoas.  
Plantas rebentam de tuas carnes, de meus chãos  
e sinto-me carregada da tua seiva e do teu pólen... "**<sup>392</sup>

Mas, Maura também é a árvore que, tendo as raízes plantadas nesta terra, pode ser uma pessoa cosmopolita, ligada a problemas universais. E, talvez, por ter a certeza da firmeza deste chão, é que Maura encontra coragem para alçar vôos mais altos e, assim, vai se dizer: "*abraçada ao Universo / tendo as raízes em ti*".<sup>393</sup> Essa metáfora, da árvore plantada em

<sup>388</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Cântaro de ternura, op. cit., p. 16.

<sup>389</sup> Ver: PERROT, Michelle, op. cit., p. 188.

<sup>390</sup> PEREIRA, Maura de Senna. A árvore que é gente. In:-----, Poemas-estórias, op. cit., p.26.

<sup>391</sup> id. Grumixama. In:-----, Busco a palavra, op. cit., p.138.

<sup>392</sup> id. Consubstanciação. In: -----, A driade e os dardos, op. cit. p. 29. Esse poema foi reescrito a partir do poema "Ilha e mulher" inserido em Círculo Sexto, op. cit., p. 77.

<sup>393</sup> Este verso é a epígrafe à seção intitulada "Terra Catarinense" no livro Círculo Sexto, op. cit., p. 72.

terra catarinense, também pode ser sentida em "Fragmento de autobiografia"<sup>394</sup>, em que confessa: *"nascida em Santa Catarina / nela estou plantada"*.

Um canto de tristeza pela catástrofe das enchentes de 1983, que ocorreram em Santa Catarina, é o poema "Clamor da terra inundada". Nesse texto, retorna a metáfora da Maura / árvore que mesmo submetida a esse desastre, encontra forças para perceber a solidariedade humana para com o "seu" sofrimento e agradece aos que *"dando de vossas sobras ou partindo ao meio o vosso pão"*, enviam o *"vosso amor que não cessam de chegar"*:

**"Eu sou a mulher plantada  
na terra que era um celeiro  
que a si mesma se bastava  
e ainda seus belos frutos  
lá por fora derramava**

**Hoje sou planta sofrida  
que a terra está inundada  
.....  
Eu sinto que meus pés são raízes  
moles e fugidias e que as águas  
já me ultrapassam a cintura  
e que meus peitos magros submergem..."**<sup>395</sup>

Essa simbiose com a natureza da Ilha fica ainda patente na analogia que elabora no poema "Insular", em que coteja sua perene ânsia de liberdade, com o fato de sua terra natal, *"num gesto potente de rebeldia cósmica"*, ter se separado fisicamente das terras continentais.<sup>396</sup>

A natureza retratada por Maura sugere, frequentemente, uma sensualidade. Essa sensualidade, percebida na relação Mulher / Terra, pode ser observada nos escritos em que ela, identificada com a natureza, traz em sua boca *"a doçura das úmidas bergamotas"*, ou ainda, em "Canto Natural", quando *"sua carne rendida penetrada, a língua sugada como um*

<sup>394</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Fragmento de autobiografia. In:----- . Poemas-estórias, op. cit., p.6.

<sup>395</sup> id. Clamor da terra inundada. In:----- . Busco a palavra, op. cit., p.168.

<sup>396</sup> id. Insular. In: ----- . Driade e os dardos, op. cit., p. 39. Ver também página 89 desse trabalho.

*favo, o lábio mordido como um figo*" nos remetem à imagem da mulher sendo saboreada como à uma fruta.<sup>397</sup>

Essa relação entre Maura e a natureza não se estabelece num nível idealizado mas, pelo contrário, é uma relação vivenciada, palpável, em que o contato físico com os elementos da natureza proporcionam um prazer sensual, concreto, real: *"Ah! corri a abraçar-me com os troncos rudes e a minha boca vermelha e humida foi beijar fraternalmente as plantas rasteiras. Depois bebi o orvalho na propria cabaça das folhas gotejantes e delíciei-me em morder as flores recenascidas que ia encontrando..."*<sup>398</sup>

Esse componente sensual, que a associação Mulher / Terra engloba, é percebido por Maffesoli como a necessidade de estabelecer uma "solidariedade de base", capaz de unir as pessoas de uma região. Dessa socialidade, produzida naquele espaço, resulta um poder simbólico a tudo o que está aí inserido, fazendo com que, o que pertence a esse espaço tenha um sabor mais agradável do que o que compõem outros e, cria entre essas pessoas uma proximidade muito difícil de ser apagada. Mesmo as grandes cidades apresentam agrupamentos regionais que reproduzem essas *"práticas cotidianas de seu enraizamento de origem"*.<sup>399</sup> E é precisamente isso que Maura faz no Rio de Janeiro ao integrar-se ao Centro Catarinense.

Convém aqui lembrar que a natureza é convencionalmente ligada ao ambiente doméstico que culturalmente foi construído como espaço "natural" da mulher.

Essa associação Mulher / Terra, muito presente no imaginário ocidental, é analisada por Ribeiro<sup>400</sup> como uma visão que preserva a situação de domesticidade das mulheres,

<sup>397</sup> id. Canto natural. In: -----, Sete poemas de amor, op. cit., p. 1.

<sup>398</sup> id. Panteísmo. In:-----, Cântaro de ternura, op. cit., p.26.

<sup>399</sup> MAFFESOLI, Michel, op. cit., 1984, p. 52.

<sup>400</sup> RIBEIRO, RenatoJanine. Cinderela sem complexos. *Revista USP*, SãoPaulo, n.16, dez/fev, 1993. p.116-21.

contribuindo para perpetuar sua condição subordinada, enquanto que os homens ainda continuariam a ter como espaço de desempenho a esfera pública.

Como já referido anteriormente, mesmo lutando para mudar a situação de subordinação das mulheres na sociedade e fazer com que a esfera pública também fosse espaço para seu desempenho, Maura manteve a esfera doméstica como ambiente próprio para as mulheres, daí poder-se afirmar que foi o feminismo possível para a época.

A exuberância da natureza da Ilha levou-a a deduzir que talvez residisse aí a inspiração para as suas construções poéticas. *"Porque nasci numa ilha cheia de matas e de frutos, de passaros que são deuses e que cantam como si a velha alma do Orfeu estivesse repartida em suas gargantas, é que eu tenho o gosto alucinado da poesia e o rito selvagem do panteísmo..."*<sup>401</sup>

Anos mais tarde, essa relação é reafirmada: *"Este meu amor à natureza foi o meu amor à Santa Catarina. Nas suas formas, na parte física de Santa Catarina, nos sumos, na seiva, naquilo tudo que corre em Santa Catarina. Nos ventos, no sol que brilha, que passa, foi o que me deu isto"*.<sup>402</sup>

Para Maura, tudo na natureza é motivo para cantar e, assim, a primeira viagem que o homem empreende ao espaço cósmico e a visão externa que se teve da Terra, é por ela romantizada:

**"Entretanto, o que me parece mais lindo que tudo - e mesmo mais importante - é ver o vôo portentoso transformado em fonte de poesia e certeza de paz. Yuri viu que a Terra é azul e redonda (...) Mas a grande notícia é que também é azul. Um halo azul claro a reveste. Uma flor transparente através de seu nimbo de cristal azul (...) como é possível daqui por diante ferir, ensanguentar nossa bela flor azul?"**<sup>403</sup>

<sup>401</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Ilha verde. *República*, Florianópolis, 07 ago. 1932. p.3.

<sup>402</sup> Uma poeta em corpo à corpo com a vida, op. cit., p. 11.

<sup>403</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Flor azul. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1961. (Arquivo ACL)

A "lua violada" pelas viagens do homem ao espaço, antes mesmo dele pousar no satélite terrestre, também é motivo de poema:

**"... Desvendada Lua, eis  
o enviado pássaro trazendo  
tua face oculta. E ainda pousará  
o homem em tuas crateras  
e regará de suor tuas carnes crestadas  
antes de pegar as estrelas..."<sup>404</sup>**

Apesar de guardar resquícios românticos, Maura vivendo num período em que a preocupação com a natureza ainda não estava colocada explicitamente, já em 1928, mostra-se atenta à devastação e prega o respeito às árvores, às matas, aos animais, enfim, à toda a natureza. Muito mais do que ver o homem como um ser que exerce um poder dominador / transformador da natureza, ela quer comungar com ela, usufruí-la sem que ela perca nada que lhe é próprio.<sup>405</sup>

Pode-se dizer que Maura, além de prefigurar atitudes que somente mais tarde as feministas começaram a reivindicar, ela também prenunciou uma consciência ecológica que começou a florescer somente nas últimas décadas deste século. Para Peter Gay, essa capacidade de perceber o devir, característica dos grandes artistas, é sinal de sua grande sensibilidade para detectar, mesmo que inconscientemente, as tendências de uma época, característica que seus contemporâneos menos dotados não possuem.<sup>406</sup>

Em Maura, essa preocupação ecológica apareceu em artigo publicado, já em 1928, no qual divulga as atividades de uma sociedade protetora de animais existente em Portugal e que faz um trabalho contra o engaiolamento de pássaros.<sup>407</sup> Essa preocupação ecológica, que

<sup>404</sup> id. Inauguração da lua. In:-----, Despoemas, op. cit., p.7.

<sup>405</sup> id. Nossa Senhora da Primavera. **República**, Florianópolis, v.2, n. 598, 22 set. 1928. p.1.

<sup>406</sup> GAY, Peter, op. cit., p. 154.

<sup>407</sup> PEREIRA, Maura de Senna. Um dos mais esplendidos. **República**, Florianópolis, v.2, n.539, 15 jul.1928. p. 1.

surge nos primeiros anos de sua atividade jornalística e literária, vai permanecer durante toda sua vida.

Assim explicitadas as nuances do pensamento de Maura pode-se verificar que, para ela, a natureza ganha uma dimensão quase divina.

#### 4. UMA VISÃO ESTÉTICA DO MUNDO: PAÍS DE ROSAMOR

Uma síntese do pensamento de Maura é o que representa a obra **País de Rosamor**<sup>408</sup>, de 1962. Nela, os conceitos básicos que nortearam seu comportamento, estão postos, assim como suas idéias acerca do universo e da humanidade.

Talvez em resposta ao mundo real, cheio de maldades e imperfeições, Maura idealiza um mundo que funciona de acordo com suas idéias.



O ideal de uma humanidade igualitária, socialmente justa, convivendo harmoniosamente com a natureza, sem os entraves econômicos tão comumente encontrados no mundo real, estão aí colocados. Maura não se resigna a aceitar passivamente o mundo como ele é e, talvez, por ser uma mulher combativa e atuante, propõe um novo mundo.

<sup>408</sup> PEREIRA, Maura de Senna. País de Rosamor, op. cit.

Já na epígrafe, Maura anuncia:

**"Não saio deste caminho:  
este caminho me leva  
ao País de Rosamor"**

Num primeiro momento, direciona-se atenção para a palavra que designa o seu reino: Rosamor. Este vocábulo é resultante da justaposição das palavras rosa e amor, em que a primeira, se liga convencionalmente aos conceitos de natureza e beleza e a segunda palavra se liga à idéia de adoração, afeição. Dessa justaposição, pode-se deduzir que neste reino somente coisas positivas e ligadas aos grandes ideais da humanidade teriam vez e voz.

Este pequeno poema reafirma sua crença no caminho escolhido desde a mais tenra idade; o caminho sempre perseguido por ela: do amor, da fraternidade e da poesia. E é por ele que se chegará ao seu mundo encantado, seu **País de Rosamor**.

Tal qual Alice no País das Maravilhas, Maura nos insere num mundo de magia e encantamento. Entretanto, diferentemente da reação de Alice, esse mundo novo não nos assusta, muito pelo contrário, nos extasia, nos deslumbra.

Ele é o reino do amor, onde a natureza é bela e benigna e onde a maldade, aqui representada pela metáfora do dragão, inexistente:

**"Eis que passam os nascidos entre cânticos  
eles que jamais viram  
nenhuma das faces do dragão"**

Esse país imaginário é habitado por pessoas com características pessoais e físicas, diferentes entre si mas, que compartilham valores semelhantes. É um mundo encantado, onde todos são igualmente importantes, e, como cidadãos, valem pesos iguais, apesar das diferenças. Local onde as diferenças de gênero, raça, posição social ou mesmo nível intelectual, não servem para discriminar as pessoas; ali as diferenças são contingenciais e não balizas nas quais a sociedade se baseia para diferenciar os melhores e os piores:

**"Delícia de ver agora**

**meus meninos - quanta cor:**  
**pretos brancos amarelos**  
**cor de pitanga e de amora**  
**cor de luar e trigueiros**  
**uns com os olhos dourados**  
**outros de verdes cabelos.**  
**Delícia de ver agora**  
**meus meninos - quanto amor:**  
**diferentes mas tão belos**  
**e sonhando tão unidos**  
**tão alegres companheiros**  
**como se fossem rebentos**  
**da mesma planta saídos..."**

Nesse país da multiplicidade, (diferentes mas tão belos) a característica primordial das pessoas é a comunhão de pensamentos. São basicamente seres para quem as questões primordiais do convívio social já estão resolvidas, restando-lhes então como função essencial: o desfrute da vida na mais ampla acepção da palavra, ou seja, o gozo de uma vida em que são fundamentais, os valores superiores como: o amor, o companheirismo, a fraternidade, etc... É um lugar, enfim, que reúne pessoas cujos valores diferem das pessoas do mundo real, onde as "pequenas" coisas desse mundo, como, por exemplo, o dinheiro, são desprezadas:

**"No momento em que cheguei**  
**era aurora em Rosamor.**  
**Primeiro passo que dei:**  
**ir ao rio me lavar**  
**das nódoas vis das moedas**  
**Rio encarnado da aurora**  
**logo tão negro ficou..."**

Esses valores decadentes, que privilegiam o "ter", são substituídos por outros, mais nobres, que privilegiam o "ser". Onde o que importa não é o tipo de vestimenta que se tem, mas o agasalho que proporciona; não é o tipo de casa em que se mora, mas o aconchego que promove; não é o tipo de trabalho que você desempenha, mas o quão ele é imprescindível para os outros.

Nesse país encantado, as pessoas vivem em paz entre si, e também com os animais e a natureza :

**" Delícia de ver agora  
cem meninos a pensar  
.....  
vê-los todos cirandar  
com os pombos e as serpentes"**

Nessa paz idílica, é possível encontrar uma harmonia mágica:

**"Com o leite das ovelhas  
por leão apascentadas  
doze filhos vou criar..."**

O trabalho é um direito de todos e a existência de diferentes tipos de atividades não permite a sua hierarquização. Dessa maneira, inexistente uma função mais importante que outra, pois, nesse reino, todos os esforços são feitos em função da comunidade, e nada é propriedade privada de ninguém:

**"...No meu, no nosso tear,  
teço com as companheiras  
o linho, brocado e lã  
para todas as mulheres...."**

Essa equidade do trabalho, que resulta na igual importância de todos os trabalhadores, leva-a a imaginar um reino onde a tarefa do rei seria desempenhada por todos, sucessivamente:

**"...Reinar aqui é rodízio  
e agora chegou a vez  
daquele que traça e planta  
os nossos jardins ovais.  
Tragam flores tragam flores..."**

O direito ao trabalho é um direito de todos, e, agregado a esse, todos têm direito ao amor:

**"Ainda trazendo sol e sal  
além do ímpeto e da esperança  
chegou o Amado..."**

Aliás, o amor, fundamental entre todos os seres humanos, também existe entre dois amantes. Mas, a união entre dois seres teria como único e forte motivo, o amor:

**"Nos casamentos**

**a boda é simples:  
em tórno - rosas  
em nós - amor".**

E a entrega amorosa seria total, sem nenhum turvamento:

**"Nada conspurca  
incompleta ou ensombra  
meu festim da entrega  
e o total carinho pela noite alta  
me faz tão sagrada  
que me julgo a terra..."**

E, pelo começo da tarde, já na hora do descanso:

**"Pelas aléias de jacintos  
passearei  
que a tarde começa  
e o labor é findo..."**

Nessas horas de lazer, aos cidadãos é dada a possibilidade de escolher: *"irei à encosta das grandes luzes ouvir os sábios?"* ou *"ao palácio dos poetas buscar a última canção?"* ou *"irei ao portossol ver a nave das estrêlas regressar?"*.

Em **País de Rosamor**, somente após muitos verões e outonos passarem, é que viria *"o lento inverno marcar o fim docemente"*. E este fim/morte é ternamente aceito por Maura, que deseja desintegrar-se na natureza para ser alimento e dar origem a outros seres vivos:

**"... Ah, eu sei que - um dia - estarei derramada  
em cinzas pelas companheiras rosas  
mas - antes - rosas brotarão de mim".**

O funcionamento desse mundo idealizado é de inteira responsabilidade dos homens. Nele, o motivo para se ter um comportamento ideal não é a recompensa de Deus, nem a promessa de uma vida futura melhor, mas, é o lugar onde cada pessoa é consciente de que dela depende a qualidade de sua vida e também de toda a comunidade, e onde a felicidade não está colocada numa promessa de vida futura, e sim na vida presente.

Maura não utiliza Deus como desculpa e motivo para todas as ações humanas, assim como não joga sobre ele a culpa por tudo aquilo que a humanidade não consegue realizar. No **País de Rosamor**, sendo as próprias pessoas responsáveis por todos os seus atos e falhas, Deus seria dispensável.

Mas, mesmo assim, Maura sente necessidade de erguer sua alma a um ser superior, e elege como figura importante de seu reino Nossa Senhora do Rosamor, e cria, para ela, um local de destaque - um altar - não para acolher pedidos, ou projeções de desejos pessoais, mas um local destinado à contrição e agradecimento:

**"Senhora, Nossa Senhora,  
Senhora de Rosamor,  
que assim seja todo dia  
para todo o sempre. Amém."**

Maura cria este reino de amor, como ponto de difusão através do qual todo o universo vai ser contaminado por suas "verdades". A conquista do resto do mundo será feita por seus filhos (pois *"já lhes tenho missão"*) que armados com: *"... rosas simplesmente / - nem com espadas nem punhais / com doze rosas sagradas / farão por terra tombar / a cabeça do Dragão..."*

E imaginando todo o universo contaminado por esses valores superiores, Maura o descreve como um lugar onde:

**"... Amor então se erguerá  
e rosas rebentarão  
na terra no céu no mar..."**

Nesta obra, Maura apresentou uma proposta de vida para a humanidade. Uma proposta romântica, idílica que refletiu, sobretudo, seu sonho de amor, liberdade e fraternidade para toda a humanidade.

E deixou à esta humanidade, um desafio: transformar esta visão estética do mundo em uma prática. É possível?

## POST SCRIPTUM

É praxe que em um trabalho acadêmico se proceda à uma conclusão. Tive dificuldades em fazê-la, pois acho que sobre uma pessoa é muito difícil concluir. Entretanto, é preciso ir em frente!

O estudo da vida, obra e pensamento de Maura de Senna Pereira, poetisa, jornalista e intelectual florianopolitana, foi um trabalho apaixonante e desafiador.

Apaixonante, porque pôde revelar uma experiência que desapareceu da memória de Florianópolis.

Desafiador, porque teve a finalidade de trazer à tona uma experiência esquecida, que foi perdida por esta sociedade. Isso porque a história de Maura foi uma história sufocada por uma *"história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos"*.<sup>409</sup>

Maura não limitou-se a colocar em discussão temas tidos como "tabus", mas também agiu, em diversas ocasiões, contrariamente ao discurso vigente. E, com essa postura, muitas vezes Maura intuiu temas e comportamentos que somente muitas décadas depois passaram a ser ventiladas. Pode-se afirmar, quase que certamente, que Maura avançou muito mais em seu comportamento do que em seus textos.

---

<sup>409</sup> BOSI, Ecléa, op. cit., p. XIX.

Com esse estudo, foi possível delinear o perfil de alguém que refletiu sobre a condição das mulheres e cuja obra teve uma temática ligada ao feminismo, ao amor, à natureza e ao social. Uma mulher que adiantou-se à sua época e provocou a discussão de novos temas, incentivou as mulheres a ocuparem novos papéis na sociedade e que ousou transgredir as normas vigentes dessa sociedade tão tradicional.

Suas preocupações levaram-na a incentivar as mulheres a assumirem novos papéis. Suas principais lutas foram travadas pelo direito à educação da <sup>mulher</sup>, igualdade intelectual entre homens e mulheres, direito ao voto e ao divórcio, incentivo às mulheres para obterem maior qualificação profissional.

A defesa intransigente dos excluídos e uma luta constante por liberdade e justiça social, foram também preocupações suas. A exaltação da natureza, principalmente da sua Ilha de Santa Catarina, é outro ponto que sempre mereceu sua atenção.

E todas essas lutas estavam subordinadas ao amor: ao próximo, ao injustiçado, aos oprimidos, à vida, à arte, etc...

Talvez, por ter nascido na elite florianopolitana, foi recebida acolhedoramente como intelectual, em uma sociedade ainda marcada por um sistema social que reservava às mulheres um espaço quase único de atuação - o doméstico.

Entretanto, processos de resistência a ela foram percebidos sem que, no entanto, fossem abertamente publicizados. Foi possível detectar, também, processos de dissimulação utilizados nesse jogo social, onde a tradicional sociedade florianopolitana assistia ao discurso feminista e socialista de Maura, sem um embate direto.

Até que um dia, Florianópolis torna-se pequena para esta mulher. E Maura vai buscar um novo espaço para viver e se expressar.

Pode-se dizer que Maura foi uma feminista. No entanto, foi o feminismo possível para a época, porque uma pessoa, por mais que inove, nunca está totalmente desligada de seu contexto, pois nos exprimimos de forma cultural e socialmente determinadas.<sup>410</sup>

Para perceber Maura, tive que me despojar de décadas de saberes que a humanidade foi amalhando durante o período que separa o seu tempo do meu, e tentar olhá-la com o olhar de sua época. Como diz Anatole France, *"para sentir o espírito de um tempo que já não existe, para fazer-se contemporâneo dos homens de outrora (...) a dificuldade não está tanto no que é preciso saber do que no que é preciso não saber mais. Se nós quisermos verdadeiramente viver no século XV, quanta coisa deveremos esquecer: ciências, métodos, todas as conquistas que fazem de nós modernos!"*<sup>411</sup>

Assim, não foi possível perceber Maura com o olhar do feminismo de hoje, em que diversas posturas suas, como a sacralização da maternidade, a aceitação da exclusiva responsabilidade feminina pelos trabalhos domésticos e outras, hoje seriam encaradas como anti-feministas. Foi preciso encará-la com os olhos do seu tempo e perceber que o seu feminismo foi o possível para a sua época.

Também é preciso ressaltar que, quando olho para Maura, não é só o meu olhar que a percebe. A ele se juntaram tantos outros olhares que, por diversas ocasiões, me indicaram aspectos dela que eu não tinha considerado, pois um trabalho individual está inscrito numa rede de interdependências cuja mescla vai formar a história daquele momento.<sup>412</sup>

Além da construção historiográfica não ser um trabalho isolado, Certeau ainda nos lembra, que para ser aceita, deve estar alicerçada na aceitação de seus pares. Deve mesclar o

<sup>410</sup> HALL, Michael M. História oral: os riscos da inocência. In: SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico é cidadania.** São Paulo, 1992. p. 157.

<sup>411</sup> France, Anatole apud BOSI, Ecléa. op. cit., p. 21.

<sup>412</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro : Forense-Universitária, [19--]. p. 72.

"eu" do escritor com o "nós" da instituição que o respalda e o habilita a falar o discurso histórico.<sup>413</sup>

A construção da história de vida de Maura de Senna Pereira foi a valorização de um passado de lutas, rebeldias e críticas. Foi também um esforço no sentido de mostrar como dentro de uma sociedade tradicional, com um discurso disciplinador e conformador, mulheres *"em diferentes situações recusaram seus destinos projetados, e através de múltiplas opções indicaram novas vidas, apontaram outros caminhos, rompendo os liames propostos para sua existência"*.<sup>414</sup>

E foi sobretudo a valorização de um sujeito feminino que contribuiu para que hoje se possa pensar em uma história de mulheres em Florianópolis.

Nas palavras de Maria Odila Dias, é importante a análise da experiência vivida porque ela pode permitir a abertura de caminhos originais. Interpretando identidades femininas do passado, pode-se vislumbrar os diferentes papéis que elas foram trilhando à margem do discurso estabelecido, assim como documentar a resistência das mulheres frente a este mesmo discurso.<sup>415</sup>

Dar publicidade à uma identidade feminina que resistiu ao padrão imposto por uma sociedade e vislumbrou outros papéis para as mulheres é um passo importante para reforçar a quebra de uma história totalizante e de conceitos fixos, que a historiografia atual já não aceita.

Para Michel de Certeau, uma das funções da escrita é o intuito de mudar a realidade que está posta.<sup>416</sup> Esta capacidade de transformação que a escrita tem, foi o que me moveu. Escrever sobre a história de vida de uma mulher que a sua própria sociedade esqueceu, é

<sup>413</sup> id. *ibid.*

<sup>414</sup> REIS, Maria Cândida Delgado, *op. cit.*, p. 115.

<sup>415</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1994. p. 374.

<sup>416</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis : Vozes, 1994. p. 226.

querer trazer novamente a Florianópolis a memória das lutas de suas mulheres. Não apenas para que não se esqueça, mas também para que se transforme a história dita "oficial", que não reconheceu as lutas das mulheres por uma mudança na forma de sua própria inserção na sociedade.

Escrever é fechar uma porta; é não mais permitir que o passado invada o meu presente. É esquecer!

É muito triste saber que o ato de fechar essa porta vai me distanciar de Maura e sobretudo, fazer com que eu mesma sinta saudades daquela pessoa que eu fui enquanto estava envolvida com ela.

Mas, vou fechar a porta, porque Maura permanecerá em mim.

## BIBLIOGRAFIA

### I. Jornais e Revistas pesquisados

- Jornal O Atalaia (SC) - 1924 à 1930.  
Jornal O Elegante (SC) - 1923 à 1925.  
Jornal A Época (SC) - 1920 à 1921.  
Jornal O Estado (SC) - 1926 à 1931.  
Jornal Folha Nova (SC) - 1926 à 1930.  
Jornal O Josephense ( SC) - 1926  
Jornal A Pátria (SC) - 1931.  
Jornal A República (SC) - 1926 à 1933.  
Jornal A Semana (SC) - 1914 à 1930.  
Jornal A Tarde (SC) - 1917.  
Jornal O Tempo (SC) - 1925 à 1926.  
Revista do Centro Catarinense de Letras (SC) - 1925.  
Revista Fon-Fon (RJ) - 1931.  
Revista Ilha Verde (SC) - 1930.  
Revista O Malho (RJ) - 1932.  
Revista Renovação - 1931.  
Revista Signo, da Academia Catarinense de Letras (SC) -  
Revista Travessia (SC) - 1990  
Revista Vida Doméstica (RJ) - 1932.  
Anuário Catarinense - 1950

## 2. OBRAS DE MAURA DE SENNA PEREIRA PESQUISADAS

PEREIRA, Maura de Senna. **Busco a palavra**. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1985. 184p.

-----. **Cântaro de ternura**. Florianópolis : Livr. Moderna, 1931. [43p]

-----. **Cantiga de amiga**. Rio de Janeiro : Achiamé, c1981. [23p]

-----. **Círculo sexto**. Rio de Janeiro : Organização Simões, 1959. 90p.

-----. **Despoemas**. Rio de Janeiro : Achiamé, c1980. [21p]

-----. **A dríade e os dardos**. Rio de Janeiro : Livr. São José, 1978. 160p.

-----. **Nós e o mundo**. Rio de Janeiro : Livr. São José, 1976. 149p.

-----. **País de Rosamor**. (Florianópolis) : Ed. do Livro de Arte, 1962. 41p.

-----. **Poemas do meio-dia**. [ sn : sl ], 1949.

-----. **Poemas- estórias**. Rio de Janeiro : Achiamé, 1984. [52p]

-----. **Sete poemas de amor**. Florianópolis : Sanfona, 1985. [7p]

-----. **Verbo Solto**. Rio de Janeiro : Livr. Kosmos, 1982. 102p.

## 3. ARTIGOS DE MAURA DE SENNA PEREIRA

### O Elegante

Flor - 01/07/23

Saudade e lágrimas - 15/07/23

Volvamos nossas vistas para porvir - 31/05/25

Mães - 14/06/25

### O Atalaia

Mau applauso - mar/24

Symbolos perfeitos - maio/24

Homenagem - jun/24

Salve! Os Atalaias - jul/24

Evangelho - ago/24  
 Agar Alves Nunes - set/24  
 Fraternidade - out/24  
 Discurso - nov/24  
 Natal - dez/24  
 Actividades femininas - ago/set/25  
 Ruth, a Moabita - abr/26  
 Postal - jul/26  
 Hynno do coração - ago/26

## **O Josephense**

Volvamos nossas vistas para o porvir - 14/2/26

## **A Semana**

A carta de renuncia - 01/11/28  
 Retalhos de carta - 06/12/28  
 Alma de mulher - 24/01/29  
 Saudação à Miss Santa Catarina - 09/05/29  
 Derrota - 05/09/29  
 Milagre - 26/09/29  
 Orgulho - 03/10/29 e 17/10/29  
 Meu Samuelzinho - 24/10/29  
 Bendito trabalho de mães e professores - 31/10/29  
 Dois artigos - 07/11/29  
 O medo da saudade - 02/01/30  
 Letras votivas - 09/01/30  
 A palavra mágica - 03/07/30  
 Canção da saudade que não morre - 10/07/30  
 A carta de uma artista - 21/08/30  
 A boneca - 28/08/30  
 Elogia da beleza - 11/09/30  
 Fada-madrinha - 18/09/30  
 Mar - 18/09/30  
 Canção da vitória derrotada - 09/10/30  
 Apartamento de boneca/ Você - 13/11/30  
 Genuflexão - 07/08/30

## **O Tempo**

Mano - 30/04/26  
 Ave, Mães! - 09/05/26  
 Virgilina - 30/05/26

## Folha Nova

A seção "À la garçonne" foi publicada nos dias:

nov/26: 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27.

dez/26: 03, 04, 08

## O Estado

Lagoa da Conceição - Suplemento Literário de 17/10/57

## República

Triumpho feminino - 10/10/26

Anjos - 12/10/26

Discurso - 21/10/26

As violetas que me deste - 07/11/26 , 19/10/26 e 10/04/27

Os surtos do feminismo em Santa Catarina - 12/11/26

Nesgas - 12/12/26

Retalhos de carta - 25/12/26

Dos desvãos da alma - 31/12/26

Anno Novo - 01/01/27

Eu - 07/01/27 e 03/04/27

Hynno do coração - 11/01/27

Chamma e dôr - 30/01/27

A orchestra do nosso amor - 01/03/27

Então eu pensei em ti - 20/03/27

Num minuto de philosophia - 27/03/27 e 03/06/27

Theatro Álvaro de Carvalho - 09/04/27

O sonho de minha mão - 22/05/27

Meu Samuelzinho - 17/07/27

Palavras ao professor - 24/07/27

No album de Lacyr - 24/07/27

Almas - 28/08/27

Dolor meus / Sem echo - 18/09/27

Anjos - 12/10/27

A coroação de sua majestade a Rainha - 29/10/27

Deificação - 29/04/28

Teu retrato - 06/05/28

Sobre o voto feminino - 30/06/28

Sofismo - 03/07/28

Sobre Julia Barbosa e o voto feminino - 04/07/28

Grazia Deledda - 05/07/28

Margety Ashby e o voto - 06/07/28

Japoneses - 07/07/28

Associação de jovens - 10/07/28

Escotismo - 11/07/28

Foi, há tempo - 12/07/28

Dever-se-ia - 13/07/28  
Fraternidade - 14/07/28  
Um dos mais esplendidos - 15/07/28  
Os brasileiros - 17/07/28  
A missão do professor - 18/07/28  
A morte - 19/07/28  
Maria Lacerda de Moura - 20/07/28  
No século - 21/07/28  
Saibamos - 22/07/28  
Revista Feminina - 24/07/28  
Liga do Magistério - 25/07/28  
Ao anseio - 26/07/28  
Com o alvo - 27/07/28  
A Associação Mantenedora - 28/07/28  
Nysia Floresta - 01/08/28  
Concluíram - 02/08/28  
Se a visita - 03/08/28  
Ha um heroísmo - 07/08/28  
Numa das ultimas - 08/08/28  
O sonho da fraternidade - 09/08/28  
Artistas consagrados - 10/08/28  
Oh! como é - 11/08/28  
Que ambição - 14/08/28  
Desde quasi - 15/08/28  
Enthusiasma-nos - 16/08/28  
Já por... - 17/08/28  
Walkyria Goulart - 18/08/28  
Existem ideaes - 19/08/28  
A dôr - 22/08/28  
Caixa de esmolas - 23/08/28  
Uma collaboraçãõ - 25/08/28  
Abençoada - 26/08/28  
Como, às vêzes - 31/08/28  
Na successãõ - 01/09/28  
Dentro, embora - 02/09/28  
Feminismo - 05/09/28  
Oh! as dôres - 09/09/28  
A necessidade - 10/09/28  
Mietta Santiago - 20/09/28  
Festa da Primavera - 21/09/28  
Nossa Senhora da Primavera - 22/09/28  
A primavera - 25/09/28  
Um apêgo - 26/09/28  
A alma de Santa Catarina - 28/09/28  
Na data - 06/10/28  
Associação Brasileira de Educação - 07/10/28  
Neste violento - 09/10/28  
Duas homenagens - 14/10/28

Não são todas - 20/10/28  
Este domingo - 21/10/28  
Caras y caretas - 24/10/28  
Governo A. Konder - 27/10/28  
Como nos - 02/11/28  
Ruy Barbosa - 04/11/28  
Acabamos de ler - 07/11/28  
A resignação - 08/11/28  
Alfredo Batelli - 09/11/28  
Ondina Gheur - 11/11/28 e 12/12/28  
Nesta formosa - 14/11/28  
15 de novembro - 15/11/28  
A imprensa norte-americana - 21/11/28  
Que ironia - 28/11/28  
Está toda - 29/11/28  
Essa determinação - 02/12/28  
O mal - 05/12/28  
A derrota - 14/12/28  
Na tarde - 20/12/28  
Tarde de Natal - 25/12/28  
Francisco Villaespera - 27/12/28  
Não só o Rio Grande do Sul - 29/12/28  
Nesta alvorada - 04/01/29  
Anita Garibaldi - 06/01/29  
É nobre - 08/01/29  
Oh! como é doloroso - 09/01/29  
A dôr - 10/01/29  
Apareceu um dia - 13/01/29  
Germano Thomp - 16/01/29  
Que ambição de sossêgo - 17/01/29  
Quando a camandula - 22/01/29  
Oração da senhorinha Maura - 26/03/29  
Afilhadinho das rosas - 08/ 10/29  
Colombo - 12/10/29  
O medo da saudade - 23/10/29  
Rito do dia de Finados - 02/11/29  
A história do dia de Natal - 25/12/29  
Conversa com o Ano Bom - 01/01/30 e 01/01/31  
Bric-à-brac - 16/08/30  
Glória - 03/01/31  
Guisos - 09/01/31  
Miragem - 10/01/31  
A sugestão do azul / Meu pequenino senhor - 11/01/31  
Tempo perdido - 13/01/31  
Saudade - 14/01/31  
Nos teus olhos - 15/01/31  
Senhor destino - 16/01/31  
A serpentina verde - 15/02/31

O bilhete do regresso - 22/02/31  
 Legenda da minha alma - 01/03/31  
 Espumas - 08/03/31  
 Êxtase selvagem - 15/03/31  
 Rústica - 22/03/31  
 A misteriosa cisterna - 29/03/31  
 Divino Crucificado - 03/04/31  
 Natal de um poema - 12/04/31  
 Algumas atitudes de dor - 19/04/31  
 Música - 26/04/31  
 Maio - 03/05/31.

**Observação:** quando o artigo não possui título, foi considerado como o mesmo, as palavras que iniciam o texto.

A página literária "Domingo Literário" foi publicada nas seguintes datas: 03/05/31 - 10/05/31 - 24/05/31 - 31/05/31 - 07/06/31 - 14/06/31 - 21/06/31 - 28/06/31 - 05/07/31 - 12/07/31 - 19/07/31 - 26/07/31 - 02/08/31 - 09/08/31 - 16/08/31 - 23/08/31 - 30/08/31 - 06/09/31 - 13/09/31 - 20/09/31 - 27/09/31 - 03/10/31 - 11/10/31 - 18/10/31 - 24/10/31 - 01/11/31 - 08/11/31 - 15/11/31 - 22/11/31 - 29/11/31 - 06/12/31 - 13/12/31 - 20/12/31 - 27/12/31 - 03/01/32 - 10/01/32 - 17/01/32 - 24/01/32 - 08/02/32 - 14/02/32 - 21/02/32 - 28/02/32 - 06/03/32 - 13/03/32 - 20/03/32 - 27/03/32 - 03/04/32 - 10/04/32 - 17/04/32 - 24/04/32 - 01/05/32 - 08/05/32 - 15/05/32 - 22/05/32 - 29/05/32 - 12/06/32 - 19/06/32 - 26/06/32 - 03/07/32 - 10/07/32 - 17/07/32 - 24/07/32 - 31/07/32 - 07/08/32 - 14/08/32 - 21/08/32 - 28/08/32 - 04/09/32 - 11/09/32 - 18/09/32 - 25/09/32 - 02/10/32 - 09/10/32 - 16/10/32 - 23/10/32 - 30/10/32 - 13/11/32 - 20/11/32 - 27/11/32 - 04/12/32 - 11/12/32 - 18/12/32 - 25/12/32 - 01/01/33 - 15/01/33 - 22/01/33 - 29/01/33 - 05/02/33 - 26/02/33 - 12/03/33 - 19/03/33 - 26/03/33 - 02/04/33 - 09/04/33 - 16/04/33 - 23/04/33 - 30/04/33 - 07/05/33 - 14/05/33 - 21/05/33 - 28/05/33 - 04/06/33 - 11/06/33 - 18/06/33 - 25/06/33 - 02/07/33 - 09/07/33 - 16/07/33 - 23/07/33 - 30/07/33 - 06/08/33 - 13/08/33 - 20/08/33 - 27/08/33 - 03/09/33 - 10/09/33 - 17/09/33.

## **Revista do Centro Catarinense de Letras**

Ruth, a Moabita - maio/25  
 Libertas Mulieris - set/25

## **Ilha Verde**

Um rouxinol que voou para o céu - ago/30

## **Renovação**

Confissão - n.1

A sugestão do azul - n.2

## **Anuário Catarinense**

Subversão - 1950

## **Revista Fon-Fon**

Espumas - 31/01/31

Rezar - 07/02/31

A serpentina verde - 14/02/31

## **Revista Vida Doméstica**

Cântico dos Cânticos - abr/32

A Faculdade de Direito em Santa Catarina - jun/32

## **Revista Travessia**

Entre Jerônimos ilustres - 1990

## **Revista Signo**

Discurso - v.3, n.3, 1970

## **4. ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR MAURA DE SENNA PEREIRA**

O jornalismo, a história e a poesia em Santa Catarina. **República**, Florianópolis, 26 fev. 1931.

A saga de Maura: resposta a questionário do Prof. Ricciardi. **Folha da Cultura**, Florianópolis, v.2, n.6, jul. 94.

Uma poeta em corpo a corpo com a vida: entrevista concedida à Colaca Grangeiro e Silveira de Souza. **Jornal Cultura**, Florianópolis, jul. 1990.

Maura de Senna Pereira. Entrevista concedida a Miguel Jorge. **Suplemento Cultural**, Goiânia, 31/12/78.

Maura Senna: ai de quem para no tempo e se torna incapaz de dialogar com as gerações mais novas. Entrevista concedida a José Teixeira Peroba (recorte sem dados bibliográficos)

## 5. DEPOIMENTOS ORAIS

Entrevista com a Sra. Mariazinha Senna Pereira. Florianópolis, 16/08/95.

Entrevista com Sra. Fernanda Silva. Florianópolis, 25/03/96.

Entrevista com Sra. Sílvia Amélia Carneiro da Cunha. Florianópolis, 02/08/96.

Depoimento informal com Sr. Iaponan Soares, Florianópolis, novembro de 1995.

Depoimento informal com Sr. Paschoal Apóstolo Pitsica. Florianópolis, 26/07/95.

## 6. DEPOIMENTOS ESCRITOS

CARTA DE ZAURA DUPONT. Rio de Janeiro, 15/08/95.

CARTA DE ZAURA DUPONT. Rio de Janeiro, 08/09/95.

## 7. LIVROS E ARTIGOS

1. ACADEMIA Catarinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v. 10, n. 3219, 09 mar. 1925..
2. ALMEIDA, Maria Amélia. O ideário feminista na Bahia nos anos 30. **História**, São Paulo, v.12.
3. ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.
4. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
5. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo : Brasiliense, 1985.
6. BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?**: Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo : T.A. Queiroz, 1988.
7. BERTOLINO, Pedro. **Viagens com Maura**. Florianópolis: Ed. da ACL, 1993.
8. BICALHO, Maria Fernanda. **O belo sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
9. BOITEUX, José. Recepção de Maura de Senna Pereira. **Signo - Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, v.3, n.3, 1970.

10. BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1977.
11. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: EDUSP, 1987.
12. BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.
13. BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo : Cia das Letras, 1989.
14. ----- (Org). **A escrita da história**. São Paulo : UNESP, 1992.
15. ----- **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo : Brasiliense, 1990.
16. CALLADO, Ana. Uma Walkyria entra em cena em 1934. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1994.
17. CAMPOS, Augusto de. **Pagu: vida-obra**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
18. CARDOZO, Flávio José. **Senhora do meu Destêrro: crônicas**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes; Lunardelli, 1991.
19. CARVALHO, Francisco. Poema das rosas de Maura. (sem informações bibliográficas)
20. CARVALHO, Nanci Valadares (Org). **A condição feminina**. São Paulo : Vértice : Revista dos Tribunais, 1988.
21. CEGALLA, Domingos Paschoal. **Hora da comunicação: 5. série**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, [19--].
22. CELSO, Maria Eugenia. Femina. **República**, Florianópolis, v.1, n. 270, 13 set. 1931.
23. CENTRO CATARINENSE. **Estatutos do Centro Catarinense**. Rio de Janeiro, 1951.
24. CENTRO Catharinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v.10, n. 3229, 20 mar. 1925.
25. CENTRO Catharinense de Letras. **O Estado**, Florianópolis, v.10, n. 3237, 30 mar. 1925.
26. CENTRO Catharinense de Letras. **O Tempo**, Florianópolis, v.1, n. 237, 18 out. 1925.
27. CENTRO DE ASSISTENCIA GERENCIAL. **Evolução histórico-econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: CEAG/SC, 1980.
28. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro : Forense-Universitária,[19--]
29. ----- **A invenção do cotidiano**. Petrópolis : Vozes, 1994.

30. CHALOUB, Sidney. **Visões de liberdade**. São Paulo : Cia das Letras, 1990.
31. CHARTIER, Roger. Diferenças entre sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**, [s.l.], v.4, 1995.
32. -----. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil ; Lisboa : Difel, c1988.
33. -----. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos históricos**, v.7, n.13, 1994.
34. CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1993.
35. CHEREM, Rosangela. **Caminhos para muitos possíveis**. Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.
36. CLUB 12 de Agosto e Lyra Tennis Club Florianópolis. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n. 1029, 24 mar. 1930.
37. COELHO, Acy. A educação de Eva. **O Tempo**, Florianópolis, v.1, n. 168, 26 jul. 1925.
38. COLLAÇÃO de grau das normalistas de 1927. **República**, Florianópolis, v. 2, n. 354, 06 dez. 1927.
39. COMO pensa uma líder feminista sobre o divórcio. **A Gazeta**, Florianópolis, v.1, n.1, 07 jan. 1934.
40. CONFERÊNCIA Estadual de Ensino Primário. **O Estado**, Florianópolis, v.13, n. 3956, 06 ago. 1927.
41. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA 9., [19--], Florianópolis. **Anais...** Florianópolis : [ s.n., 19--].
42. A COROAÇÃO da Rainha da Mocidade. **República**, Florianópolis, v.2, n.324, 29 out. 1927.
43. CORRÊA, Carlos Humberto. **Lições de política e cultura** : a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder. Florianópolis : Academia Catarinense de Letras, 1996.
44. -----. Minorias intelectuais e o Centro Catarinense de Letras. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 1/7/1995. Diário de Cultura.
45. -----. A Revista Terra e a formação da Academia Catarinense de Letras (texto)
46. -----. **Um estado entre duas Repúblicas**: a Revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35. Florianópolis : Ed. da UFSC; Assembléia Legislativa do Estado, 1984.

47. CUNHA, Maria Teresa Santos Cunha. **Educação e sedução: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1995.
48. CUNHA, Sílvia Amélia Carneiro da. Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992.
49. DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
50. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1994.
51. -----. **Quotidiano e poder: em São Paulo no século XIX.** 2.ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.
52. DINIZ, Eli. Retorno às origens. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro, v.2,n.2, 1994.
53. DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII.** São Paulo : Cia das Letras, 1995.
54. DUQUE. No jardim Oliveira Belo. **A Tarde**, Florianópolis, v.1, n.13, 05 dez.1917.
55. ELEIÇÃO da rainha dos empregados no Commercio, **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n. 1197, 09 out. 1930.
56. ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro : Zahar, 1994.
57. -----. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro : Zahar, c1939.
58. ESCOLA Normal. **República**, Florianópolis, v.14, n.67, 19 dez. 1918.
59. ESCOLA Normal. **República**, Florianópolis, v.19, n. 1589, 01 mar. 1924.
60. ESCOLA Normal: colação de grau. **Folha Nova**, Florianópolis, v.1, n. 308, 10 nov. 1927.
61. FAUSTO, Boris. **A revolução de 30.** São Paulo : Brasiliense, 1986.
62. FELDMAN-BIANCO, Bela, HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1995.
63. FERNANDES, Maria Ester. A "história de vida" como instrumento de captação da realidade social. **História**, São Paulo, v.12, 1993.
64. FERREIRA, Sérgio Luiz. **O banho de mar na Ilha de Santa Catarina: 1900-1970.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

65. FIGUEIREDO, Laura de. **Vanguarda**, [s.l.], 04 dez. 1953.
66. FLORESTA, Nísia. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. São Paulo: Cortez, 1989.
67. ----- **Opúsculo humanitário**. São Paulo : Cortez; Brasília: INEP, 1989.
68. FOLHA Nova, Florianópolis, v.1, n. 106, 24 mar. 1927.
69. FOSTER, Thomas. History, critical theory and women's social practices. In: **Signs journal oswomen's in culture and society**, v. 14, 1988.
70. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11.ed. Rio de Janeiro:Graal, 1993.
71. ----- **História da sexualidade 2 : o uso dos prazeres**. 7.ed. Rio de Janeiro : Graal, 1994.
72. ----- **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro:Graal, 1993.
73. ----- **Vigiar e punir**. 13.ed. Petrópolis : Vozes, 1996.
74. FOX-GENOVESE, Elizabeth. Placing women's history in history. **New Left Review**, n.13, maio-jun. 1982.
75. FUTEBOL nas ruas. **A Pátria**, Florianópolis, v.1, n.289, 09 dez. 1931.
76. GARCIA, Aurora Ponzio. Chiquinha Gonzaga. **Leitura**, São Paulo, v.11, n.124, set.1992.
77. GASS, William. A arte do self. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21/08/94. Caderno Mais.
78. GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
79. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro:Zahar, 1978.
80. GOLDENBERG, Mirian et al. Dossiê Leila Diniz. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 1994.
81. GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.
82. GRANDE concurso cinematográfico do Cinema Ideal. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n. 1196, 08 out. 1930.
83. HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

84. HACK, Osvaldo Henrique. **A história da Igreja Presbiteriana em Florianópolis.** Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.
85. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
86. A HOMENAGEM da mulher catarinense. **República**, Florianópolis, v. 1, n.7, 02 nov. 1930.
87. HORAS de arte. **República**, Florianópolis, v.2, n. 431, 08 mar. 1928.
88. HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo : Martins Fontes, 1992.
89. IBSEN, Henrik. **Casa de boneca.** Rio de Janeiro: Abril Cultural, c1976. ( Teatro vivo)
90. ILHA, Maria da (Antonieta de Barros). **Farrapos de idéias.** Florianópolis : Imprensa Oficial, 1932.
91. IMPONENTE manifestação de apreço ao Sr. Nereu Ramos. **A Semana**, Florianópolis, v.3, n. 110, 04 dez. 1930.
92. AS JOVENS chilenas e as modas indecentes. **A Época**, Florianópolis, v.11, n. 41, 09 jul. 1921.
93. JUNKES, Lauro (Org). **Antologia.** Florianópolis : Academia Catarinense de Letras, 1991.
94. -----. Do enraizamento telúrico. In: PEREIRA, Maura de Senna. **Busco a palavra.** Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1985.
95. -----. **Presença da poesia em Santa Catarina.** Florianópolis : Lunardelli, 1979.
96. KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo : Global, 1982.
97. LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo : Atlas, 1991.
98. LEITE, Miriam Moreira. **Outra face do feminismo:** Maria Lacerda de Moura. São Paulo:Atica, 1984.
99. LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. **Annales ESC**, Paris, n.6, nov. - dec. 1989.
100. LUÍS, Agustina Bessa. **A vida e a obra de Florbela Espanca.** Lisboa : Arcadia, 1979.
101. LUSTOSA, Maria Isabel. **Brasil pelo método confuso:** humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1993.
102. MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

103. MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo : Siciliano, 1995.
104. A MANHÃ, Rio de Janeiro, 08 mar. 1953.
105. MARINA Silveira. **A Tarde**, Florianópolis, v.1, n. 19, 12 fev. 1917.
106. MELO, Osvaldo Ferreira. **História sócio-cultural de Florianópolis**. Florianópolis : Clube 12 de Agosto : IHGSC, 1991.
107. ----- . **Introdução à história da literatura catarinense**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958.
108. MICELLI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil: (1920 - 1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
109. MISS Brasil. **República**, Florianópolis, v.3, n. 694, 22 jan. 1929.
110. MORIN, Edgar et al. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
111. MOTT, Maria Lúcia de Barros. Biografia de uma revoltada: Ercília Nogueira Cobra. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.58, ago. 1986.
112. MOURA, Maria Lacerda de. **Religião do amor e da beleza**. São Paulo : Typ. Paulista, 1924.
113. NINGUEM, José. Filosofia. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.18, 29 jul. 1923.
114. NOLASCO, Sérgio. A família. **A Época**, Florianópolis, v. 11, n. 9, 27 nov. 1920.
115. A OFERTA da bandeira ao destroyer "Santa Catarina". **Folha Nova**, Florianópolis, v.3, n. 727, 25 mar. 1929.
116. ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas : Ed. da UNICAMP, 1993.
117. PAÇO, Acrísio do. A proposito das colaborações femininas. **O Elegante**, Florianópolis, v.1, n.13, 24 jun. 1923.
118. PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe (1880-1920)**. Tese ( Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
119. ----- . **Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Destêrro no século XIX**. Florianópolis : Ed. da UFSC, 1995.
120. ----- . Relações de gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n.2, 1994.

121. PELA instrução. **Folha Nova**, Florianópolis, v.2, n. 406, 02 mar. 1928.
122. PEREIRA, Francisco José. **As duas mortes de Crispim Mira**. Florianópolis: Lunardelli, 1992.
123. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
124. PIAZZA, Walter Fernando. A Academia Catarinense de Letras. **Signo - Revista Ca Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, v.3, n.3, 1970.
125. PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. São Paulo : Iluminuras, 1987.
126. PRIMEIRO recital de Zita Coelho Netto. **República**, Florianópolis, v.1, n. 244, 23 jul. 1927.
127. QUAL o poeta catarinense mais apreciado. **Folha Nova**, Florianópolis, v.4, n.1198, 11 nov. 1930.
128. AS RAÍZES do Instituto. **Diário Catarinense**, Florianópolis, n. 20, 20 mar. 1996. DC - Documento: Florianópolis: origens e destino de uma cidade à beira-mar.
129. REIS, M. Cândida Delgado. **Tessitura de destinos: mulher e educação**, São Paulo 1910/20/30. São Paulo: EDUC, [19--].
130. REVISTA do Centro Catarinense de Letras, Florianópolis, v.1, n.1, maio 1925.
131. RIBEIRO, Renato Janine. Cinderela sem complexos. **Revista USP**, São Paulo, n.16, dez/jan/fev. 1992-3.
132. RIO DE JANEIRO. Assembléia Legislativa. **Diário Oficial do Estado**. Rio de Janeiro, set.1973.
133. RIZIERI, Regina. O feminismo e a mulher. **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, 26 set. 1931.
134. ROSALDO, Michele, LAMPHERE, Louise (Coord.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
135. S. A Igreja Catholica. **O Estado**, Florianópolis, v.17, n. 5336, 09 jul. 1931.
136. SABINO, Lina Leal. **Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: FCC, 1981.
137. SACHET, Celestino. **A literatura catarinense**. Florianópolis : Lunardelli, 1985.
138. ----- . **As transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina**. Florianópolis : UDESC : EDEME, 1974.

139. ----- Sessão saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992.
140. SALEM, Tania. O casal igualitário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.3, n.9, 03 fev. 1989.
141. SAN THIAGO, Arnaldo. **História da literatura catarinense**. Rio de Janeiro : [s.n], 1957.
142. SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas das letras**. São Paulo : Cia. das Letras, 1989.
143. SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo, 1992.
144. SCHMEIL, Lilian. **Memórias da UBRO**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.
145. SCHMIDT, Affonso. A nossa grande poetisa. **Folha da Manhã**, (sem informações bibliográficas)
146. SCHMIDT, Carlos Ronaldo. ( sem informações bibliográficas).
147. ----- Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992.
148. SCHMITZ, Paulo Clovis (Org). **Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura : Paralelo 27, [19--].
149. SERAFIM, Sylvia. **Terra de absurdos**. (sem informações bibliográficas)
150. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
151. SILVEIRA, Delminda. **Lises e martyrios**. Florianópolis : Typ. Gutemberg, 1908.
152. SINGER, Paul, BRANT, Vinicius C. **São Paulo: o povo em movimento**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
153. SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco**. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
154. SODRE, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
155. SOUZA, João Paulo Silveira de. Sessão de saudade. **Revista da Academia Catarinense de Letras**, Florianópolis, n.11, 1992.

156. STERNBACH, Nancy et al. **Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. Estudos Feministas**, v.2, n.2, 1994.
157. TABORDA, A. Ditar o dever às brasileiras. **O Estado**, Florianópolis, v.13, n.3980, 03 set. 1927.
158. -----. Professoras casadas. **O Estado**, Florianópolis, v. 13, n. 3958, 09 ago. 1927.
159. O TEMPO, Florianópolis, 07 maio 1926.
160. THEATRO "Alvaro de Carvalho". **República**, Florianópolis, v.1, n.160, 09 abr. 1927.
161. THOMPSON, E. P. **Tradicion, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona : Editorial Crítica, 1984.
162. VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis : memória urbana**. Florianópolis : Fundação Franklin Cascaes, 1993.
163. VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro : Zahar, 1986.
164. OS VENCIMENTOS das professoras. **O Estado**, Florianópolis, v.13, n.3979, 02 set. 1927.
165. VIEIRA, Amazile de Holanda. **O Instituto Polytécnico no contexto sócio-cultural de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1979.
166. O VOTO da mulher. **A Época**, Florianópolis, v.11, n. 43, 06 ago. 1921.
167. WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo : Ed. da USP, 1994.